

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

FACULDADE DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS



COMUNIDADE DE LEITORES

- Vinte Razões para Ler -

Cristina Maria Rebelo Salvado Vicente

COVILHÃ

JUNHO de 2010

COMUNIDADE DE LEITORES

- Vinte Razões para Ler -

Candidata: Cristina Maria Rebelo Salvado Vicente

**Orientadora: Prof^a. Doutora Maria da Graça
Sardinha**

Dissertação de 2^º Ciclo em Estudos Ibéricos conducente ao grau de Mestre, apresentada à Universidade da Beira Interior.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	8
Resumo	9
Abstract	10
INTRODUÇÃO	12

CAPÍTULO I – COMUNIDADE DE LEITORES

1.1. Promoção de leitores: modos e formas de promover a leitura	24
1.2. A leitura da literatura e sua função	30
1.3. A diversidade de leituras e de leitores	36
1.4. Formação de crianças leitoras e hábitos de leitura	39

CAPÍTULO II – A LITERATURA INFANTIL

2.1. A História da Literatura Infantil através dos tempos	49
2.1.1. Da Idade Média ao século XVI	51
2.1.2. Os séculos XVII e XVIII	53
2.1.3. Do Século XIX ao XX	54
2.2. Mediação leitora: Quem é o verdadeiro mediador de leitura?	56

CAPÍTULO III – OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJECTO

3.1. Tipo de abordagem investigativa	64
3.2. Caracterização do público-alvo	66
3.3. Competências do currículo nacional e planificação anual: sua articulação	71
3.4. Apresentação e justificação do estudo: metodologia do trabalho	74
3.4.1. Abordagem às actividades: início e justificação	80
3.4.2. Obras seleccionadas	84
3.4.3. Razões apresentadas para a escolha das obras	86

3.4.4. Resenha, análise e reflexão/avaliação das histórias	87
3.4.4.1. Primeira história	88
3.4.4.2. Segunda história	104
3.4.4.3. Terceira história	122
3.4.5. Conclusões	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
BIBLIOGRAFIA	147
WEBGRAFIA	152
ANEXOS	

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - O patinho a eclodir do ovo	92
Imagem 2 - Capa e contra capa da 1ª história “O Patinho Feio”	95
Imagem 3 - Características físicas e psicológicas da personagem Central	99
Imagem 4 - Capa e contra capa da 2ª história “O Elefante Zacarias”	100
Imagem 5 - Características físicas e psicológicas da personagem Central	116
Imagem 6 - Diagrama de Venn (intersecção de características)	117
Imagem 7 - O planisfério	124
Imagem 8 - Caixa com provérbios	126
Imagem 9 - Distribuição de povos no Mundo	133
Imagem 10 - Fotografias do Teatro “Meninos de todas as cores”	135
Imagem 11 - Livro de receitas “O Cozinheiro Guloso”	138
Imagem 12 - Cartaz conclusivo do trabalho desenvolvido pela turma	145

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Bibliotecas criadas nas escolas do 1º Ciclo	25
Quadro 2 - Modelos teóricos da (pedagogia da) literacia	60
Quadro 3 - Constituição de turma	66
Quadro 4 - Competências específicas	71
Quadro 5 - Planificação anual (2009/2010)	73
Quadro 6 - Competências gerais e descritores de desempenho	76
Quadro 7 - Quadro de respostas	81
Quadro 8 - As obras seleccionadas	85
Quadro 9 - Objectivos a atingir (1ª obra)	90
Quadro 10 - Palavras da mesma área vocabular	93
Quadro 11 - Aferição de conhecimentos	94
Quadro 12 – Sinónimos	97
Quadro 13 - Quadro comparativo de características físicas e Psicológicas	100
Quadro 14 - Comportamentos assertivos e não assertivos	101
Quadro 15 - Reflexão/Avaliação da 1ª história infantil	102
Quadro 16 - Objectivos a atingir (2ª obra)	109
Quadro 17 - Conclusões a retirar da observação da capa e contra capa	111
Quadro 18 - Informações a recolher	113
Quadro 19 - Reflexão/avaliação da 2ª história infantil	114
Quadro 20 - Reflexão/avaliação da 2ª história infantil	118
Quadro 21 - Aferição de conhecimentos	119
Quadro 22 - Reflexão/avaliação da 2ª história infantil	120
Quadro 23 - Objectivos a atingir (3ª obra)	125
Quadro 24 - Caracterização dos valores simbólicos contidos nos Provérbios	130
Quadro 25 - Sugestões para facilitação do trabalho	134
Quadro 26 - Reflexão/avaliação das actividades	136
Quadro 27 – Conclusões	139

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Canção de “Todos os patinhos”	II
Anexo 2 – Escrita de texto criativo	III
Anexo 3 – Características físicas e psicológicas do “Patinho feio”	V
Anexo 4 – Características físicas e psicológicas do aluno	VII
Anexo 5 – História do “Patinho Feio” adaptada pelos alunos	IX
Anexo 6 – Ficha de aferição de conhecimentos acerca da observação de elementos paratextuais da história do “Elefante Zacarias”	XVIII
Anexo 7 – Auto-avaliação de conhecimentos acerca da observação de elementos paratextuais da história do “Elefante Zacarias”	XX
Anexo 8 - Características físicas e psicológicas do “Elefante Zacarias”	XXII
Anexo 9 – Intersecção de características físicas e psicológicas	XXIV
Anexo 10 – Ficha de aferição	XXVII
Anexo 11 – Canção “Ter um amigo”	XXIX
Anexo 12 - Ficha de sugestão de actividades para trabalhar “meninos de todas as cores”	XXX

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Maria da Graça D' Almeida Sardinha pela orientação, apoio e constante disponibilidade que demonstrou ao longo deste mestrado;

às amigas e colegas de escola pelo apoio moral;

aos alunos da turma que participaram neste projecto;

aos pais/encarregados de educação que apoiaram e ajudaram à concretização do trabalho programado;

aos meus pais, filha e, especialmente, ao meu marido pela colaboração, carinho, estímulo e compreensão .

RESUMO

Nas últimas décadas muito se tem investigado e muitos estudos têm sido feitos pelos responsáveis do poder político, em termos de educação, no sentido de promover a leitura e combater a iliteracia.

A leitura está na ordem do dia e, de facto, nunca se falou tanto em livros, bibliotecas, leitura e leitores.

Nos nossos tempos, a leitura apresenta quase um carácter meramente utilitário, lendo-se porque se é obrigado, sendo a leitura não um fim, antes um meio de sobreviver num mundo onde as letras estão por todo o lado. Com efeito, aprende-se a ler, porém não se gosta de ler. Parece existir alguma procura para se estar minimamente informado, no entanto, a leitura como fonte de conhecimento não atrai a grande maioria dos leitores.

Ora, a escola tem um papel fundamental na formação de leitores competentes, reflexivos, críticos e autónomos. Todavia, a escola, por si só, não pode formar o tipo de leitores supracitados. A família, um lugar de primeira socialização, tem, obrigatoriamente, que participar na educação dos seus filhos/educandos e, obviamente, na formação de leitores.

Numa perspectiva abrangente, que vai muito para além do processo de aquisição das competências de leitura, a formação de leitores torna-se uma responsabilidade partilhada entre pais, professores e bibliotecários, ou seja, é determinante que tudo aconteça dentro do triângulo “família – escola – biblioteca”.

Foi, nesse sentido, e tentando que as famílias possam interagir com a escola, que nasceu a nossa Comunidade de Leitores, cerne da nossa dissertação, que terá um espírito o mais democrático possível ao envolver a comunidade educativa e as famílias dos nossos alunos.

“As vinte razões para ler”, com algumas adaptações, feitas por nós, da fundação Germán Sánchez Ruipèrez de Salamanca, serviram de base às actividades a desenvolver.

ABSTRACT

In recent decades much has been investigated and many studies have been made by leaders of the political power, in terms of education, to promote reading and fight illiteracy.

The reading is on the agenda and, in fact, we have never spoken so much about books, libraries, reading and readers.

In our times, reading is almost a merely utilitarian process, reading up because it is required, considered not as an aim but a mean to survive in a world where the letters are everywhere. Indeed, we learn to read, but do not like to read. There seems to be some demand to be minimally informed, however, reading as a source of knowledge does not attract the vast majority of readers. Yet, school has a key role in the formation of competent readers, thoughtful, critical and independent. However, school by itself cannot form the kind of readers mentioned above. The family, a place of early socialization has, necessarily, to participate in the education of their children / students, and obviously the training of readers.

In a broad perspective that goes far beyond the process of developing the skills of reading, readers' education becomes a shared responsibility between parents, teachers and librarians, that is, it is crucial that all can happen within the triangle "family - school - library".

It was in this sense and trying that the families could interact with our school, led to the creation of our *Community of Readers*, the heart of our thesis, which will have a spirit as democratic as possible in order to involve the school community and the families of our students.

"As vinte razões para ler", with some adjustments made by us, the Foundation Germán Sánchez Ruyepèrez Salamanca, served as the basis for activities we have developed.

INTRODUÇÃO

O desejo de ler não nasce sozinho: ele é provocado por todo um meio ambiente que inclui o livro como elemento positivo. (Lentin ,1983)

A leitura está na ordem do dia. Nunca se falou tanto em livros, bibliotecas, leitura e leitores.

Ora, a escola tem um papel fundamental na formação de leitores competentes, reflexivos, críticos e autônomos. Todavia, a escola sozinha não pode formar o tipo de leitores supracitados. A família, um lugar de primeira socialização, tem, obrigatoriamente, que participar na educação dos seus filhos/educandos e, obviamente, na formação de leitores.

O envolvimento dos pais na leitura-a-par com as crianças, é uma estratégia que, tal como o demonstram estudos realizados noutros países, é fundamental para promover o desenvolvimento de atitudes favoráveis obtendo com ela ganhos significativos na capacidade de correção e compreensão da leitura. Assim sendo, uma criança que viva num ambiente onde não há leitores terá mais dificuldades em tornar-se um adulto activo e interventivo na sua formação pessoal e no seu desenvolvimento social.

À escola chegam alunos oriundos de famílias distintas com vivências diferentes, cabendo ao professor tentar conhecê-las, rentabilizando-as e potencializando-as.

É na Família e na Escola que se desenvolve e orienta a actividade da criança, durante muitos anos; são estes os lugares onde se constituem as suas estruturas psicológicas. Mas a aprendizagem formal é na escola que encontra o seu cenário de eleição.

A casa, a escola, os amigos, as conversas com estes, os passeios, o meio ambiente que se frequenta, tudo isso contribui para que a criança desenvolva as suas capacidades, em relação a si, aos outros e que se construa, como sujeito.

Daquilo que a criança vê e ouve depende a representação que faz do mundo que a rodeia. Assim, o interesse pela leitura e o prazer de ler ser-lhe-ão

proporcionalmente transmitidos ao interesse e prazer que o adulto, com quem ela convive, colocar nessa actividade. Neste processo, torna-se essencial o meio sócio-económico e cultural em que a criança está inserida, assim como os modelos e as regras culturais que receber. De facto, à medida que cresce ela vai interiorizando modelos.

Do simples prazer de ouvir ler, na primeira infância, a criança vai percorrendo, por várias etapas, uma longa viagem, a de leitor. Nesta progressão, torna-se fundamental o acompanhamento, de modo a que haja uma constante motivação, que possibilite a construção do leitor que se pretende: um leitor fiel e para a vida! Um verdadeiro leitor que faça da leitura quase uma necessidade, que sinta que sem aquela não está apto a responder às exigências da sociedade onde está inserido

Nos nossos dias, a leitura tem quase um carácter meramente utilitário, lê-se porque se é obrigado, sendo esta não um fim, antes um meio de sobreviver num mundo onde as letras estão por todo o lado. Com efeito, aprende-se a ler, porém não se gosta de ler. Parece existir alguma procura, para se estar minimamente informado, no entanto, a leitura como fonte de conhecimento, não atrai a grande maioria dos leitores.

Este gosto não se adquire se formos forçados a ler sob o efeito da necessidade ou da repressão, o compromisso, nesta tarefa, só será fonte de alegria e de descoberta dos outros e do mundo quando realizada sem esforço e, como referem Pontes, Barros (2007) e Pennac (1996), deixar de ser sinónimo de tarefa rotineira.

As crianças continuarão a ser umas boas leitoras se os adultos que as cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o seu desejo de aprender em lugar de lhes imporem a obrigação de recitar, se as acompanharem no seu esforço sem esperarem contrapartidas, se fizerem vibrar o presente sem acenar com a ameaça do futuro [...] (Pennac, 1996)

- Será que a escola promove práticas aliciantes para que a leitura seja fonte de prazer?

É crucial repensar o papel da escola, nesta nova sociedade. Com muita frequência, os manuais escolares, os professores e a escola do século XX ensinam conteúdos a alunos do século XXI, possivelmente não estaremos a apetrechar estes novos alunos com as competências necessárias para esta nova era.

Com efeito, as mudanças sociais e tecnológicas a que temos assistido, nos últimos anos e a massificação dos meios de informação, no geral, conduziram-nos a uma nova sociedade, cuja informação vertiginosa e profusa é vulgarmente designada por sociedade de informação. Aliás, sobre esta nova sociedade emergente, como refere Calçada (2007:XI), traz com ela alterações no modo de ler, diz-nos que:

A alteração dos modelos e modos de leitura gerou a emergência de outras representações no acesso ao conhecimento indutoras, ainda, de mudanças cognitivas: a estrutura da “rede” e a sua lógica de acesso vêm alterar a estrutura de pensamento analógico associada aos suportes tradicionais, substituindo-se e/ou coexistindo com uma estrutura de pensamento também ela digital.

Estamos portanto convictos, à semelhança daquela autora e de Sim-Sim (2006), que o nosso tempo é o das multiliteracias, tornando-se, para isso, indispensável no dia-a-dia do indivíduo, o domínio do texto escrito.

Assim sendo, a motivação e a promoção da leitura são essenciais para a aproximação ou reconciliação da criança com o livro, cabendo este desafio à família, em primeira instância e, posteriormente à escola. Os textos lidos, em

contexto familiar, decerto serão bastante diferentes dos que circulam em meio escolar ou até nas bibliotecas, como refere López y Corchete (2000:121):

La lectura en familia favorece la introducción de textos muy diferentes a los que circulan en el medio escolar y en la biblioteca, y posibilita acercamientos a lecturas a veces más sugerentes y a veces recuperadas, [...]

Leer en familia significa, ante todo, hacerse copartícipes del desarrollo del aprendiz de lector, en una tarea que también otorga al adulto, como un regalo, la posibilidad de enriquecerse como lector experto. Es necesario contribuir a que los libros, la escritura, la palabra a la postre, estén presentes en el ámbito familiar. La tarea fundamental de los padres en la animación a la lectura es acercar, fortalecer, pactar y crear un buen ambiente en el que los libros tengan una presencia que se asemeje, por decirlo así, a los alimentos de primera necesidad. No obstante, esta invitación al compromiso no pretende que los padres asuman en soledad las deficiencias lectoras de sus hijos, son otras las instancias a las que hay que mirar para saber si estamos poniendo todo de nuestra parte con el fin de lograr una sociedad lectora.

Mas, frequentemente, para que as famílias possam interagir nas leituras com os alunos, deve a escola elucidá-los e formá-los. Recorrendo de novo a Azevedo (2009:4), este autor, à nossa semelhança, entende que se as famílias não possuírem o “saber-fazer específico do profissional que trabalha com as crianças”, será a este último que caberá a função de lhes fornecer as instruções adequadas à aquisição das competências leitoras, ajudando na luta contra a iliteracia.

Foi nesse sentido, e tentando que as famílias possam interagir com a escola, que nasceu a nossa comunidade de leitores, cerne da nossa dissertação, que terá um espírito o mais democrático possível ao envolver a comunidade educativa e as famílias dos nossos alunos.

Com efeito, para além de nos possibilitar uma reflexão pessoal, esta dissertação teve o intuito de nos fazer deambular por alguns estudos teóricos,

acerca do tema central “Comunidades de Leitores – Vinte razões para ler”. No entanto, fizemos ainda uma abordagem a outros temas que lhe são transversais e que se tocam, de alguma forma:

- a promoção da leitura;
- a leitura e a literacia;
- a literatura infantil;
- o papel do mediador da leitura;
- quem é o verdadeiro mediador de leitura.

Nesta perspectiva, criámos uma pequena Comunidade de Leitores e averiguámos, no terreno, a eficácia de práticas e actividades, nesta comunidade, visando, sobretudo, proporcionar o encontro do leitor com o livro, fornecendo um pequeno contributo para a promoção da leitura e de histórias, em contexto escolar.

Julgamos que os livros de narrativas infantis, à semelhança de Mata (2008:72), Macedo e Soeiro (2009:52), desenvolvem a linguagem e os mecanismos cognitivos envolvidos na selecção e acesso da informação, ajudam na aquisição de novos vocábulos, podendo ser vistos como “pontos aglutinadores” de aprendizagem e conhecimento.

“As vinte razões para ler”, com algumas adaptações, feitas por nós, da fundação Germán Sánchez Ruipèrez de Salamanca, serviram de base às actividades que nos propusemos desenvolver.

Estas razões, pela clareza com que estão enumeradas, permitiram-nos um trabalho consistente junto das crianças, desenvolvendo-lhes a imaginação e a criatividade, simultaneamente motivou-as para a leitura de histórias, como forma de se conhecerem melhor, aos outros e ao mundo: **“17ª e 18ª razões ara ler”**.

Para uma clara leitura das mesmas apresentamos as classificações seguintes:

- **Lê-se para conhecer outros mundos, para viajar sem sair do lugar e ampliar horizontes:** as crianças, com as quais trabalhamos, do interior do país, nem sempre têm oportunidade de viajar, muitas delas, provenientes de um meio sócio-económico e cultural baixo, é na leitura que encontram oportunidade de “ver e viajar” até outros mundos, que, muito dificilmente, teriam acesso na realidade.
- **Lê-se para crescer e interagir:** o jogo e a brincadeira são formas de interagir aprendendo. Desde os tempos da Antiguidade que as brincadeiras são cruciais para o desenvolvimento saudável e harmonioso do indivíduo. Através do jogo se ganha e se perde, assim sendo enquadrado, no lúdico se aprendem muitas visões do Mundo, indispensáveis para o crescimento do sujeito.
- **Lê-se para ter liberdade:** a leitura cria e desenvolve, no indivíduo, um espírito crítico, tornando-o mais livre. Ora, devidamente informado este fará, conscientemente, as suas escolhas ao longo da vida, vivendo, em pleno, a sua cidadania.
- **Lê-se para amar:** as emoções, os afectos, a sensibilidade podem e devem ser desenvolvidas através da leitura. Barros, na sua obra, (2008) afirma que:

O “final feliz” que alguns adultos consideram irreal e falso, parece ser uma óptima contribuição que estes contos fornecem às crianças, encorajando-as a lutar por valores amadurecidos e a construir um sentimento positivo em relação à vida.

- **Lê-se para enriquecer o vocabulário, para estudar:** Sardinha refere na sua obra (2000) que a leitura desenvolve as estruturas linguísticas e culturais da criança, enquanto leitora. Com ela pretende-se que o sujeito enriqueça o vocabulário, de forma a perceber melhor os textos, retirando deles a significação necessária ao estudo e à aquisição de novas competências.

- **Lê-se para sonhar acordado e para desenvolver a imaginação:** o maravilhoso contido nos contos infantis fez, faz e fará o enlevo de muitas crianças, ao longo dos tempos, remetendo-as para o Reino da Fantasia. Um delicioso entretenimento que, segundo Bettelheim (1978), ajudam a ultrapassar temores, angústias e problemas que as personagens destas narrativas simbolizam.
- **Lê-se para saber, para estudar, para se actualizar e para estar num mundo global:** a globalização informativa transporta-nos rapidamente para uma nova era da informação e obriga a todos (alunos, pais e professores) a uma nova forma de literacia. Com o computador Magalhães, que utilizámos semanalmente, aprendemos a escrever, a seleccionar o tipo e o tamanho de letra e viajámos (sem sair da sala de aula) na Internet.

Concluimos concordando com Zilberman (1988) citado por Pontes e Azevedo (2009:74), que, de facto, é através da leitura que se constrói conhecimento e, desta forma, uma melhor e maior integração do indivíduo na sociedade em que vive, podendo, se assim o entender, agir de forma a modificá-la.

CAPÍTULO I

COMUNIDADE DE LEITORES

As comunidades de leitores têm como finalidade a descoberta de formas diferentes de aproximação aos textos, através da discussão em grupo de determinadas obras, escolhidas previamente. O facto desta actividade ser levada a cabo por grupos de indivíduos que se reúnem para falar, gera cumplicidade e produz resultados surpreendentes.

Do gosto pela leitura e da conversa sobre o que se lê, da troca de opiniões, de pontos de vista, de associações, geram-se cumplicidades e desenvolve-se o gosto por uma leitura mais activa e partilhada. Em Azevedo (2007:154), estas são:

Entendidas como uma espécie de células-base, no âmbito das quais os seus membros interagem, partilhando leituras e significados, as comunidades leitoras alicerçam-se directamente nas noções de trabalho colectivo e colaborativo.

Estes espaços privilegiados para a discussão de um livro e do seu lugar no mundo cada vez mais vasto de possibilidades de leitura, obrigam-nos a pensar nos autores, nos livros, nas ilustrações... é como tentar abrir janelas para o passado, o presente e para o futuro. Ora, é precisamente o espírito que preside aos clubes de leitura que Margriet Ruurs (2006) citada por Azevedo (2007:158) que enfatiza a importância destes grupos entre os professores:

Estes são constituídos por pequenos grupos de cinco a dez pessoas, que, partilhando tarefas e responsabilidades, se reúnem, num espaço profissional ou de lazer, uma vez por mês, para conversar acerca de obras seleccionadas e lidas pelos próprios participantes.

Esta ideia é partilhada por Ruth Yopp e Hallie Yopp (2006:62) que se referem a estes grupos como uma mais valia, podendo organizar-se, segundo os interesses dos participantes, construindo sentidos a partir dos textos ou histórias lidas.

Valorizar o papel do livro e da leitura como factores de desenvolvimento e enriquecimento pessoal/cultural, alargar os conhecimentos sobre a literatura,

sensibilizar os participantes para diversos autores, temas e géneros são os principais objectivos destas comunidades, de modo a encontrarem um espaço valioso, numa relação de cumplicidade, onde o livro ocupa o papel de destaque.

É inegável que se aprende a ler, lendo. Assim sendo, uma criança que vive num ambiente onde não há leitores terá mais dificuldades em encontrar um bom modelo a seguir. Não me refiro àquele leitor que lê apenas quando necessita e procura informação, mas ao que consegue divertir-se, chorar, admirar-se diante de um texto envolvente. Formar esse leitor é o desafio para todo o professor, com o envolvimento dos pais na leitura-a-par com as crianças.

Há excelentes razões para ler com as crianças até porque:

- ouvir ler em voz alta e conversar sobre os livros desenvolve a inteligência e a imaginação;
- os livros enriquecem o vocabulário e a linguagem de quem os lê;
- as imagens, as informações e ideias contidas nos textos alargam o conhecimento do mundo;
- quem tem o hábito de ler conhece-se melhor a si próprio e compreende melhor os outros;
- ler em conjunto é divertido, reforça o prazer do convívio;
- os laços afectivos entre as crianças e os adultos tornam-se mais fortes;
- a leitura torna as crianças mais calmas, ajuda-as a ganhar autoconfiança e poder de decisão.

Em Abramovich (2004:143-145, cit. Azevedo, 2007), estas leituras são tão importantes porque permitem aos leitores exprimir:

- As emoções e as sensações que a leitura provocou;
- Os horizontes que o texto abriu;
- As portas que ele fechou aos seus leitores;

- A forma (inovadora ou não) como o tema foi tratado;
- As relações intertextuais que o texto permitiu estabelecer.

Mas as comunidades de leitores devem alicerçar-se em verdadeiros ambientes democráticos, possibilitando a todos os participantes a interacção afectiva e efectiva com os textos, proporcionando-lhes o tempo necessário para poderem verbalizar as suas opiniões.

Azevedo, já citado, refere que as comunidades de leitores devem ter:

[...] os contributos de todos os participantes, os significados são alcançados através da partilha, da discussão e do eventual consenso face àquilo que o texto promete. Tal acção implica, da parte de todos os participantes, atitudes de compromisso e de cooperação, por meio das quais seja possível aprender a conversar acerca dos textos.

Fazendo referência a alguns pontos já abordados por este autor, partilhamos da opinião de que:

1. A natureza voluntária destas comunidades, onde a escolha da leitura a partilhar é feita livremente, não permite imposições ou avaliações, *a posteriori*;
2. A dimensão de abertura, onde o número de participantes não é estanque, havendo sempre espaço para mais interessados;
3. O não elitismo, sendo as comunidades de leitores constituídas de acordo com os interesses dos participantes.

É também importante que os pequenos leitores que constituíram a nossa comunidade de leitores saibam retirar das obras da literatura infantil: ideias, pensamentos e conhecimentos com os quais possam identificar-se, interagindo com as leituras que realizaram.

Parece-nos fundamental frisar, à semelhança do mesmo autor, que sendo membros deste clube compete-nos “dotar o sujeito do saber-fazer e das

ferramentas necessárias à sua adequada actuação linguística, social e cultural”.

Referindo a comparação de Colomer (2007:51) entre a actividade realizada pelo leitor e uma outra realizada por um pescador, citada por Pontes e Azevedo (2009:76):

O leitor é um pescador. O leitor lê como um pescador pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor quando lê como o pescador quando pesca, nem mais nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frotas de texto cada vez mais abundantes.

Concluimos, atribuindo especial ênfase à dimensão democrática das comunidades de leitores, onde todos, sem excepção, possam ser sujeitos activos e interventivos, quer na construção quer na consolidação destas comunidades que se desejam abertas, num contínuo, de forma a fazer das práticas de leitura um quotidiano atraente e útil.

1.1. PROMOÇÃO DE LEITORES: MODOS E FORMAS DE PROMOVER A LEITURA

É nossa profunda convicção que a promoção da leitura, em torno da defesa da Língua Portuguesa, no geral, deve ser assumida como missão fundamental e prioritária das escolas. Só através de um trabalho sistemático e continuado, desenvolvido a longo prazo, será possível obter alterações substanciais na situação actual, caracterizada pelos baixos índices de leitura da população.

A escola é o espaço físico que permite à criança enfrentar a leitura e a descodificação dos signos linguísticos que, uma vez conseguida, vai permitir-lhe entender os textos escritos, tal como refere Cabrero (2000:102):

Favorecer y practicar la lectura en la escuela, acercar los libros a niños y niñas, son acciones compensadoras [...] animar a leer se antojan acciones necesarias. Es además una obligación irrenunciable el trabajar para poner el libro amablemente en las manos de niños e niñas. Poco más podremos hacer, esperar que surja la afición y que se mantenga el mayor tiempo posible, però esto ya entra en el terreno de lo personal.

É evidente, que antes da chegada à escola, já a família permitiu o contacto com uma grande variedade de mensagens escritas, começando assim a formação da bagagem pessoal da criança, enquanto indivíduo.

O problema da leitura e da literacia é tão vasto, nas suas implicações sociais, linguísticas, psicolinguísticas e culturais que, a falta de simples alfabetização de cidadãos normais, não pode ser escamoteada. A promoção da leitura leva a uma participação mais consciente na vida comum, pelo que a vida literária significa uma melhoria na qualidade da educação humana e das habilitações possuídas.

Em 1990/1991, num estudo mundial, “The Evaluation of Educacional Achievement” (I.E.A.), onde participaram trinta e dois países, Portugal revelou os piores resultados, no que diz respeito a testes de literacia e compreensão leitora, em crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos. Atrás de si, ficaram países como a Indonésia e a Venezuela, ficando a Dinamarca em exequo com Portugal.

Quanto a nós, a justificação para estes desastrosos resultados foi o pouco investimento na educação, no equipamento, no conforto das escolas e nos baixos níveis de literacia adulta.

- Desde então, como reagiram governantes, pais e professores?

Em relação a este estudo, os países com posições menos favoráveis tomaram medidas rápidas e eficazes, de modo a encontrar soluções, foi o caso da Dinamarca, que considerou a sua posição como catástrofe nacional.

Num estudo recente (PISA, 2000), este país ultrapassou essa situação estando hoje numa posição muito mais confortável, tendo também sido o caso da Alemanha e dos Estados Unidos.

No lado oposto temos a Finlândia, exemplo amplamente referenciado, que aposta na especialização de professores em leitura, nas Bibliotecas de escola e da comunidade e numa atitude claramente positiva, em relação ao livro, à leitura e à escola.

Querendo mudar estas estatísticas, Portugal lançou em 1996 o Programa de Rede de Bibliotecas Escolares, cujo objectivo foi o de instalar e desenvolver bibliotecas públicas de todos os níveis de ensino, disponibilizando, para o efeito, os recursos necessários para a leitura, para o acesso, utilização e produção da informação em diferentes suportes.

A integração das escolas nesta Rede de Bibliotecas Escolares tem sido feita por candidatura anual, sendo as escolas seleccionadas, de acordo com as condições e projectos que apresentam.

A este propósito, pareceu-nos pertinente integrar neste trabalho este quadro disponibilizado no site do Ministério da Educação que tutela o Gabinete da

Rede de Bibliotecas Escolares, nele encontram-se disponíveis os números de escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, que foram contempladas com bibliotecas, sendo que em onze anos foram criadas, no país, novecentas novas bibliotecas escolares.

Quadro 1 - Bibliotecas criadas nas escolas (entre 1997 a 2008)

ESCOLAS INTEGRADAS NAS REDES DE BIBLIOTECAS ESCOLARES	
Ano	1º Ciclo (E.B.)
1997	46
1998	75
1999	89
2000	71
2001	56
2002	78
2003	107
2004	73
2005	137
2006	73
2007	45
2008	50
TOTAL	900

O apoio que a biblioteca pode prestar no processo do ensino/aprendizagem, no desenvolvimento e aquisição de competências leitoras, informação, tecnológicas, de estudo e trabalho são fundamentais, em articulação com a escola e com o Plano Nacional de Leitura. Mais que um espaço físico em si, a

biblioteca escolar reveste-se de particular importância como sendo um espaço formativo de aprendizagem e de construção de conhecimento, que em articulação com a escola como parceiros do Saber têm em vista uma melhoria substancial na qualidade da educação, na promoção e formação de bons leitores, onde o livro é o objecto mediador entre o autor e o leitor. Deste modo, o envolvimento entre as crianças e os livros pode acontecer num ambiente de família, entre amigos, na escola ou na biblioteca.

Para fomentar hábitos de leitura cabe à escola e à biblioteca, sempre em parceria com os pais, a responsabilidade de criar programas, especificamente dirigidos às crianças que desenvolvam, ao longo do ano, um projecto coerente, proporcionando iniciativas como: estabelecer e coordenar momentos diários e semanais reservados às diversas actividades de leitura.

Deste modo, o professor/ mediador terá necessidade de possuir uma ideia aproximada do perfil dos seus alunos como leitores: dos seus conhecimentos e capacidades, dos seus interesses e expectativas, dos seus hábitos e cultura face ao escrito e à leitura para melhor planificar.

A sociedade, no geral, começa a encarar a luta contra a iliteracia uma batalha que à que ganhar, investindo para que a promoção da leitura seja, cada vez mais, uma realidade a curto prazo.

A ONU pretende que 2003-2013 seja uma década consagrada à literacia. Mas o âmbito alarga-se ao domínio de novos suportes informáticos, pelo que a metodologia não é um neologismo que se possa ignorar ou dispensar.

A realidade do mundo está longe de oferecer dados precisos e longe também de proporcionar meios seguros para uma análise clarificadora a ter em conta o estudo levado a cabo em âmbito internacional pelo PISA (*Programme for International Student Assessment*): os alunos portugueses de 15 anos têm deficiências que os colocam em nível de inferioridade no desempenho em literacia de leitura, matemática e ciências, quando comparados com os seus “pares” da OCDE.

Sondagem posterior, encomendada pela APEL e realizada pela Quantum, em Março de 2004, dá para Portugal resultados que coincidem com aqueles.

Para encarar e resolver este problema, tendo em vista a promoção da leitura no seu pleno, é imperioso que a parceria entre família, alunos, governantes,

professores e cidadãos, no geral, seja uma realidade de forma a que a educação seja, de facto, uma prioridade.

À que referir aqui o papel da família para estimular os seus filhos/educandos, tendo em vista a socialização e o desenvolvimento da linguagem através da estimulação linguística a que é sujeita desde que nasce, consideramos ser fundamental.

No seio da família, no entanto, a instância onde o hábito de ouvir e contar histórias se fazia, levando à introdução precoce do livro na vida das crianças, a realidade familiar, neste último século, alterou-se, modificando-a:

- a família patriarcal foi trocada pela conjugal,
- alterou-se o papel da mulher/mãe fazendo com que esta esteja muito pouco disponível para os filhos, estes factores, aliados à falta de diálogo, trouxe consigo falhas na comunicação afectiva,
- os avós, principais responsáveis por contar histórias, viram aumentada a idade da reforma e diminuído o contacto com os netos.

No geral, esta modificação da sociedade empobreceu-a, trouxe um fraco investimento na educação e no ensino, por parte dos pais, o que se traduz nas baixas expectativas que estes criaram e transmitiram aos seus filhos/educandos.

Contudo, é no 1º Ciclo do Ensino Básico que a promoção da leitura deve ser uma prioridade, aqui é onde o desenvolvimento da linguagem tem lugar, onde o raciocínio se desenvolve, onde se dá o enriquecimento das estruturas linguísticas e cognitivas, onde se efectua a aprendizagem da leitura e da escrita, onde se inicia ou cresce o amor pelo livro marcando o indivíduo para a vida.

A criação de hábitos de leitura contribuirá para fazer um adulto leitor que sentirá, mais tarde, a necessidade de ler cada vez mais e ser, cada vez mais, exigente nas suas leituras.

Ora como refere Sáiz, anteriormente citada (2007:165), a promoção da leitura exige o seu tempo. A autora continua dizendo que as actividades de animação e promoção da leitura são um método, não um objectivo em si mesmas e os destinatários destas actividades deverão ser vistos como os protagonistas,

sendo tarefa do professor, como mediador, aproximar, propor, dirigir e facilitar oportunidades, não para ler mais, mas para ler melhor, tendo como fim a descoberta da leitura, termina escrevendo:

Ninguém é culpado de que as crianças não leiam, mas todos somos responsáveis.

1.2. A LEITURA DA LITERATURA E SUA FUNÇÃO

Antes de ler, já a criança aprende a conjugar gramaticalmente este verbo.

- Esta noite lê-me uma história?

Pennac, (1992:11) tão citado hoje em dia, diz que é um verbo que não suporta o imperativo, de facto deixando de lado um modo verbal tão inconveniente, a proposta é o de o mudar e convidar, os alunos a conjugá-lo no presente do Indicativo:

- Eu leio. E tu, porque lêes?

Ler pressupõe ser detentor de capacidades para interpretar, de modo crítico a informação recebida, relacionando-a com aquela de que já é portador, utilizando-a, posteriormente para construir novos conhecimentos.

Há iliteracia forte entre nós que se vem acentuando; a percentagem das estatísticas é a maior da União Europeia, o termo significa, no caso, e muito concretamente, real incapacidade de dominar o uso da escrita e de praticar a leitura com apreensão directa dos conteúdos enunciados ou a enunciar.

Mesmo entre os que foram à escola, a iliteracia é uma realidade – bastante triste, é certo!

Nas últimas décadas, é muito alto o abandono no secundário – tempo em que se devem consolidar hábitos de sociabilidade, de leitura e de cultura. No entanto, que oferece a escola aos nossos jovens? Um tempo de exercício penoso de escrita e de leitura ou o desenvolvimento de capacidades de uma inserção útil e transformadora, socialmente crítica e criativa?

É sobre o tempo de mudança de que a escola é uma protagonista que Sardinha e Relvas (2009:143) referem:

Num momento em que a escola se confronta com múltiplas exigências, muitas delas feitas pela sociedade civil, é premente acompanhar os ventos de mudança e fazer do espaço escolar um terreno de aprendizagens sólidas, reflectidas e adequadas às múltiplas funções que o indivíduo terá de vir a desempenhar enquanto cidadão de um Mundo cada vez mais inconstante.

É neste contexto que a língua materna assume particular relevo. De facto, enquanto a oralidade se aprende no seio familiar, a leitura e a escrita são competências que exigem uma aprendizagem escolar. [...]

Na realidade, a escola desempenha um papel fundamental quanto à problemática da leitura, podendo e devendo implementar estratégias conducentes ao desenvolvimento da relação do jovem com o livro e/ou com o texto, dado o relevo de um facto que não pode ser omitido: o valor pedagógico que a leitura assume na formação integral do indivíduo.

No entanto, a julgar pelos resultados, são frágeis os programas de inclusão de literacia postos em funcionamento. São insuficientes para gerarem consciência crítica da situação em moldes consistentes e consequentes.

Ler é a expressão qualificada de cidadania, sendo, como é expressão de convívio, de partilha, de vida em comum (mesmo que o exercício se constitua dentro de casa), por isso combater a iliteracia, pelo desenvolvimento da leitura – parece ser o meio óbvio para ganhar esta batalha.

- Como conseguir esse feito?

- Motivando e gerando o apreço pela leitura e pelos livros.

Leitura é um exercício de reconhecimento do texto e, para isso prepara ou deve preparar a escola, quando ensina a reconhecer as formas textuais, desde

as unidades mínimas da palavra aos sintagmas, à sequência do discurso, à representação dos modos textuais.

É certamente aprendizagem de conhecimentos, mas, mais que apropriação de conteúdos (que se possam reproduzir em forma pessoal), leitura é, antes de mais, um exercício que oferece prazer a quem o executa, com o qual se comunica e enriquece, como o modo como os outros se dão a conhecer ou como constroem propostas de ver o mundo.

Contudo, a população portuguesa tende a considerar a leitura muito ligada à escola, sendo encarada como uma actividade penosa, estabelecida num período de formação inicial (própria de crianças), e não como actividade assumida, menos ainda como prática desejada, com lugar previsto ou tempo determinado no quotidiano.

Nos hábitos da população portuguesa, a leitura não constitui alternativa procurada nem goza de complementaridade ao trabalho, parecendo antes relacionada com passatempo de alguém que nada tem para fazer e, presumivelmente, com quem nenhum proveito específico tira para a vida em comunidade. Se não for apreciada, dificilmente a leitura conquista adeptos.

Verdade é que os «hábitos de leitura» não são úteis apenas pela repetição, mas, fundamentalmente, pela interiorização que provocam no indivíduo quanto à formação de uma consciência social.

A leitura não se adquire espontaneamente, não é uma actividade natural ou inata, antes exige um ensino intencional e sistemático que não se pode restringir à mera descodificação necessária, mas não suficiente. É preciso ir além disso e criar o hábito de ler, que se mantenha através da vida e para além da escola.

Quando se ensina a ler na escola, mais particularmente quando se ensinam estratégias de leitura, há passos que devem ser tidos em conta porque a compreensão de textos exige estratégias, na construção da significação (Gee 2000, Sousa 2007:49).

A autora, socorrendo-se de Albanese (1999) propõe cinco tipos de perguntas que deverão estar presentes na compreensão do texto.

[...] a primeira, de verificação: visam verificar o conhecimento dos factos narrados, a segunda, pessoais – referem-se ao universo pessoal da criança e visam promover um maior envolvimento da criança, a terceira, pedidos de opinião – pretendem suscitar juízos pessoais acerca do lido, a quarta, pedidos de inferência visam verificar a competência para inferir informação a partir do texto, a quinta, enciclopédias são usadas para verificar o conhecimento do mundo (enciclopédico) e são seguidas, frequentemente, de explanações.

Todavia, um dos factores mais importantes na compreensão do texto é o facto de se trabalhar com os alunos o conhecimento prévio que este pode ter sobre o mesmo. Ora, no âmbito das narrativas infantis, a pré leitura é uma excelente estratégia para activar o conhecimento prévio, tal como refere Yopp & Yopp (2006) e Pontes e Barros (2007:71):

As actividades da pré leitura têm como principais objectivos:

-Activar e construir a competência enciclopédica do aluno através da exploração de elementos paratextuais, como a capa, o título, as ilustrações, encorajando-o a expressar as suas ideias e a partilhar as suas experiências. [...]

-Despertar a curiosidade dos alunos, motivando-os para a leitura é outra das metas das actividades de pré-leitura. [...] É também nesta fase que se estabelecem objectivos de leitura, que visam auxiliar o aluno na interpretação do texto, estimulando-o a interagir com o mesmo, a questioná-lo, a construir conhecimento.

Outras actividades também elas significativas, no âmbito das didácticas da narrativa e das narrativas infantis, são na pré leitura: o Book-talk que pode constituir uma boa forma de aproximar os jovens leitores à obra e à leitura, podendo ser explorados os conceitos de autor, ilustrador, bem como a exploração da capa e contra capa, como elementos paratextuais que fornecem dicas e informações sobre a obra a ler.

Ainda nas actividades da pré leitura, o Book bits: consiste na apresentação de alguns excertos do texto, permitindo ao aluno inferir informações acerca da obra, mesmo ainda antes da interacção com a mesma, é uma outra interessante forma de abordagem.

No entanto as estratégias durante e após a leitura são também elas uma mais valia para proporcionar experiências de escrita e de outras leituras que ajudam a consolidar as comunidades de leitores, já que ler e escrever são competências que caminham lado a lado e para o sucesso de uma contribui o da outra.

Com as actividades durante a leitura, como refere Pontes e Barros (2007:72), os objectivos são o de preparar e familiarizar o aluno com o texto, focando a sua atenção para a linguagem literária da obra, tendo em vista o enriquecimento vocabular do mesmo.

Facilitar a compreensão das personagens e do trama da história ou do texto, é outro dos objectivos, bem como o de colaborar na construção e interpretação da obra.

Como refere Azevedo (2006), citado pelas mesmas autoras, o aluno:

[...] cruza a informação do texto com saberes acerca do mundo empírico e histórico-factual. Estas actividades possibilitam, assim, respostas pessoais face ao texto [...]

É durante a leitura que poderemos abordar outras actividades, como é o caso das “Características da personagem com prova real”, consistindo esta em caracterizar física ou psicologicamente uma ou mais personagens da história.

O “Mapa de comportamento” poderá ou não ser um complemento da actividade anterior, frisando nomes, comportamentos, e atitudes assertivas ou não assertivas e a explicação para esses comportamentos.

É nesta etapa da leitura da história que poderá ser elaborada uma “Teia das personagens” que as autoras Pontes e Barros (2007:80) consideram:

[...] extremamente profícuo promover uma discussão em torno dessas interconexões, uma vez que ela possibilitará não só desenvolver um raciocínio crítico sobre a história, como também estabelecer relações com as experiências pessoais de cada um (...)

O “Boletim literário” que identifica e classifica quantitativamente, numa escala de zero a dez, situações ou personagens da história, consoante a sua importância no contexto da mesma, sendo que a criança justificará devidamente a classificação atribuída é, também ele, uma outra forma de abordagem.

Como referem as autoras atrás citadas, no final, é necessária uma discussão global explicando quais as impressões que a obra deixou nos alunos.

Nas actividades após a leitura, a criança reorganiza ideias, de modo a reflectir, analisar, sintetizar e partilhar as informações e os significados com o grupo/turma, como refere Yopp & Yopp, citadas pelas autoras:

Ao estabelecer conexões entre diferentes textos e diferentes experiências, os alunos estão a construir novo conhecimento [...]

É após a leitura que os “Diários de leitura” e a “Escrita criativa” têm o seu espaço, sendo que a primeira actividade promove a reflexão e a interacção do leitor com a obra, enquanto que a segunda solicita que a criança crie um texto ou faça o seu relato.

Pondo em prática todas estas actividades (de pré leitura, durante e após a leitura) as crianças, certamente adquirirão as competências necessárias à formação de leitores críticos, reflexivos, competentes e autónomos que saibam desenvolver a fluência na leitura, potenciar o incremento do vocabulário, consolidar hábitos de leitura e adquirir conhecimentos dos processos de compreensão leitora, como resume e bem Araújo (2007:9) na sua investigação. Teremos oportunidade de, durante esta dissertação e no capítulo referente à operacionalização do projecto, colocar todas estas actividades e estratégias em prática, no âmbito das didácticas das narrativas infantis trabalhadas.

1.3. A DIVERSIDADE DE LEITURAS E DE LEITORES

Podemos definir a leitura como o processo de descodificação de um texto escrito num contexto significativo específico, para onde é convocada a história de vida de cada indivíduo leitor, ou seja, as suas vivências, os afectos, os conhecimentos, as emoções, independentemente do suporte físico em que este está registado. Esta definição remete-nos para a ideia de que existem diversos tipos de leitura e, conseqüentemente, diversos tipos de leitor.

A promoção da leitura deve ter em conta esses dois factos. Não podemos cair no erro de associar a leitura somente à leitura das grandes obras-primas da literatura.

Esta visão, profundamente elitista e redutora, muito tem contribuído para a desvalorização social do acto de ler, ao remeter todas as outras formas de leitura para um estatuto de menoridade intelectual e cultural. Estão, incluídas, neste caso, a leitura dos jornais desportivos, das revistas, de livros técnicos, etc.

A leitura pode ter uma dimensão lúdica e estética - ler pelo prazer de ler -, mas comporta também uma dimensão instrumental e pragmática - ler para conhecer.

Não nos podemos esquecer que entre os leitores mais assíduos das bibliotecas públicas se encontram os leitores dos jornais desportivos e diários e os jovens que vão realizar pesquisas para cumprirem os seus deveres escolares.

É importante, quanto a nós, que se leia, até porque, como refere Pereira (2009:18):

[...] os textos nos livros, nos jornais, nos panfletos informativos, publicitários ou propagandísticos, nas revistas, nos jornais nos telejornais, nos sites electrónicos, por exemplo, não são socialmente neutros.

O que seria desejável é que os leitores realizassem, à medida que progredem nas leituras e nos textos, uma consciencialização crítica em relação ao que lêem, tal como referem (Gee, 1996 e Pereira, 2009) que consideram, tal como nós, que a literacia quando feita de forma crítica pode assumir-se como um instrumento de libertação, protecção e até como resistência ao poder, sendo, dessa forma, encarada como um instrumento de crescimento pessoal, de justiça social e de igualdade de oportunidades.

Desta forma, teremos adultos capazes de realizar uma literacia crítica e formar, inevitavelmente, cidadãos mais críticos e plenamente empenhados, nas questões de cidadania e de formação cívica, como escreve Pereira (2009:18), referindo Gee (1996), Luke & Freebody (1999), Vasquez (2003) e Leland & Harste (2000):

[...] qualquer discurso nos transmite conhecimentos sobre um mundo, uma sociedade, uma cultura, que é preciso conhecer para se ser funcional nesse mesmo mundo, [...]“ensinando-nos” a ser, a estar, a valorizar e a conceber esse mundo de uma determinada forma, desvalorizando e desconsiderando e silenciando outras formas, outros modelos culturais, outros pontos de vista [...]

Deste modo, um indivíduo que é capaz de praticar uma literacia crítica acaba por aceder a um maior controlo do conjunto dos factores intervenientes no processo de construção de significados. Quer dizer, para além de descodificar o código, de construir na sua mente a representação de um texto linguisticamente coeso e coerente, mobilizando conhecimentos linguísticos e realizando inferências através da evocação dos seus esquemas individuais e do conhecimento que tem do mundo, o indivíduo competente em literacia é simultaneamente capaz de ver por trás da cortina linguística a que lhe proporcionou o acesso àqueles significados [...]

Respeitar os diferentes percursos individuais de leitura dando a descobrir novos caminhos, é a melhor forma de ter em conta os diferentes tipos de leitor.

A realização das actividades de promoção de leitura deve ter em conta esta diversidade de tipos de leituras e de tipos de leitores não excluindo, à partida, nada nem ninguém. Promover a leitura deve ser uma arte de sedução, uma partilha feita de cumplicidades, um generoso acto de dar a ler.

1.4. A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS E HÁBITOS DE LEITURA

Numa perspectiva abrangente que vai muito para além do processo de aquisição das competências da leitura, a formação de leitores é uma responsabilidade partilhada entre pais, professores e bibliotecários, ou seja, é determinante que tudo aconteça dentro do triângulo “família – escola – biblioteca”.

Se é na escola que os alunos adquirem as competências necessárias à leitura (ou não), é na família que ocorre (ou não) a socialização primária da leitura. Assim sendo, promover a leitura junto das crianças é obrigatoriamente sensibilizar e envolver os adultos (pais, professores e técnicos de bibliotecas), destacando o seu papel determinante de companheiros de viagens e de descobertas pelo mundo dos livros.

A promoção da leitura pode, inclusive, ser feita simultaneamente junto da criança que ouve a história e do adulto que a lê. Com efeito, quem mais lê melhor lê, são muitas as respostas que a leitura nos dá, em Sousa (2007:51), encontrámos seis razões que passamos a enunciar:

1. lê-se pela busca do prazer e de evasão para onde o livro nos pode transportar para outros mundos, espaços, culturas, por vezes, tão distantes da nossa realidade comezinha;
2. lê-se pela busca de sentidos, por vezes a nossa vida afigura-se-nos sem sentido, no livro onde há um princípio, meio e fim, onde as suas personagens têm objectivos permite-nos uma busca pessoal de sentidos para esse universo;
3. lê-se para que haja um desenvolvimento afectivo, fazendo com que o leitor se identifique com as personagens, procurando ele mesmo, enquanto leitor, soluções para essas personagens e para os seus problemas. Esta identificação com os outros (as personagens) leva a:

4. um desenvolvimento social, ou seja torna-se o leitor mais tolerante com os outros e com os seus problemas, conhecendo-se melhor a si, compreendendo melhor os outros;
5. lê-se para alargar conhecimentos, permitindo um saber enciclopédico;
6. lê-se para desenvolver competências leitoras.

Nesta nossa dissertação, as nossas vinte razões para ler encaixam perfeitamente nestas que se nos afiguram mais abrangentes:

1. Ler para saber;
2. Ler para crescer;
3. Ler para desenvolver a imaginação;
4. Ler para amar;
5. Ler para conhecer outros mundos;
6. Ler para estudar;
7. Ler para interagir;
8. Ler para cozinhar;
9. Ler para sonhar acordado;
10. Ler para ter liberdade;
11. Ler para abrir um cofre de sabedoria;
12. Ler para ter um amigo;
13. Ler para ampliar horizontes;
14. Ler para comunicar;
15. Ler para viajar sem sair do lugar;
16. Ler para enriquecer o vocabulário;
17. Ler para se conhecer melhor;
18. Ler para compreender melhor os outros;
19. Ler para se actualizar;
20. Ler para estar num Mundo Global, abstraindo-se dele.

Abrir novos horizontes, promovendo a expansão e consolidação de hábitos de leitura deve ser um objectivo estratégico a perseguir. Para além de criar as condições para manter os leitores activos a ler, há que perspectivar formas de combater a relutância à leitura.

Para além do investimento inicial na formação de crianças leitoras, devem ser desenvolvidas actividades que estimulem a prática da leitura, por parte dos jovens, fortalecendo, deste modo, os hábitos de leitura. Podemos definir um leitor relutante como alguém que, apesar de ter as competências necessárias, opta por não ler.

- Qual a causa de tanta aversão à leitura, por parte das crianças?

Provavelmente:

- associarão a leitura ao fracasso;
- não são capazes de estar sossegadas o tempo suficiente para lerem;
- a leitura não fornece o nível de entretenimento que elas desejam;
- cresceram num ambiente de não-leitura;
- ler é uma tarefa, quase sempre, solitária;
- ler é difícil para elas porque lhes faltam as competências leitoras.

Criar e fortalecer o gosto pela leitura nas crianças começa a despertar mesmo antes desta saber ler, o seu contacto precoce é determinante no seu desenvolvimento psicomotor, social e afectivo. Enquanto forma de descoberta do Eu, do Outro e do Mundo, a leitura ajuda a crescer.

Neste contexto, torna-se fundamental desenvolver projectos que, de uma forma continuada, ajudem as crianças a trilhar os seus percursos individuais de leitura desde a mais tenra idade até à adolescência.

O grande desafio é conseguir que estes a vejam como algo mais do que um mero instrumento para aprender ou como um dever escolar. Apresentar a leitura como uma forma de lazer e como uma forma de descoberta e afirmação

individual torna-se fundamental para consolidar as práticas de leitura nas crianças, de modo a fidelizá-las e defini-las como público leitor.

Contudo, o sucesso de um programa de promoção de leitura só pode ser avaliado a longo prazo. Esta constatação alerta-nos para a necessidade de realizar actividades, neste campo, sabendo, no entanto, que não existem fórmulas mágicas, nem verdades científicas, sendo que a única forma de o fazer é através do exercício de uma prática reflectida e crítica que nos obriga, permanentemente, a questionar conceitos, a repensar estratégias, a testar modelos, a avaliar resultados, como referencia, na sua obra, (Sáiz 2007:165).

Em Portugal, tendo em atenção as características socioculturais das populações, principalmente no que diz respeito à falta de hábitos de leitura, é fundamental que esta seja assumida como uma prioridade estratégica para as escolas, tendo como parceiros as famílias e as bibliotecas.

Assim, retomando os ensinamentos de Inês Sim-Sim (2006), podemos dizer que aprender a ler é aprender a descobrir, na combinação de um conjunto de símbolos – nos quais cada um é um som –, as palavras e as ideias que nos transportam a um número tão grande de representações, consoante são as vivências que possuímos e que verbalizámos. Trata-se de um processo que se automatiza de tal modo que ler será como que possuir um novo sentido de visão.

Um novo sentido de visão, base para o desenvolvimento de todo o pensamento, para as incalculáveis associações que permitem depois encontrar caminhos para resolver as situações problemáticas ou, até, para inventar.

A experiência mostra como as crianças adoram desenhar o enunciado das situações problemáticas, de inventar outras – como se fossem histórias, e de representar, também através do desenho, os caminhos do seu pensamento para encontrar as soluções. Santana e Neves (1997:13) afirmam:

[...] a leitura é um acto cognitivo, ou seja, está intimamente ligada à compreensão. Sendo assim, ensinar a ler na escola não pode ter como principal objectivo o treino das competências mecânicas. O treino das competências mecânicas, efectivamente necessário, tem de ser subsidiário do projecto de ler textos com sentido e com uma função definida, tem de

ser consequência do mesmo. Consideramos importante que, no 1º Ciclo, se adquira uma leitura fluente, mas que isso se construa sobre um conjunto de práticas capazes de desenvolver a compreensão e o gosto pela leitura.

É a mestria da leitura e da escrita – ao serviço da mestria de todas as aprendizagens – que permite, a cada criança, encontrar o caminho para se poder tornar um cidadão culto. Estas aprendizagens devem estar alicerçadas num clima de confiança, de auto-estima, de vivências democráticas, em que cada criança se sente um elemento do grupo, em que o seu desempenho tem significado para a vida da comunidade escolar, de leitores e outras.

Trata-se da vivência do trabalho em equipa, onde todas as actividades, todos os projectos, todas as metas e avaliações passam pelo grupo, onde todos decidem e se entre ajudam. Como o explicita Josette Jolibert (1984:16), será o caminho para formar cidadãos conscientes dos direitos e deveres, ávidos de informação e de conhecimento.

CAPÍTULO II

A LITERATURA INFANTIL

Ah, pudesse eu voltar à minha infância!
Minha velha Aia! Conta-me essa história que principiava, tenho-a na memória,
“Era uma vez...” (António Nobre, 1982)

No 1º Ciclo do Ensino Básico, as práticas pedagógicas, têm sido bastante influenciadas pela utilização do manual escolar, em contexto pedagógico, limitando a criatividade dos professores e dos alunos, em geral. A utilização única e exclusiva dos manuais escolares, é uma proposta demasiado redutora e limitada, como nos diz Lopes (2009:82).

Estas propostas redutoras e limitadas potenciam uma empatia negativa entre a criança (futuro leitor e utilizador de leitura) e todo o suporte escrito e literário onde lhe são disponibilizadas as mensagens escritas.

As narrativas apresentadas nalgumas obras de literatura infantil constituem uma eficaz ferramenta de forma a promover uma educação multicultural, como refere Sardinha e Rato (2009:129), citando Balça (2007):

[...] a promoção de uma educação multicultural, proporciona à criança a tomada de consciência pela cultura do outro, levando-a a desenvolver atitudes de alteridade para com os pares, no sentido de conhecer o outro, a perspectiva do outro, a cultura do outro, as suas regras de conduta, as suas opções religiosas ou sexuais, cujos aspectos são de grande pertinência no mundo em que vivemos.

Teremos oportunidade de, na segunda parte desta dissertação, fazer referência a este facto, concretizando, na medida do possível, as palavras (escritas) de Balça (2007), Sardinha e Rato (2009). Na operacionalização deste nosso

projecto trabalharemos, sobretudo a educação para a cidadania e a formação cívica, com a exploração de valores éticos e morais imprescindíveis para uma vida em sociedade que se pretende justa e democrática, aliás, como referem as autoras atrás citadas:

[...] como o respeito pelas diferenças, pretende que a criança seja educada como um ser livre, autónomo, crítico, solidário, completamente inserido e participativo na sociedade actual.

Como atrás referimos, durante muito tempo, o manual escolar foi o mediador, por excelência, das práticas pedagógicas. Actualmente, os livros de textos de potencial recepção infantil afiguram-se-nos, quando devidamente seleccionados, como textos ricos em mensagens diversas capazes de promover o imaginário das nossas crianças, enquanto lugar privilegiado de interacção com as vivências que trazem das suas famílias, veja-se a citação de Silva (2007:105), quando baseando-se em Wunenburger e Araújo (2003 a:40) refere que:

Usando um imaginário “informado e formado”, demonstraremos que o imaginário, enquanto lugar privilegiado para a significação mítico-simbólica, revaloriza a imaginação criadora, o que nos permite compreender as narrativas contemporâneas da literatura infantil e juvenil como receptáculos vivos de contínuas permutas de sentidos, pois imaginário e literatura formam um todo.

De facto, os textos de literatura infantil são fundamentais ao colocarem ao nosso dispor variadíssimas formas de se trabalhar e é hoje evidente, para todos nós, que a leitura de histórias promove uma ampla variedade de competências: enriquecendo e desenvolvendo o vocabulário activo, aumentando o seu tempo de atenção/concentração e ensinando a interagir com o mediador de leitura (no caso, o professor) e entre pares.

Esta é portanto considerada uma actividade interactiva a ter em conta, no entanto, uma questão:

- Como apresentar o livro ao grande grupo/turma?

Alguns autores aconselham que o livro tenha um tamanho suficientemente grande para que, estando em semi-círculo, todas as crianças o consigam visualizar correctamente (big book), estabelecendo contacto visual entre si.

Normalmente o livro, neste formato, terá palavras impressas de tal maneira visíveis que serão lidas por todos os participantes, na sala destinada à Comunidade de Leitores.

No entanto parece-nos essencial, assegurar a distribuição mais favorável das crianças no espaço da sala de aula, de modo a que estas estejam confortáveis, possam ouvir com clareza e nitidez o que se lê, observar bem as ilustrações das obras e acompanhar, activamente todas as actividades, tendo o cuidado para que as mesmas não se dispersem e estejam centradas nas obras a trabalhar.

Os adultos promotores da leitura de histórias infantis devem organizar as suas actividades de leitura, segundo o modelo PAAR, adaptado do modelo americano (Zevenbergen & Whithurst, 2003), aqui referido por Fernandes (2007:29):

P - promover as imagens e a história do livro;

A – acarinhar, reforçar e elogiar as respostas da criança à história;

A – aumentar e acrescentar novos vocábulos, estruturas sintácticas, informações, etc.

R – repetir as expressões resultantes deste processo.

Sabemos ainda que a leitura de literatura infantil, quando feita de forma eficaz e sem requerer obrigatoriedade traz inúmeros benefícios, sendo associada à melhoria das competências literárias, como refere Coutinho e Azevedo (2007:35).

As crianças que lêem pouco não podem aproveitar nem apropriar-se destes benefícios e conseqüentemente quando elas não estão motivadas para ler, as oportunidades para aprender decrescem significativamente.

Afigura-se-nos pertinente, no próximo ponto desta dissertação, fazer uma breve viagem pela história da Literatura Infantil, de forma a perceber o seu início, evolução e a sua chegada ao século XX.

2.1. HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DOS TEMPOS

O povo é uma grande criança colectiva, é o eterno infante. Dizer popular é pois dizer infantil. Todos nos recordamos do prazer delicioso com que escutávamos na meninice os contos maravilhosos. (Antero de Quental, 1883)

Uma criança que lê pode encontrar a varinha de condão que lhe permite entrar no mundo do sonho e da realidade. Dar-lhe a leitura de contos infantis é despertar a Bela Adormecida do Bosque, é restituir o sapatinho de cristal à Gata Borralheira, como escreve Muller (?).

Contar e ouvir histórias é decerto uma das mais antigas actividades humanas e para fazer a história da literatura infantil teremos que procurar as suas origens na literatura tradicional oral.

Esta tradição oral seria a derradeira tentativa para explicar fenómenos naturais ou, aparentemente sobrenaturais, que tornavam a realidade, nessa época de então, complexa, o que constituía um mistério para a mente humana era explicado como misto de fantasia e imaginação, sob a forma de lendas, fábulas e mitos.

A literatura oral desenvolveu-se sobretudo nos países orientais, onde terão surgido as grandes fontes de narrativas lendárias.

Nas antigas literaturas do Egipto, Índia e Grécia encontram-se referências ao hábito de contar histórias como forma de entretenimento, não só das crianças, mas também dos adultos.

Esse hábito tem-se mantido ao longo do tempo e basta pensar nas estrofes dos Lusíadas em que se lê:

[...] Histórias contam, casos mil referem.
- Com que melhor podemos – um dizia
Este tempo passar, que é tão pesado
Senão com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado?
(Lusíadas, Canto VI, estrofes 39,40,42)

Estas estrofes comprovam que era costume os rudes marinheiros contarem histórias que os fizessem passar o tempo e lhes ensinassem alguma coisa. Analisando a história de literatura infantil e, recuando à Idade Média, destacam-se a influência das histórias de origem oriental e semítica, que influenciaram a cultura peninsular e deixaram a marca da moura encantada, entre outros elementos.

2.1.1. DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XVI

Na Idade Média, ouvir contar contos populares constituía, nessa época, a única forma de distração numa sociedade em que muito poucos sabiam ler e onde praticamente não havia teatros.

Embora na sua fase inicial, esses contos populares, não fossem exclusivamente destinados às crianças, parece lícito considerá-los como sendo estes os pais da literatura infantil, tanto mais que constituíam uma fonte inesgotável a que os escritores de obras para a infância foram procurar inspiração, sobretudo às violências e às situações dramáticas tão do agrado do público jovem.

Durante muitos anos, as crianças foram consideradas adultos em miniatura que teriam os mesmos interesses e as mesmas reacções que os adultos, não havendo, portanto, necessidade de distinguir o que era destinado a uns ou a outros.

Este é com certeza o motivo pelo qual, quando se começa a estudar a literatura infantil, se verifica que ela seguiu a mesma evolução cronológica e sofreu a influência dos grandes movimentos literários e das mudanças sociais que afectaram a literatura em geral.

Em Portugal, como no resto da Europa, não havia intenção de escrever para as crianças durante a Idade Média, certamente, devido à falta de instrução da maioria da população e ao facto de ouvir e contar histórias ao serão, à volta da lareira.

Desse entretenimento diário faziam parte as crianças, para além das narrativas tradicionais, surgiram, nessa época, os romances de cavalaria, de género tipicamente medieval, atraíam as crianças pelo ambiente destemido e de encantamento, para além claro, da feição moralizadora, tão ao gosto da época.

Ao ler estas aventuras de tempos recuados verifica-se que há alguma semelhança entre os heróis de romances de cavalaria e os super heróis actuais, já escrevia Bernardo Ribeiro (1557):

Quando eu era da vossa idade, e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites de Inverno, antra as mulheres de casa, d'ellas fianda,, e outras devando, muitas vezes, para enganarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não leixassem parecer o serão longo; e uma mulher de casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas, por mais ancian, dizia sempre, que a ella pertencia aquel offício. E, então, contava histórias de cavalleiros andantes. E, verdadeiramente, as affrontas e grandes e aventuras que ella contava que se elles punham, polas donzellas, me fazia a mim haver dó d'elles.

Mais tarde, com o declínio da tradição oral no Renascimento e com a invenção da tipografia, as histórias começaram a surgir sob a forma impressa; embora fosse uma produção muito escassa, apareceram folhetos chamados de “cordel” porque eram vendidos e expostos ao público em fio barbante.

Esta literatura era constituída por histórias rimadas, para facilitar a fixação mnemónica e relatavam acontecimentos extraordinários.

A ideia corrente era que a mentalidade das crianças correspondia à das camadas menos cultas da população, a quem se destinavam estes panfletos.

Muitas das peças do grande dramaturgo Gil Vicente foram publicadas então e muito contribuíram para aumentar a sua popularidade entre as camadas do público jovem.

2.1.2. DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XVIII

Este primeiro século, foi muito pobre do ponto de vista literário, tanto nas obras para crianças, como na literatura em geral, foi então que nasceu o francês Jean de La Fontaine (1668-1694), que viria a exercer grande influência na literatura infantil em todo o Mundo; sendo seu apanágio: “instruir divertindo” o que foi, nessa altura, uma inovação.

Embora só mais tarde a obra de La Fontaine fosse traduzida para português, foram vários os autores que cultivaram a fábula em Portugal com as características que ainda hoje se conhecem.

Após a escassez de produção literária do século XVII, eis que o novo século surge como um marco na história da literatura infantil. Para isso contribuiu em muito, o ambiente característico do Iluminismo; começa, nessa altura, a haver por toda a Europa uma maior atenção com a educação, a influência de pedagogos como Locke e Rousseau e a preocupação com a educação passa a ser uma realidade.

Locke aconselha às crianças de então que, para primeiras leituras: as fábulas, por considerar a literatura infantil como um meio de formação cultural e moral.

Tal facto, contribuiu para o aumento do público leitor.

Nessa época pensava-se que a função da família era, principalmente, dar formação moral e cultural às suas crianças, transmitindo-lhes valores sociais e religiosos. A literatura infantil era assim um dos meios que os pais tinham à sua disposição para exercer a sua influência e moldarem a personalidade dos seus descendentes.

2.1.3. DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX

Grande parte dos escritores de literatura infantil portuguesa acha que foi no século XIX que, pela primeira vez, surgiu entre nós uma literatura para crianças.

Os escritores de então começaram a escrever para a criança em moldes semelhantes aos actuais.

Uma das novidades deste século revela a consciencialização de que as crianças eram diferentes do adulto e que a literatura que se lhes destinava tinha que ser, portanto, diferente também.

Começou-se então a explorar *esse universo inexplorado: a criança* e começou-se a ter noção de que os homens são, em grande parte o que foram em crianças.

Esta ideia provocou uma revolução na literatura infantil, ao dar importância à criança como leitor, com gostos e preferências diferentes e até, muitas vezes, opostos aos dos adultos. Para este ambiente, contribuíram alguns escritores que saíram do país, por motivos políticos, abrindo horizontes com outros intelectuais no estrangeiro, foi o caso de Almeida Garrett e Alexandre Herculano.

O entusiasmo pelo progresso educacional e pela difusão do ensino para todos, que surgiu com a revolução liberal e o aperfeiçoamento de meios técnicos, modificariam para sempre a concepção que se tinha da literatura infantil, até então.

No século XX, a família sofre uma grande transformação, em parte devido à grande percentagem de números de divórcios e ao facto de que a maioria das mulheres/mães passar a trabalhar fora de casa. Estes factos fazem com que as crianças passem muito tempo sozinhas, deixou de haver espaço para as leituras ao serão; são agora as crianças que escolhem e compram os seus livros. Estes adquirem uma dimensão própria e apresentam-se, muitas vezes, em séries em que as mesmas personagens actuam em argumentos cheios de acção.

O curioso é que a fala, o narrador e o contador de história, voltou a revestir-se de importância.

Ao fazer este estudo sobre a literatura infantil portuguesa durante o século XX, chega-se à conclusão que, embora tenha havido modificações, houve também temas que se mantiveram e que muitos dos nossos grandes escritores, conscientes de certo da importância deste ramo de literatura, não desprezam e passaram, também eles, a escrever obras para crianças.

Do ponto de vista comercial, a literatura infantil inunda hoje as livrarias. Estudos comprovam que este tipo de literatura traz valores de referência para a história da cultura de um povo.

2.2. MEDIAÇÃO LEITORA: QUEM É O VERDADEIRO MEDIADOR DE LEITURA?

Um mediador da leitura é aquele que, através de actividades programadas ou não, consegue despertar o bichinho da leitura que todos temos cá dentro, mas que, por vezes, insiste em manter-se adormecido.

Iniciamos esta parte do estudo com a citação de Montes (2000:79) quando afirma:

La figura del bibliotecario, por otra parte, refuerza la biblioteca. Un bibliotecario es naturalmente un hurgador, y posiblemente también un perplejo (tantos son los caminos que se le abren constantemente, tantos los lomos que se ofrecen a cada instante, tantos los "sitios" a través de una tecla). Un Bibliotecario en serio siente que está custodiando una memoria, es celoso de ella y no quiere que se pierda nada: eso lo convierte en alguien más amigo de las encrucijadas que de los caminos ya trazados. La pregunta de lector su perplejidad lo impulsa. Se desconcierta junto con el desconcertado y lo ayuda a moverse en la biblioteca. Las marañas, las redes, las insondables memorias son su pan de cada día.

Ora, o professor também ele mediador deverá corresponder a um perfil que não é fácil caracterizar.

Cremos, todavia, que o professor enquanto mediador deve ter uma formação específica, científica e pedagógica profunda capaz de levar aos alunos, a visão que o texto transporta e, em simultâneo, deixar lugar para que eles criem as suas próprias visões do mundo numa perspectiva de posicionamento alternativo, onde o diálogo tem sempre lugar.

Há, no entanto, cada vez mais, a preocupação em definir, implantar e impulsionar a biblioteca escolar em todas as escolas para que os nossos mais pequenos cidadãos possam dispor de recursos e possibilidades suficientes, de forma a melhorar as suas competências leitoras.

Praticar e favorecer a leitura na escola, aproximar os livros das crianças, motivar para a leitura é nossa obrigação enquanto pais, professores e bibliotecários como diz Cabrero (2000:102):

La escuela es el espacio físico y el entorno humano en el que el niño o la niña va a enfrentarse a la decodificación de unos signos que, una vez lograda, le permitirá entender los mensajes escritos. Las criaturas, evidentemente, no vienen del limbo cuando llegan a la escuela. [...] Quizás les hayan contado pequeños cuentos, [...] e incluso es muy posible que hayan manoseado algunos libros plastificados a la hora del baño [...]

Pensamos que os familiares, os pais em primeira instância, deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros elos da criança com o mundo. Assim, aos pais em especial, cabe a tarefa de aproximar a criança do texto, pois o gosto pela leitura deve ser adquirido no período em que se inicia o processo de aquisição da linguagem oral, no período em que as crianças estão mais flexíveis, inquietas, curiosas e desejosas de aprender o novo; portanto, desprendidas de conceitos e preconceitos, interessando-se em explorar tudo o que está ao seu redor.

Naturalmente que após a entrada na escola, o professor fica encarregue de, também ele, aproximar a criança da leitura e do livro; porém, é fundamental que o faça, mostrando o texto como algo estimulante e não como instrumento de avaliação e tarefa. Além disso, se o professor não for, também ele, um indivíduo crítico, sensível, consciente e um bom leitor, jamais poderá passar o prazer do texto e da leitura aos seus “jovens aprendizes”.

Da mesma forma, esperamos que este processo ocorra, igualmente com o bibliotecário, de modo a promover a leitura na biblioteca, de modo a fazer

chegar eficaz e eficientemente o material de leitura até o leitor, formando e preservando leitores para a vida. Não basta quereremos ser mediadores da leitura, antes de mais temos de acreditar nos efeitos de uma boa leitura e de acreditar que o livro é uma terapia para o corpo e para a alma. Se houve tempo em que os jovens liam porque era uma forma de entretenimento, hoje em dia têm tantos divertimentos, que para alguns é necessário existir uma razão muito boa para ler.

Tamanha responsabilidade deve ser interpretada pelos mediadores como um desafio constante, pois o papel que eles desempenham na motivação da leitura pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores. Portanto, os mediadores interessados numa mediação eficiente, devem ser empáticos; para que posicionados no lugar do outro (leitor), possam percebê-lo com maior nitidez.

Os espaços para dar lugar a este encontro entre leitor/livro não se limita à biblioteca ou à escola havendo uma pluralidade de espaços e lugares que convém explorar, de modo a que nenhum indivíduo fique excluído, nunca se sabe quando se acenderá a chama que o converterá num leitor para a vida, como refere Azevedo (2007:152):

Falamos numa pluralidade de espaços e de lugares, porquanto entendemos que a fruição dos significados dos textos pode e deve ser exercitada não só em espaços como a escola e a biblioteca, mas também em todos os lugares nos quais a presença comunitária possa activamente contribuir para um aumento do grau de literacia dos membros de uma sociedade: por que razão não poderemos encontrar textos, em quantidade, qualidade e variabilidade, em espaços como os transportes públicos - recordemos que grande parte da população passa algumas horas por dia nesses locais - , os cafés, os restaurantes, os lares da terceira idade, os centros de saúde ou os hospitais? Todos eles são espaços sociais, frequentados por largas camadas de população, e que poderiam, caso houvesse o reconhecimento do interesse de fomento das práticas de literacia, constituir-se como locais excelentes para a criação de oportunidades para o exercício de leituras.

Tal como referem Cerrilo, Larrañaga e Yubero (2002), nesta perspectiva, exige-se aos mediadores, nomeadamente, professores e bibliotecários, formação académica específica, desde o conhecimento da literatura infanto-juvenil até ao conhecimento do processo leitor e às funções e requisitos de um mediador de leitura.

Mas ao mediador cabe um olhar atento sobre o público em questão. Como refere Pereira (2009:17):

Deste modo, um indivíduo que é capaz de praticar uma literacia crítica acaba por aceder a um maior controlo do conjunto dos factores intervenientes no processo de construção de significados. Quer dizer, para além de descodificar o código, de construir na sua mente a representação de um texto linguisticamente coeso e coerente, mobilizando conhecimentos linguísticos e realizando inferências através da evocação dos seus esquemas individuais e do conhecimento que tem do mundo, o indivíduo competente em literacia é simultaneamente capaz de ver por trás da cortina linguística que lhe proporcionou o acesso àqueles significados, procurando explicitar e subverter a ideologia que os sancionou.

Assim sendo, e parafraseando o mesmo autor, deve o mediador evitar modelos culturais como: o machismo, a homofobia, o chauvinismo, o racismo, os diversos fundamentalismos religiosos, a censura, a homossexualidade, a opressão de raças ou etnias, ...

Cada um destes modelos culturais supõe a existência de um “x” (normalmente um grupo social relativamente minoritário) e de um “y” (normalmente um grupo social relativamente maioritário) que é dominado por aquele; a permanência de cada um destes modelos culturais está, por isso, associada a situações de privilégio, de desigualdade e de injustiça social. (Pereira, 2009:18)

A autora, no âmbito da literacia crítica e, tendo em conta o papel do mediador, apresenta o seguinte quadro:

Quadro 2 - Modelos teóricos da (pedagogia da) literacia

Halliday plus modelo of language learning (Harste, 2001)	The four resources model (Luke & freebody,1999)	Principles of the pedagogy of literacy (The New London Group, 2000)
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender linguagem • Aprender através da linguagem • Aprender acerca da linguagem • Aprender a linguagem para criticar 	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas de descodificação • Práticas de participação textual • Práticas de análise crítica de textos 	<ul style="list-style-type: none"> • Prática situada • Ensino explícito • Enquadramento crítico • Prática transformada

Em suma, tentamos assumir-nos como mediadores em contínua aprendizagem humana capazes se distinguir “receituários de tarefas para aplicar ad hoc”, mas, pelo contrário, iniciados num processo que a complexa linguagem de que faz parte da escola, necessita.

CAPÍTULO III

OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJECTO

O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo «amar»... o verbo «sonhar»... (Pennac, 1992:11)

Pretendemos, neste terceiro capítulo do trabalho, que serviu de base a esta dissertação, criar uma pequena Comunidade de Leitores, onde o grupo/turma, constituído por dezanove alunos, do 2º Ano de Escolaridade discutiu livros que leram sozinhos, com os pais, com os pares ou na sala de aula com a docente, autora deste estudo, com o intuito de criar book talks, segundo Souza, Moura e Souza (2006): definição para palestras, nas quais se pretende partilhar informações sobre uma determinada obra, procurando suscitar a curiosidade de possíveis leitores.

Este projecto surgiu da necessidade de melhorar competências na área da leitura/escrita, visto ser esta a mais deficitária em que os alunos registavam mais e maiores lacunas.

A docente foi um guia facilitador, motivador e mentor deste projecto que proporcionou às crianças o contacto com o livro, com o maravilhoso, com heróis e situações estimulantes, promotoras das boas práticas relacionadas com a promoção da leitura/escrita, de forma lúdica, respondendo, sempre que possível, às necessidades da criança permitindo-lhes a entrada no mundo da fantasia.

Tal como o entende Fernandes (2007:19), também nós cremos que a língua é um instrumento fundamental na capacidade do sujeito se definir e interagir com o mundo, por esse facto ler, ouvir e contar histórias é um hábito que se cria e se pretende manter, porque ler e ouvir ler ajuda:

- no desenvolvimento da oralidade;
- motiva as crianças para que leiam de novo;
- cria nas crianças o gosto pelo texto escrito;
- torna-as mais participativas.

Assim sendo o ensino e a leitura da literatura infantil desenvolveu-se através de um processo indutivo de descoberta a partir dos debates deste grupo de crianças, dedicado à leitura, num espaço criado para o efeito, a “Hora do Conto - Sala de Pequenos Leitores.

3.1. TIPO DE ABORDAGEM INVESTIGATIVA

O estudo que propus realizar e desenvolver utilizou uma metodologia de investigação, genericamente denominada de “Análise qualitativa de resultados”, como refere Bogdan & Biklen:

[...] utilizamos a expressão investigação qualitativa como termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativo, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas [...]

O tipo de abordagem, em questão, foi escolhido por ser de carácter flexível em que os sujeitos respondem (...) de acordo com a sua perspectiva pessoal (...). (idem:17)

Segundo Bogdan & Bikle, em educação, (...) “a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista (idem:17) já que o investigador e autor do estudo utiliza o local naturalmente, tendo como objectivo primordial observar factos da vida educativa. Neste tipo de investigação, a fonte directa de dados é o ambiente natural, no caso a sala de aula e o investigador será, portanto, o instrumento principal.

Na investigação pedagógica, frequentemente, o investigador é um praticante (um professor, administrador ou especialista educacional) ou alguém próximo da prática, que pretende utilizar a abordagem qualitativa para otimizar aquilo que faz. (Bogdan & Bklen, 1994:266)

Este traduziu-se num projecto de continuidade com uma dinâmica muito própria tendo durado o ano lectivo em curso.

Do projecto constaram quatro etapas:

- **Diagnóstico** – Foram inventariadas as características do público alvo, com resumo sucinto da sua faixa etária, das suas práticas de leitura, dos interesses e expectativas como parceiros, nesta “luta” pela aquisição de bons e consolidados hábitos de leitura.
- **Planeamento** – Em função do diagnóstico planificaram-se actividades a realizar ao longo do ano e por períodos lectivos.
- **Execução** – Foi posto em prática o plano de actividades, definido para este projecto.
- **Avaliação** – Finalizámos fazendo o balanço das actividades e, conseqüentemente do projecto obtendo junto dos sujeitos a sua opinião, fazendo periodicamente uma avaliação qualitativa dos resultados obtidos.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

A população alvo sujeita a este tipo de abordagem investigativa foram todos os alunos de uma das turmas da Escola Básica de Mação, no caso um segundo Ano de escolaridade, composto por dezanove alunos, sendo:

Quadro 3 - Constituição da turma

2º Ano - Turma C (Mac 3)	
Sexo feminino	Sexo masculino
Oito alunas	Onze alunos

Esta turma, é bastante heterogénea, quer em termos comportamentais, de idade (a faixa etária situa-se entre os 7 e os 9 anos), como de aprendizagem.

De um modo geral e, em contexto escolar, a turma revelou-se muito imatura e pouco autónoma. A grande maioria dos alunos, revelava grande défice de atenção /concentração, estando quatro deles a ser seguidos em Consultas de Desenvolvimento, no Hospital Amato Lusitano, de Castelo Branco. Duas destas crianças frequentam a Terapia da Fala e, simultaneamente, a Psicóloga do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, que trabalham em parceria com a Câmara Municipal de Mação, os outros dois alunos foram encaminhados, no final do 1º período, para despiste de dislexia ou qualquer outra “patologia”, que os impede de melhores e maiores resultados a nível semântico, morfo-sintático e fonológico.

São apoiados, pela professora do Apoio Sócio Educativo, quatro alunos que revelam grandes dificuldades de aprendizagem, essencialmente na área da língua portuguesa.

Deste universo, há ainda duas crianças que tendo ficado retidas no ano lectivo 2008/2009, possuem Plano de Acompanhamento e não faziam parte deste grupo inicial. Os referidos alunos são ainda acompanhados nas Consultas de Desenvolvimento, na instituição atrás referida, em Castelo Branco.

Integra a turma um aluno abrangido pelo Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro, sendo apoiado pela Psicóloga, Terapeuta da Fala e Prof. do Ensino Especial.

Em termos comportamentais, a turma revelou-se muito turbulenta, com comportamentos inadequados e promotores da indisciplina dentro e fora da sala da aula, sobretudo entre pares. O grupo apresentava alguma dificuldade na aquisição, interiorização e cumprimento de regras, estando cinco desses alunos referenciados na Comissão e Protecção de Menores de Mação.

Com características tão “sui generis”, o trabalho pedagógico, com a turma é feito, na maior parte das vezes, individualmente e, tendo em vista uma uniformização na progressão e aquisição dos conteúdos programáticos, visando o enriquecimento vocabular, a compreensão da leitura e da escrita, onde, em abono da verdade a turma revelava, claramente, graves lacunas. Poucos são os alunos, que se destacavam, pela positiva.

No entanto e, de um modo geral, a turma progrediu. Melhorou na autonomia, no tempo de atenção/concentração, na organização e execução de trabalhos escritos, etc.

Neste contexto, foi importante o Projecto de Turma, integrado no Projecto Curricular de Turma: “ A Hora do Conto - Sala de Pequenos Leitores”, cujo objectivo primordial foi o de melhorar a eficácia da leitura e da escrita, de ensinar estratégias para abordar e compreender o texto, retirando dele as informações essenciais.

Neste caso e neste espaço específico, trabalhámos pequenas histórias retiradas da nossa biblioteca de sala, onde, guardados em baús de plástico, estão “arrumados” os livros infanto-juvenis, que havia lá por casa e que disponibilizei para o efeito.

Participámos em actividades, para as quais a Escola Básica de Mação foi convidada, nomeadamente o projecto “Estafeta de Contos”, aderimos ainda ao projecto “Livro com Rodas” como incentivo à leitura.

Participou-se, nas poucas actividades temáticas promovidas pela Biblioteca do Agrupamento.

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA DAS FAMÍLIAS

A maioria destas crianças vive em aldeias próximas da vila e foram criadas infra-estruturas (pelo poder local) para que as mesmas pudessem ser transportadas, para a escola do concelho. Vêm, na grande maioria, de famílias com poucos recursos económicos, os pais trabalham em empregos precários e, a maior parte, com salários reduzidos.

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FÍSICO E SOCIAL DA E.B. DE MAÇÃO

O Concelho de Mação pertence ao Distrito de Santarém e situa-se no vértice de três regiões; a Beira Baixa, o Alentejo e o Ribatejo.

Dista de 185 Kms Nordeste de Lisboa, de 230 e 140 Kms Sudeste do Porto e Coimbra, respectivamente, e a 60 Kms Este de Tomar. É composto por oito freguesias: Aboboreira, Amêndoa, Cardigos, Carvoeiro, Envendos, Mação, Ortiga e Penhascoso.

A paisagem típica de todo o concelho é a floresta de pinheiro bravo que "abraça" os vales de oliveiras (oliveira é a árvore rainha). Existem também bons terrenos hortícolas, sendo o melhor acesso rodoviário vindo de Lisboa, do Porto ou do Litoral pela IP6 que passa a 5Kms da zona industrial de Mação e a 3Kms do parque de campismo e albufeira de Ortiga. Complementarmente, poderá optar pela estrada do pinhal ou então pelos eixos locais como a EN 244 de Ribeira de Eiras a Cardigos, a EN 241-1 de Barracão a Mesão Frio, a EN 359 de Envendos a Barca da Amieira, a 244-3 de Chão de Codes ao Limite do Concelho de Mação, a EN 3-12 de Mação à estação de Ortiga, a EN 351 de Envendos a S. Pedro do Esteval e a En 359-1 da 359 à Pracana.

Nos Caminhos de Ferro, temos na Freguesia de Ortiga, a estação de Alvega e o apeadeiro da Barragem de Ortiga e na Freguesia de Envendos temos o apeadeiro da Barca da Amieira.

Estrategicamente e geograficamente bem situado, este Concelho apresenta grandes potencialidades naturais, sendo as estâncias termais da Ladeira e da Fadagosa, e as várias praias fluviais aqui existentes um bom exemplo.

HISTÓRIA DE MAÇÃO

Toda esta região ligada fisicamente à Beira Baixa, remonta ao período do Paleolítico, na Pré-história, era da qual se encontram muitos vestígios. A Região da Beira é tida como uma região erma, cujo despovoamento se terá dado entre a invasão árabe e o início da primeira dinastia, mas existem inúmeros vestígios romanos, levando a crer que este império tenha dominado a região nos primeiros séculos da nacionalidade.

Em relação à sua origem, algumas dúvidas têm sido levantadas existindo documentos confusos e contraditórios. Em 1323 era Vila e Concelho doado à ordem de Malta; em 1518 foi assinado o Foral de Vila por D. Manuel; em 1836 foi extinta como Concelho e passou a fazer parte do Concelho de Mação¹.

Durante as invasões espanholas e Francesas houve alguns locais da freguesia que foram guarnecidos por tropas e artilharia para enfrentar os invasores². Em 1807, Mação foi pilhado pelos franceses durante a primeira invasão Napoleónica no nosso país. Com a constituição surgem as lutas entre Liberais e Miguelistas que tomaram grande dimensão neste concelho. Em 1834 foram extintos os Concelhos de Belver, Envendos e Carvoeiro sendo incorporados em Mação. Em 1867 o Concelho de Mação foi suprimido e passou a pertencer ao de Proença-a-Nova até 10 de Janeiro de 1868 data em que foi restaurado.

¹ Referenciado por Manuel de Jesus Marques – Monografia de Envendos, Junta Distrital de Santarém, 1974, pág. 33.

² Referenciado por Manuel de Jesus Marques – Monografia de Envendos, Junta Distrital de Santarém, 1974, págs. 65-68.

A vida económica de Mação consistiu durante muito tempo na indústria de tecelagem de lãs, fabricação de curtumes e exportação de gado. O que dá origem às condições de riqueza na indústria e na agricultura de Mação é a quantidade de água que passa e rega a região, o rio Tejo, o ribeiro de Mação, as ribeiras de Eiras, de Coadouro e ainda outras de menor importância.

O artesanato no Concelho de Mação, continua a ser perpetuada pelas mãos de hábeis artesãos e um pouco por toda a região podemos encontrar trabalhos tanto em olaria como em latoaria, as albardas e correias, os trabalhos em esparto e arame, as rendas e bordados, a tecelagem em fios de algodão, lã e linho, as mantas tecidas em teares manuais, os brinquedos de madeira e a manufactura de barcos e redes de pesca.

3.3. COMPETÊNCIAS DO CURRÍCULO NACIONAL E PLANIFICAÇÃO ANUAL: SUA ARTICULAÇÃO

Considera-se pertinente, nesta fase do trabalho analisar as competências específicas em relação aos primeiros anos no geral e, em particular, ao 2º Ano de Escolaridade

Estando numa fase de transição e a serem utilizados de forma experimental, os Novos Programas de Língua Portuguesa, a consulta do Programa de Português do Ensino Básico homologado em Lisboa, em Março de 2009, permitiu a elaboração do seguinte quadro:

Quadro 4 - Competências específicas (área da Língua Portuguesa):

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	
PRIMEIRO E SEGUNDO ANOS - 1º CICLO	
COMPREENSÃO ORAL	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber escutar para reproduzir pequenas mensagens e para cumprir ordens e pedidos. ✓ Prestar atenção a breves discursos sobre assuntos que lhe são familiares, retendo o essencial da mensagem. ✓ Compreender o essencial de histórias contadas, de poemas e de textos de tradição oral.
EXPRESSÃO ORAL	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Falar de forma clara e audível. ✓ Esperar a sua vez, saber pedir a palavra. ✓ Formular pedidos e perguntas tendo em conta a

	<p>situação e o interlocutor.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Narrar situações vividas e imaginadas.
LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ler com clareza textos variados com extensão e vocabulário adequados. ✓ Compreender o essencial dos textos lidos. ✓ Ler textos variados com fins recreativos.
CONHECIMENTO EXPLÍCITO DA LÍNGUA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manipular e comparar dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua. ✓ Explicitar regras de ortografia e pontuação. ✓ Mobilizar os conhecimentos adquiridos na compreensão e produção de textos orais e escritos.

Deliberadamente, estão aqui representadas todas as competências, as da escrita e as da leitura, já que este é um binómio que caminha lado a lado e para o sucesso de um contribui o do outro.

Ao reflectir sobre as actividades e estratégias planeadas para a operacionalização do projecto “Comunidade de Leitores – Vinte razões para ler” parece relevante apresentar aqui as Competências Gerais e as Unidades Temáticas relativas ao 2º Ano, comuns a todas as escolas do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, de Mação.

Os temas que tratámos na operacionalização desta dissertação vão de encontro aos abordados na planificação anual, nas Unidades Temáticas: “Os amigos, as suas relações e o respeito de uns pelos outros”.

Quadro 5 - Planificação anual (2009/2010)

PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO		ANO LECTIVO 2009/2010
<u>LÍNGUA PORTUGUESA – 2º ANO DE ESCOLARIDADE</u>		
COMPETÊNCIAS GERAIS	UNIDADES DIDÁCTICAS	
<ul style="list-style-type: none"> •Compreender discurso – padrão de acordo com contextos e situações. •Sistematizar os processos de decifração do material lido. •Expressar-se oralmente em português –padrão. •Dominar as técnicas – base da escrita. •Desenvolver a consciência do uso das competências linguísticas como instrumentos. 	<p><u>1º Período</u> <u>Os Amigos Reencontram-se/ Os Amigos falam de Si/ Os Amigos e o seu Bem – estar/Os amigos em segurança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza • Desenvolver o gosto pela escrita e Leitura <p><u>2º Período</u> <u>Os Amigos Relacionam-se/ Os Amigos Precisam dos Outros/Os Amigos Comunicam</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral • Desenvolver as competências da leitura e da escrita <p><u>3º Período</u> <u>Os Amigos Amam a Natureza/Os Amigos Experimentam/ Os Amigos Partem à descoberta</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Criar gosto pela recolha de produções do património literário oral • Utilizar técnicas de recolha e de organização de informação 	

3.4. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO: METODOLOGIA DO TRABALHO

Sabemos hoje que saber ler e reter as informações de um texto seja ele literário, de ficção, instrucional, biográfico, poético, informativo...é condição indispensável para o sucesso do indivíduo, seja na sua vida profissional, escolar ou mesmo pessoal. Este factor é determinante para o sucesso individual e das comunidades (escolar e nacional).

Não é por acaso que os países que atingiram os mais altos níveis de desenvolvimento são também aqueles que mais cedo erradicaram o analfabetismo, sendo também os que apresentam maiores níveis de literacia. Havendo neste binómio uma relação directa *maior nível de desenvolvimento = maior e melhor literacia*.

A importância da leitura é das temáticas mais discutidas no âmbito educacional, principalmente, porque, para além de ser uma das mais importantes habilidades que precisa ser desenvolvida no aluno, passou a ser, simultaneamente um dos maiores entraves ao sucesso escolar, vivenciados pela grande maioria dos nossos estudantes.

Não existe uma fórmula para garantir o sucesso em literacia como refere Azevedo (2007), escrevendo este autor e definindo o termo como a capacidade de reconhecer símbolos e signos num texto possibilitando uma integração efectiva e eficaz entre as componentes do falar, ouvir e do raciocínio crítico.

Em Portugal, as décadas do Estado Novo, tornaram o povo, em grande escala, analfabeto funcional, que, embora lendo não o faz fluentemente nem de forma eficaz, na grande maioria das suas actividades diárias, como seja ler um jornal, consultar um horário de transporte público, interpretar a bula de um medicamento, saber interpretar uma receita de culinária...

À luz de novos estudos, a escola aposta agora e cada vez mais, na formação de leitores, repensando a forma de ensinar a ler e a escrever, partindo do pressuposto que a leitura não é só decifração, mas construção de significados. Hoje, ler tem uma tripla função: a de distrair, instruir e informar.

Ensinar a ler é, antes de mais, ensinar explicitamente a extrair informações, seriando o “útil do acessório”. É importante munir as crianças com ferramentas eficazes para que as mesmas sejam capazes de abordarem os textos, de forma eficiente, compreendendo neles o que está escrito.

- Formar esses leitores é o desafio primordial do professor!

Pretendeu-se, com este estudo que os indivíduos, em questão, interagissem, com os livros, entre si e com a docente, autora do estudo, tentando melhorar e criar o gosto pela leitura, sendo aliciados a entrar no Mundo fantástico dos livros e, aí permanecerem.

Iniciámos então a nossa COMUNIDADE DE LEITORES dentro do espaço que todos partilhámos, a sala de aula.

Como tive oportunidade de referir anteriormente, foi criada, na sala de aula (não em termos de espaço físico, porque o espaço, em termos de metros quadrados, não o permite), a “ Hora do Conto - Sala de Pequenos Leitores”. Este espaço foi por todos frequentado, com carácter de obrigatoriedade, todas as sextas feiras e, muito frequentemente, durante a semana quando um aluno o solicitava ou quando entendíamos ser pertinente fazê-lo.

Na escola, apesar de ser a maior do concelho e estar situada na vila de Mação, não havia um espaço destinado à Biblioteca, embora esteja projectado desde o ano transacto, não possui um único computador, continuando o 1º Ciclo do Ensino Básico a ser tratado e visto como o “parente pobre” do Ensino, continuando as suas escolas mal apetrechadas e votadas ao esquecimento e, quase ostracismo.

Para o efeito, na sala de aula, criámos uma pequena Biblioteca Infantil, os livros são de livre e fácil acesso a todos os alunos do grupo/turma, sem necessidade de requisição ou preenchimento de ficha, confiámos uns nos outros e as crianças sabem que o livro é para usar, partilhar e conservar em bom estado, como se de um amigo se tratasse.

Criar um leitor responsável foi o que se pretendeu; sem imposições, limitações ou “burocracia”. O baú, para além de possuir alguns títulos recomendados na lista de livros do Plano Nacional de Leitura (P.N.L.) para o 2º Ano de

Escolaridade continha ainda, na sua lista, outros livros que pelo interesse ou por serem adequados à faixa etária do grupo/turma, aí foram integrados.

Este grupo, como tive já oportunidade de referir, revelava pouca compreensão leitora e, de um modo geral, estavam ainda muito preocupados com a palavra, muitos deles seguiam com o dedo a leitura, “perdendo-se” com facilidade.

Na generalidade, o grupo revelava, claramente, uma leitura muito deficitária e a motivação para “aprender a ler” e “ler a aprender” era muito pouca.

Voltando à consulta do novo Programa de Português do Ensino Básico, retirámos dele as Competências Gerais e os Descritores de Desempenho, que achámos pertinentes trabalhar, relativos ao ano de escolaridade a tratar.

Quadro 6 - Competências gerais e Descritores de desempenho (para o 2º Ano de Escolaridade)

COMPETÊNCIAS GERAIS (LINHAS ORIENTADORAS)	DESCRITORES DE DESEMPENHO
▪ COMPREENSÃO DO ORAL	
Escutar para aprender e construir conhecimento(s)	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> -apropriar-se de padrões de entoação e ritmo; -apropriar-se de novos vocábulos; - associar palavras ao seu significado; -identificar palavras desconhecidas, -integrar novas palavras no léxico; -responder a questões acerca do que ouviu; -relatar o essencial de um pequena história; -identificar o sentido global de textos ouvidos; -recontar histórias. ❖ Utilizar técnicas simples para registar, tratar e

	<p>reter a informação:</p> <ul style="list-style-type: none"> -identificar palavras-chave; -hierarquizar a informação; -procurar informação complementar com a ajuda do professor. <ul style="list-style-type: none"> ❖ Manifestar ideias, sensações e sentimentos pessoais, suscitados pelos discursos ouvidos.
<p>▪ Expressão oral</p>	
<p>Falar para aprender (aprender a falar, construir e expressar conhecimento)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Articular correctamente palavras, incluindo as de estrutura silábica mais complexa. ❖ Usar vocabulário adequado ao tema e à situação. ❖ Construir frases com graus de complexidade crescente, ❖ Falar, com progressiva autonomia e clareza, sobre assuntos do seu interesse imediato, ❖ Produzir discursos com diferentes finalidades e de acordo com intenções específicas. <p>-partilhar ideias, sensações e sentimentos pessoais, -contar histórias.</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Adaptar o discurso às situações de comunicação e à natureza dos interlocutores. ❖ Participar em actividades de expressão orientada respeitando as regras e papéis específicos: <p>-ouvir os outros, -respeitar o tema.</p>
<p>▪ Leitura</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Saber manusear livros folheando-os correctamente.

<p>Ler para aprender (aprender a ler, obter informação e organizar o conhecimento)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Distinguir texto e imagem. ❖ Identificar as funções da leitura (para que serve). ❖ Utilizar técnicas simples de consulta de informação em diferentes suportes (convencional ou digital). ❖ Antecipar conteúdos. ❖ Mobilizar conhecimentos prévios. ❖ Ler com progressiva autonomia textos para: <ul style="list-style-type: none"> -confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto; -identificar o sentido global do texto; -seguir instruções escritas para realizar uma acção; -responder a questões sobre o texto; -formular questões sobre o texto; -memorizar peças de informação; -procurar informação complementar com a ajuda do professor; -propor títulos para textos ou partes de textos. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler em voz alta para diferentes públicos.
<p>▪ Escrita</p>	
<p>Escrever para aprender (para aprender a escrever, para construir e expressar conhecimento)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Perceber que a escrita é uma representação da língua oral. ❖ Usar adequadamente os instrumentos da escrita. ❖ Dominar as técnicas básicas para usar o teclado do computador. ❖ Elaborar, por escrito, respostas a questionários e actividades. ❖ Planificar pequenos textos em colaboração com o professor. ❖ Redigir textos.

	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Utilizar materiais de apoio à produção escrita. ❖ Escrever pequenas narrativas. ❖ Escrever pequenos textos por sua iniciativa. ❖ Escrever pequenos textos mediante proposta do professor.
--	--

Na “Hora do Conto - Sala de Pequenos Leitores”, tentámos articular, tanto quanto possível, as competências do currículo nacional, com a nossa planificação anual, bem como com as competências acima explanadas, tendo em vista o cumprimento dos seguintes objectivos, que nos propusemos atingir:

Objectivos:

- Formar leitores autónomos, críticos, reflexivos e interventivos
- Envolver a comunidade educativa
- Responsabilizar as famílias
- Desenvolver uma comunidade de leitores

3.4.1. ABORDAGEM ÀS ACTIVIDADES: INÍCIO E JUSTIFICAÇÃO

A abordagem, neste projecto, foi sempre feita de forma lúdica e estimulante tendo em vista o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade.

Começámos por criar um grupo de leitura, trocando ideias e falando conscientemente de si, enquanto leitores de livros, dos espaços em casa disponibilizados para esse efeito, das escolhas, em termos de leitura, do seu agregado familiar, sendo a mediadora que potenciava a conversa com os participantes (alunos) e destes entre si, cumprindo as regras previamente estabelecidas, para participação no debate.

Desta experiência, o contacto com o livro foi ficando, gradualmente mais enriquecedor e, os alunos foram prestando atenção a pormenores que desconheciam e, sobre os quais nunca tinham pensado:

- no formato dos livros;
- na capa;
- na contra capa;
- na lombada;
- no número de páginas;
- nas ilustrações;
- nas cores utilizadas;
- no nome do autor, da ilustradora, da editora;
- da data de impressão.

Tomaram conhecimento que havendo livros **sem** ilustração, também os há **só** com imagens.

Começaram a descobrir e observar um sem número de elementos, ser sequer conhecer as histórias, as quais o Mundo encantado dos livros os faria mergulhar!

Foi nesse espaço de partilha que coloquei uma questão, para a qual, surgiram várias respostas (**Quadro 7 – Quadro de respostas**).

Questão: - *Quais as razões para ler?*

Respostas:

1ª Aluna	Lemos para saber coisas.
2º Aluno	Lemos para aprender.
3ª Aluno	Lemos para ler e ver livros.
4º Aluno	Lemos para jogar.
5ª Aluna	Lemos para ter uma profissão.
6º Aluno	Lemos para saber ler placas de publicidade.
7ª Aluna	Lemos para saber o que dizem os rótulos dos produtos, no supermercado.
8º Aluno	Lemos para saber o que nos dizem as revistas e os jornais.
9º Aluno	Lemos para não ter negativas.
10ª Aluna	Lemos para saber o que nos dizem as indicações nas estradas e auto - estradas.
11º Aluno	Lemos para saber o que nos dizem os anúncios.

Todas estas razões encaixaram nas nossas, inicialmente previstas, aquando da apresentação deste projecto "Comunidade de Leitores - Vinte razões para

ler", embora as razões que previmos sejam mais abrangentes e contenham alguns vocábulos novos, para a maioria das crianças da turma, no entanto debatemos e clarificamos ideias e, tendo em conta as respostas dadas à questão lançada, encaixamos estas às nossas razões iniciais, se não vejamos:



Vinte razões para ler

1. **Ler para saber** (lemos para saber coisas, para aprender);
2. **Ler para crescer** (lemos para ter uma profissão);
3. **Ler para desenvolver a imaginação;**
4. **Ler para amar;**
5. **Ler para conhecer outros mundos;**
6. **Ler para estudar** (lemos para não termos negativas);
7. **Ler para interagir** (lemos para jogar);
8. **Ler para cozinhar;**
9. **Ler para sonhar acordado;**
10. **Ler para ter Liberdade;**
11. **Ler para abrir um cofre de sabedoria;**
12. **Ler para ter um Amigo;**
13. **Ler para ampliar horizontes;**
14. **Ler para comunicar** (lemos para saber o que nos dizem os anúncios e a publicidade);
15. **Ler para viajar sem sair do lugar;**
16. **Ler para enriquecer o vocabulário** (lemos para ler as indicações das auto-estradas e dos rótulos dos produtos);

17. **Ler para de conhecer melhor;**
18. **Ler para compreender melhor os outros;**
19. **Ler para se actualizar** (lemos para saber o que nos dizem os livros, os jornais e as revistas);
20. **Ler para “Estar” num “Mundo Global, abstraindo-se dele;**

Estas vinte razões para ler foram retiradas da Fundação Germán Sánchez RUIPÉREZ, se bem que sujeitas a algumas adaptações, da nossa parte.

3.4.2. AS OBRAS SELECIONADAS

Após algumas sessões de leitura, feitas aleatoriamente e sem imposições, dos exemplares da nossa pequena Biblioteca, fizemos a votação, de forma livre e democrática, dos livros mais apreciados quer pela história quer pelas ilustrações das mesmas.

A escolha recaiu no “Patinho Feio” de Hans Christian Andersen, familiar da maioria do grupo, embora desconhecemos a versão original. Como a votação não foi “secreta”, à medida que os alunos, com melhores resultados escolares, foram dando a sua opinião, outros houve que foram influenciados pelos primeiros; seria algo que faria de maneira diferente, se o tivesse previsto e a votação passaria, nesse caso, a ser secreta.

Confrontados com estes resultados o primeiro livro estava seleccionado e foram surgindo, espontaneamente projectos e actividades em função das capacidades do grupo de crianças.

Não fizemos questão que as actividades fossem, todas elas, relacionadas com a leitura/escrita ou com a resolução de fichas de trabalho, embora, em abono da verdade fossemos um guia mais do que líder, no entanto, na qualidade de guia fomos direccionando o grupo de trabalho para onde mais nos convinha.

Sendo o 1º Ciclo do Ensino Básico, aquele que goza de interdisciplinaridade, as propostas mais aliciantes que foram nascendo, visaram as Áreas Curriculares da Língua Portuguesa, do Estudo do Meio, da Expressão Plástica, da Expressão Musical, da Expressão Dramática e nas Áreas Não Curriculares, a Formação Cívica.

Começando a planear o ano lectivo e a utilização daquele espaço de leitura/escrita em Outubro e tendo um livro escolhido pelo grupo/turma, questionámo-nos.

- Que trabalho desenvolver com o livro?

Pensámos que o tema abordado nesse conto tradicional tinha potencialidades para ser explorado em várias vertentes e áreas curriculares.

Não sendo um autor especialmente do nosso agrado, nem a história em si; tínhamos que arranjar pelo menos mais duas obras, que tratassem a mesma temática e partir para um trabalho mais abrangente e ambicioso.

Nesta “história” da liberdade de escolha e do processo democrático em que o livro tinha sido seleccionado tivemos que dar a volta ao contexto. Assim, chegámos a três obras a estudar, durante todo o ano lectivo, segundo este timing:

Quadro 8 - As obras seleccionadas

OBRAS SELECCIONADAS A TRABALHAR 2009/2010		
1ºPERIODO	2ºPERIODO	3ºPERIODO
O Patinho Feio de Hans Christian Andersen	O Elefante Zacarias de Rachel Bisseuil e Christian Guibbaud	Meninos de todas as cores de Luisa Ducla Soares

3.4.3. RAZÕES APRESENTADAS PARA A ESCOLHA DAS OBRAS

Tendo sido escolhido pelos alunos o primeiro livro a ser trabalhado, respectivamente para o primeiro Período e, nem tendo sido uma obra que, à partida, escolheríamos, encontrámos lá em casa, na estante do quarto da minha filha, já adolescente e com um apetite voraz por livros, “O Elefante Zacarias”, um dos seus livros preferidos quando, todas as noites e antes de adormecer, era condição obrigatória a leitura como forma de bem terminar o dia.

Achámos que as crianças da turma gostariam do tema, dos animais (principais personagens da história) e, sobretudo, das ilustrações e das cores utilizadas pela ilustradora da mesma.

A terceira opção a surgir e porque, no âmbito de um dos Projectos do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, se iniciou um interessante projecto intitulado “Estafetas de Contos”, cujo objectivo foi o de estudar uma obra ao gosto de cada turma e, depois de trabalhada, apresentada à turma seguinte, sob a forma de récita, teatro/dramatização, apresentação de Power Point, ou outras. Escolhemos (um pouco influenciados pela docente, autora do estudo, confesso!) um dos textos de Luísa Ducla Soares, “Meninos de todas as cores”. Pareceu-nos interessante que, depois de começar a planificar o ano lectivo e as actividades a desenvolver na “Hora do Conto – Sala de Pequenos Leitores”, o tema comum às três histórias fosse um só o **da Discriminação**.

De facto, fomos sendo dirigidos pelo tema central das histórias e levados para uma temática tão abrangente e que se encontra agora e, cada vez mais na ordem do dia, quer seja ela a discriminação sexual, racial, de crença ou religiosa e que assume, por vezes, formas tão absurdas e radicais como é o caso da violência na escola, sob a forma de Bullying.

Estava traçado o plano para que começássemos a trabalhar numa maneira inteligente, levando a turma a falar de temas actuais, pertinentes e que visam tornar-nos melhores e maiores cidadãos do Mundo, focando todos eles a temática do “Respeito pelos outros”, na Formação Cívica.

3.4.4. RESENHA, ANÁLISE E REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DAS HISTÓRIAS

Devemos salientar que cada actividade é composta por três momentos distintos:

- a pré leitura;
- durante a leitura;
- depois da leitura;

Como afirmámos neste trabalho, baseámo-nos em Yopp & Yopp (2006) citadas por Pontes e Barros (2007:71) que encaram estas actividades como uma abordagem ao programa de leitura fundamentado na literatura, sendo que este programa valoriza o aluno, o seu conhecimento, as suas experiências e vivências como contributos para a construção de sentidos, demos início ao trabalho.

3.4.4.1. PRIMEIRA HISTÓRIA

“O PATINHO FEIO” de Hans Christian Andersen

Estava a mãe Pata no seu ninho a chocar os seus ovinhos, quando se deu conta de que tinha chegado a hora dos seus patinhos nascerem.

Um a um, foram nascendo todos, com excepção do maior ovo do ninho, mas também este acabou por eclodir, sendo, no entanto, muito diferente dos restantes.

Já em fila, foram nadar no lago da quinta e, logo ali, os restantes animais comentavam a fealdade do novo habitante.

Passou algum tempo e, à medida que o tempo decorria, mais só o pobre animal se sentia. Um dia resolveu sair de casa, onde se sentia triste e rejeitado.

Andou pelo pântano e também aí foi maltratado.

A chegada do Inverno trouxe consigo o frio e a neve, o pobre pato estava já moribundo, quando foi levado por uma idosa que por ali passou. Na sua casa, porém, já havia outros animais que perseguiam o desgraçado, então também deste abrigo resolveu escapar, voltando ao mesmo pântano e, vendo a sua figura reflectida nas águas, percebeu que tinha crescido e as semelhanças com um grupo de cisnes que por ali voava eram muito evidentes.

Encontrou, por fim, o seu lugar.

Com o passar do tempo, tinha-se transformado num belo e bonito cisne!

ANÁLISE

Este conto de Hans Christian Andersen, enquanto metáfora de todas as discriminações, é um pretexto para uma reflexão, em que se analisa:

1º- a aparência como fonte de informação, favorecendo ou discriminando o indivíduo;

2º - a relação entre aparência física e traços de personalidade;

3º - o julgamento do carácter, a partir da aparência física.

O patinho é tragicamente rejeitado por todos os animais de quem tenta aproximar-se. Diferente de todos os outros, não tem sentido de pertença, a partir do qual possa criar a sua identidade como indivíduo e dentro de um grupo.

Aparentemente, a informação sobre a aparência é muito mais valorizada do que a disponibilizada por conteúdos verbais.

Sabe-se que, crianças muito pequenas baseiam-se, quase sempre, em atributos físicos para descrever os seus pares e fazerem juízos de valor, sendo, na maioria das vezes, extraordinariamente competentes para reconhecer rostos humanos e reconhecer neles emoções.

O facto do aspecto físico e dos traços fisionómicos serem tão importantes contribuem para os estereótipos, sendo que, pessoas fisicamente parecidas são percebidas como tendo traços de personalidade semelhantes, pelo contrário pessoas, fisicamente, muito diferentes são tidas como tendo traços de personalidade muito diferente.

Os objectivos a atingir com este conto da Literatura Infantil são os seguintes:

Quadro 9 - Objectivos a atingir (1ª obra)

COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR

- Expressar-se por iniciativa própria em momentos privilegiados da comunicação oral, em pequeno e grande grupo;
- Descrever desenhos e imagens;
- Apresentar e emitir opiniões;
- Contar e participar na elaboração de histórias;
- Intervir oralmente e regular a participação, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (saber ouvir, respeitar as opiniões dos outros, intervir oportunamente).
- Identificar intervenientes;
- Reter informações;
- Formular perguntas e respostas;
- Responder a questionários;
- Dramatizar cenas da história;
- Experimentar variações expressivas da Língua oral;
- Participar na produção de textos;
- Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura;
- Experimentar múltiplas situações de descoberta de descoberta, de análise e de síntese, a partir de palavras;
- Contactar com diversos registos de escrita;
- Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressiva, que correspondam aos reais interesses das crianças;
- Manifestar interesse por situações e personagens de histórias;
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros, a partir das suas ilustrações, do título, da capa...;
- Ler, na versão integral, histórias
- Relacionar o que lê com as suas vivências;
- Recriar histórias em várias linguagens Recontar, dramatizar, elaborar livros, desenhar...

ACTIVIDADE 1

ESTRATÉGIAS ANTES DA LEITURA: A PRÉ-LEITURA

PRIMEIRO MOMENTO

Estas actividades, tal como aborda Lopes (2009:85) visam:

- Activar e construir a competência enciclopédica do aluno/leitor;
- Proporcionar e promover uma verdadeira igualdade de oportunidades a todos os alunos, (sem excepção);
- Despertar nos alunos a curiosidade.

Como a maioria das crianças da turma tinha já conhecimento deste conto tradicional, resolvemos que a motivação para o trabalhar seria iniciada com uma actividade de Expressão Plástica.

Foi distribuído um pedaço de cartolina com um ovo desenhado, no ovo estava traçado o local por onde este se partiria quando o pato eclodisse.

Sendo a história do conhecimento da turma, pedi que cada aluno desenhasse o seu patinho.

No seguimento e, depois de estarem desenhados e recortados o ovo e o pato, foi colocado um atache que tudo uniu e que ao abrir o ovo, saía suavemente o patinho de dentro deste.

Partindo desta motivação, seguimos para o segundo momento desta actividade.

Imagem 1 – O patinho a eclodir do ovo



Esta história permitiu-nos uma vasta articulação curricular, aproveitando-a pudemos explorar actividades nas seguintes áreas:

- Expressão musical: cantámos "A canção dos patinhos"; (Anexo 1)
- Estudo do meio: explorámos o conteúdo programático dos Seres vivos e das suas várias classificações (em relação à comida, à forma como se reproduzem, etc).

Este trabalho afigurou-se-nos tão estimulante que como escreve Sardinha (2007:6):

[...] motivar para a leitura terá que ser algo em que se acredite. Nenhuma estratégia terá o resultado desejado de não houver crença no seu valor. Ora, a leitura é como o amor. Assim sendo, teremos mesmo de estar apaixonados.

SEGUNDO MOMENTO

De seguida, destacámos a palavra PATINHO, escrevemo-la, no quadro e explorámos a sua área vocabular: As palavras da área vocabular foram sugeridas pelos alunos, não tendo tido, como mediadora, nenhuma intervenção neste processo.

Quadro 10 – Palavras da mesma área vocabular

PALAVRAS DA MESMA ÁREA VOCABULAR DE PATINHO			
●	lago	●	água
●	quinta	●	jardim
●	nadar	●	relva

Depois de todas as palavras exploradas e, estando todas elas relacionadas, propusemos a tarefa de escrita de um pequeno texto colectivo, com o objectivo de criar um momento de intertextualidade onde todos os vocábulos entrariam, como única condição: excluir a palavra "PATINHO".

O objectivo desta actividade foi o de incentivar os alunos para a escrita de texto livre, pretendendo que o grupo/turma conseguisse distanciar-se da história.

Introduzir o conto do "Patinho Feio" promovendo a discussão que o relacione com algumas experiências do aluno, como refere Fernandes (2007:28) foi outra das nossas pretensões.

Surgiu o seguinte texto em que o nome dado à personagem é o mesmo que um dos alunos *populares* da turma (Anexo 2):

Na quinta do pai do Tomás, há um bonito lago que está cheio de água.

Nesse lago, o Tomás gosta de nadar e de pescar, ao lado do lago há um bonito jardim com muita relva.

O Tomás sentia-se maravilhado, na quinta do pai!

O texto foi surgindo com alguma dificuldade, a turma "agarrou-se" demasiado à história do "Patinho Feio", contudo enquadrámos, neste segundo momento da primeira actividade a 3ª e 16ª razões para ler, tema da nossa dissertação “**Ler para desenvolver a imaginação**” e “**Ler para enriquecer o vocabulário e a linguagem**”.

Depois de explorado, oralmente, os alunos elaboraram um desenho, servindo este para ilustrar o trabalho anterior. Por fim, escrevemos, numa cartolina, as conclusões a que chegámos:

Quadro 11 – Aferição de conhecimentos

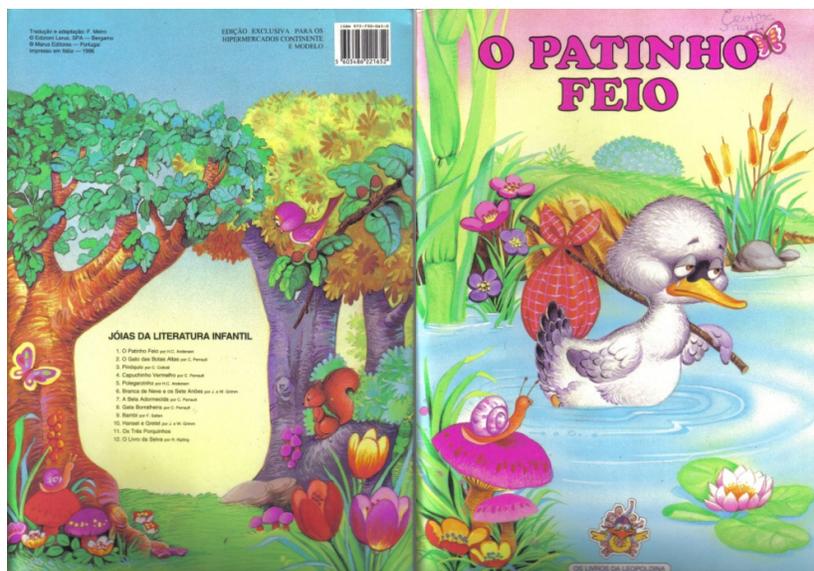
De quem era a quinta?	Com estas respostas pude aferir: 1º- se os alunos conseguiram retirar, do texto o essencial 2º - se conseguimos a distanciação da história 3º- se os alunos sabem inferir e descrever sentimentos e emoções dos textos criados 4º - se o seu vocabulário activo se tornou mais rico, no campo semântico
O que havia na quinta?	
O que tinha o lago?	
Que fazia o Tomás quando ia ao lago?	
O que havia junto ao lago?	
Como se sentia o Tomás, quando ia à quinta?	
Porque se sentia maravilhado o Tomás?	

TERCEIRO MOMENTO

Fazendo uso da técnica Book talk o nosso momento de aproximação à leitura desta história infantil recaiu no valor expressivo da ilustração da capa e contra capa que parece reforçar, por si só, a má sorte do pobre coitado, revelando, pela postura, no texto icónico, uma tristeza sem igual.

Só neste momento e, porque este conto tradicional era já conhecido, analisámos elementos paratextuais (capa e contra capa), e pudemos observar, pormenorizadamente, as ilustrações e as cores que a ilustradora utilizou.

Imagem 2 – Capa e contra capa da 1ª história



Contemplando as imagens da capa e, conhecendo a obra, o grupo foi tirando ilações acerca da história e da personagem principal:

- o patinho vai muito triste;
- ele vai partir, leva uma merenda “às costas”;
- já sabe nadar;
- há um caracol, que está em cima de um cogumelo, muito admirado;

- o lago tem muitas flores e alguns nenúfares;
- no outro lado (contra capa) já se vê uma floresta;
- na floresta também há outros animais;
- as cores são bonitas;
- é Primavera.

Foram fazendo inferências e caracterizando psicologicamente a personagem pelo seu ar triste, desanimado e algo deprimido.

ACTIVIDADE 2

ESTRATÉGIAS DURANTE A LEITURA

O conto foi lido “com expressões vivas” como sugerem os autores atrás referidos e analisámos todas as suas ilustrações. Cada aluno leu uma parte do mesmo e, sendo, na sua maioria, um texto narrativo não pudemos fazer uma leitura dialogada.

No final, fizemos as reflexões acerca da sua personagem principal, explorando-a física e psicologicamente, conduzindo esta discussão de modo a focar o tema central do conto – a discriminação.

Posteriormente, fez-se uma leitura dialógica, que permitiu aos alunos passarem de ouvinte a leitor, esta técnica apresentada por Whitehurst (2001) e referida por Fernando Azevedo (2007) traz ganhos consideráveis para o aluno, em termos de conhecimento literário.

Por sugestão de um dos alunos, fizemos um quadro com todas as palavras novas e cujo significado tínhamos, mais tarde, que procurar. Com as palavras encontradas criámos um poema com “as palavras novas e as já sabidas”:

Quadro 12 - Sinónimos

(Caracterização de palavras novas e de outras já sabidas)

PALAVRAS NOVAS	SEU SINÓNIMO
pântano	lago
eclozir	nascer
rejeitado	oprimido
moribundo	quase morto
esvoaçava	voava
cisnes	aves

O texto que surgiu foi o seguinte:

O nosso Patinho

Tanto frio apanhou

que ficou moribundo

Depressa uma idosa o levou

Aqueceu-o, no casebre, lá ao fundo

Voava sobre o lago, ao pôr do sol

O belo cisne majestoso

O patinho no pantão

Assistia ao voo, algo invejoso!

Com este poema explorámos as rimas e a noção de verso e de quadra.

Comparámos todos os textos abordados (o primeiro texto livre produção da turma, o da história e esta poema) geradores de “intertextualidades interessantes do ponto de vista pedagógico-didático”, nas palavras de Coutinho e Azevedo (2007:40).

Resultou uma aula muito proveitosa, pudemos focar outras competências, fazendo até a ligação com a área de Estudo do Meio.

No quadro explorámos, através de Diagrama de Venn, as características do Patinho Feio, fazendo o seu retrato físico e psicológico. Sendo que este termo: diagrama é uma representação visual estruturada e simplificada de um determinado conceito, ideia, etc (Anexo 3).

O diagrama de Venn pode ser interpretado como a relação entre um determinado conjunto *A* e um conjunto *B*, no qual pode haver alguns elementos em comum.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DA PERSONAGEM CENTRAL DO CONTO

Imagem 3 – Características físicas e psicológicas da personagem central



De modo a concluir esta actividade da melhor forma e, querendo envolver a família neste processo de criação de hábitos de leitura não a marginalizando em relação à nossa “Hora do Conto – Sala de Pequenos Leitores”, o grupo levou a resenha da história fotocopiada, para ler com os pais.

Tendo percebido e elaborado, em sala de aula, o retrato físico e psicológico da personagem central deste conto, teve como tarefa de fim-de-semana, a “construção”, em diagrama de Venn do seu próprio retrato, socorrendo-se da ajuda da família.

Esta actividade de envolvimento com a Família, visando uma parceria desta com a Escola, teve como objectivo principal cativar e motivar os pais para a leitura, para que estes possam, mais tarde, passar essas competências aos seus filhos/educandos, parece-me fundamental para criar um bom leitor.

Se os bons leitores são moldados pelo seu ambiente e, conseqüentemente, se tornam melhores leitores, então deve-se proporcionar o maior número de estímulos de leitura constitui-se como um esforço pedagógico que procura desenvolver a literacia (Alçada, 1993:39).

No final, comparámos características.

Quadro 13 – Quadro comparativo de características físicas e psicológicas

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DO PATINHO FEIO:	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DO ALUNO:
Grande	
Feio	
Desajeitado	
Triste	
Desanimado	
Rejeitado	
Sozinho	

Cada aluno elaborou o seu quadro fazendo, no fundo, o seu retrato com a ajuda do trabalho feito em casa com a família. Adquiriu novos vocábulos e passou a conhecer-se melhor a si e a compreender melhor os outros indivíduos da turma: 17ª e 18ª razões para ler **“Ler para se conhecer melhor”** e **“Ler para compreender melhor os outros”** (Anexo 4).

ACTIVIDADE 3

ESTRATÉGIAS APÓS A LEITURA

Neste dia, começámos por organizar a “Hora do Conto – Sala de Pequenos Leitores” para dramatizar a história, desarrumando as mesas e montando o fantocheiro.

Com luvas de banho tendo representadas algumas personagens, os alunos, à vez, foram dramatizando a história.

No quadro analisámos as atitudes assertivas e não assertivas de algumas personagens, em relação ao patinho.

Quadro 14 – Comportamentos assertivos e não assertivos

ATITUDES DAS VÁRIAS PERSONAGENS PARA COM O PATINHO	
ASSERTIVAS	NÃO ASSERTIVAS
<p>Mãe: Chocou o ovo, não o rejeitando, à partida.</p> <p>Idosa: Acolheu-o, salvando-lhe a vida.</p> <p>Grupo de cisnes: Por ser um igual, acolheu-o e acarinhou-o.</p>	<p>Irmãos: Ao notarem a sua diferença, no que diz respeito ao seu aspecto físico, discriminaram-no.</p> <p>Restantes animais: Gozaram-no e rejeitaram-no.</p> <p>Animais da idosa: Por ser diferente dos outros patos, maltrataram-no.</p>

Cada aluno da turma escolheu uma parte da história que desejasse representar por escrito e ilustrou-a. Tentou-se que não se repetissem partes do conto e, por fim, colámos, montámos e construámos o nosso próprio livro. (Anexo 5)

Foi uma óptima forma de acabar a exploração desta história e de crescer com ela, percebendo o que são as atitudes correctas, tentando ser assertivos.

Resolvemos várias fichas, para aferir alguns conhecimentos e opiniões.

Falámos de outras obras do mesmo autor e lemos a sua biografia, que procurámos na Internet, com o auxílio do computador Magalhães, que utilizámos sempre nas horas de Apoio ao Estudo (noventa minutos semanais).

Estas actividades encerraram a discussão desta obra e, simultaneamente, o 1º Período, com elas enquadrámos a 2ª, 19ª e 20ª razões para ler **“Ler para crescer”**, **“Ler para se actualizar”** e **“Ler para estar num Mundo Global”**.

Quadro 15 - Reflexão/Avaliação da 1ª História Infantil

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES (NO GERAL)

Este conto da literatura infantil, com o qual iniciámos a nossa Comunidade de Pequenos Leitores, não tendo sido escolhido por nós, serviu de base para o tema abrangente da Discriminação, que explorámos transversalmente na grande maioria das áreas, sendo esta uma vantagem no 1º Ciclo do Ensino Básico, que por ser leccionado em monodocência, goza de interdisciplinaridade.

As actividades, no geral, cativaram este público pouco habituado às leituras e, menos ainda, às discussões que daí surgem, por isso concluímos que todas tiveram a sua pertinência e estamos no bom caminho para formar leitores interessados e motivados.

Foi, no entanto, curioso verificar que a maioria dos alunos, no segundo momento da primeira actividade, teve muita dificuldade em abstrair-se da

história e evitar a palavra Patinho, na escrita do texto colectivo.

Concluimos ainda que a obra foi escolhida com pouco sentido crítico e, talvez por ter sido explorada na Pré –Primária de um modo que satisfizesse o imaginário da maioria da turma, ficou na sua memória, tendo sido, por esse motivo escolhida.

Pudemos, contudo, com ela, planificar um sem número de actividades interessantes que foram uma mais-valia para esta Comunidade de Pequenos Leitores, obrigando-os à reflexão e à aquisição de competências leitoras, condição indispensável ao sucesso escolar, no geral.

Com esta obra pretendeu-se:

- 1º - retirar dela o tema central;
- 2º - ler e ouvir ler todos os alunos com correcção;
- 3º - falar em sinónimos, encontrando alguns, para as palavras novas;
- 4º - fazer o retrato físico/psicológico da personagem principal e compará-la com a dos alunos;
- 5º - envolver nesta exploração a Família como parceiro da Escola;
- 6º - motivar os alunos para a “Hora do Conto – Sala de Pequenos Leitores”;
- 7º - integrar, esta obra, nas nossas razões para ler.

Durante todos os momentos em que decorreram estas iniciativas, os alunos mostraram-se sempre interessados e motivados, superando as nossas expectativas e respondendo, positivamente, aos desafios que uns após outros lhes foram sendo lançados.

No final deste primeiro conto focámos sete das vinte razões, inicialmente, por nós apontadas para ler:

- **Ler para crescer**
- **Ler para desenvolver a imaginação**
- **Ler para enriquecer o vocabulário e a linguagem**
- **Ler para se conhecer melhor**
- **Ler para compreender melhor os outros**
- **Ler para se actualizar**
- **Ler para estar num Mundo Global, abstraindo-se dele**

3.4.4.2. SEGUNDA HISTÓRIA

“O ELEFANTE ZACARIAS” de Rachel Bisseuil e Christian Guibbaud

A Aninhas é uma ratinha branca muito diferente das outras, porque não quer ser amiga de outra ratinha como ela, mas de elefante e só de um elefante.

- Porque não fazes como as tuas amigas? – perguntou a mãe da Aninhas um pouco cansada das estranhas vontades da sua filha.

- Mamã, porque um elefante é muito mais bonito, muito mais querido e porque, acima de tudo, é muito simpático. Não é como estes ratos horrorosos do grupo do Bolo.

O Bolo era o chefe de um grupo de ratos brancos que metiam medo a toda a vizinhança. Eram tão mauzinhos que a Aninhas tinha vergonha de pertencer a família dos ratos.

Assim, ela estava mesmo decidida a fazer novos amigos.

-Sim, mas os elefantes têm medo dos ratos – disse-lhe a mãe.

“Talvez porque acreditam que todos os ratos são tão maus como os do grupo do Bolo”, pensou a Aninhas.

A Aninhas bem tentava ser amiga dos elefantes, mas não conseguia.

Cada vez que se aproximava, eles fugiam a sete pés.

Mas um belo dia a Aninhas encontrou-se frente a frente com um deles, olhou-o bem nos olhos e ele nem sequer se mexeu.

- Não acredito que encontrei, por fim, um elefante que não tem medo de mim – disse ela beliscando a orelha para ter a certeza que não estava a sonhar.

- E porque deveria ter medo de ti? – perguntou o elefante.

- Bem, porque todos os elefantes têm medo dos ratos! – respondeu a Aninhas.

- Ah! Por seres uma rata?

- Eu sou uma ratinha branca. Não se nota? – disse a Aninhas sacudindo os ombros.

- Não é que não se note. Eu é que não consigo ver-te – disse o elefante mexendo nos seus óculos escuros.

- Será porque eu sou muito pequena?

- Não, eu não vejo nada pequeno nem grande, nem as formas nem as cores. De facto, não vejo nada. Sou cego, compreendes?

- Compreendo, meu querido elefante. É por isso que vamos ser os melhores amigos do mundo, e isso fará de mim a mais feliz das ratinhas!

O novo amigo da Aninhas chamava-se Zacarias e contou-lhe que lhe deram esse nome porque era sempre o último do grupo. Com efeito, como ele não via nada, aproximava-se com a sua tromba do último da fila para poder ser guiado. Então deram-lhe um nome com a última letra do alfabeto.

A Aninhas e o Zacarias depressa se tornaram muito bons amigos. Entendiam-se às mil maravilhas, apesar de ele não a ver...

Ela ficava muitas vezes triste quando pensava que o Zacarias não podia ver o que ela via. Um dia lembrou-se de lhe descrever o mundo que os rodeava.

-Zacarias – disse ela – se estiveres de acordo posso falar-te das cores, porque o mundo é todo colorido e é maravilhoso por isso.

- Concordo – respondeu o amigo.

- Então, começemos pelo vermelho, por exemplo. O vermelho é uma cor forte como a fúria e viva como a dor.

- Eu detesto quando estás zangada. Portanto, o vermelho não é a cor que eu prefiro!

- Não tens razão, Zacarias. Eu vejo o vermelho como uma cor quente, a cor das cerejas e dos tomates que crescem e amadurecem ao sol.

- Bom, então falemos do Sol, que é amarelo.

O amarelo é a cor da luz, do calor que sentes nas costas, quando o Sol brilha. É uma cor doce e também ácida, a cor dos limões e das bananas.

- Então gosto do amarelo – disse Zacarias – porque adoro quando o sol aquece o alto da minha cabeça e porque gosto também do cheiro açucarado das bananas. O marmelo é a minha cor preferida!...

- Espera um pouco – disse Aninhas a rir – ainda não acabei, há outras cores!

- O azul é a cor do céu que está acima da tua cabeça, imenso e profundo como o oceano.

É uma cor fria, mas também doce como a água do mar que acaricia a pele.

- Agora já sei qual é a minha cor favorita. É o azul. – Disse o Zacarias – porque adoro quando o meu irmão me molha com a sua tromba e a água escorre pelas minhas costas.

- Espera que eu termine para te decidires, Zacarias!

O verde também é uma cor bonita. É a cor das árvores na Primavera e da erva debaixo dos teus pés.

Tenho a certeza de que já sentiste o cheiro bom da erva logo que ela é cortada.

O verde tem a ternura do azul, mas também é vivo como o amarelo porque é uma mistura dos dois.

- Olha, Aninhas, eu não sei se o verde é bonito, mas sei que gosto... Penso que ainda gosto mais desta cor do eu das outras.

- Mas eu ainda não terminei Zacarias!

- Passemos agora ao branco. O branco é a cor da neve, frio como ela, mas tão macio como o algodão. É suave como uma nuvem e silencioso como os flocos de neve que caem.

- Então prefiro o...

- Shiiiiiiiiiiiiiu!....

- E para acabar, temos o preto.

O preto é como quando fechamos os olhos e vemos muitas coisas: os sonhos, os mistérios, e as imagens de todas as cores.

É uma noite cheia de estrelas e de brilho.

E já está, podes finalmente dizer-me qual é a cor que preferes.

- O branco é a minha cor favorita! – Disse o Zacarias sem hesitar.

- O branco? – Admirou-se aninhas. – Porquê o branco?

- Porque tenho uma grande amiga que pôs a cor na minha vida, e essa amiga é uma ratinha branca... Aí tens porque gosto tanto do branco.

Mas um dia, o grupo do Bolo começou a falar do Zacarias e da Aninhas.

- Vamos divertir-nos bastante – disse o Bolo – e, como ele não vê nada, pregar-lhe partidas!

Encontraram os dois amigos depois do almoço quando o Sol brilhava e aquecia as costas do Zacarias que gostava muito disso.

Aninhas, com um chapéu na cabeça, descrevia-lhe o mundo.

- Ei! Ei! Zacarias! Estamos aqui!

- Quem são vocês? – Perguntou o Zacarias.

- Ah! Sim! Esqueci-me... tu és cego, não és?

Como poderias saber quem somos?

- E quem te disse que eu não posso ver?

- Toda a gente sabe Zacarias. E, depois, tu usas óculos escuros e, se pudesses verias como tens um ar tonto com essas rodas a volta dos olhos!

- Ah, ah, ah! – Todo o grupo do Bolo se ria.

- Não é muito simpático o que tu dizes Bolo, mas mesmo assim vou perder tempo a responder-te – disse o Zacarias. – Estes óculos que eu trago são por causa do sol que me faz mal aos olhos e acredita, se quiseres que te vejo muito bem. Vejo-te a ti e aos teus amigos. Vocês são ratos brancos, mas não me metem medo.

- Zacarias, deves achar que sou parvo. Tu sabes que nos somos ratos brancos porque te disseram, e agora estás a repetir isso, mas não consegues convencer-me que vês, nem a ponta da tua tromba! – Ah, ah, ah! – Riam-se.

- A ponta da minha tromba, caro Bolo balança sobre uma bela relva verde, tão verde como as arvores lá em baixo.

O Bolo parou de rir. Por sua vez, a Aninhas estava muito quietinha sentada na cabeça do Zacarias, pois sentia-se mais segura lá no cimo.

- Então, Zacarias, tu podes sem dúvida ver o que está acima da tua cabeça.

- Acima da minha cabeça cinzenta está um bonito céu azul, com algumas nuvens pequenas e brancas como a neve.

- Escuta, Zacarias, já não tenho vontade de rir. Portanto, Pará de me gozar – disse o Bolo que não estava mesmo para brincadeiras.

- Estou a ver que já não estas a gostar, Bolo. Eu também não tenho vontade de rir. Agora, vocês vão voltar para casa, porque eu estou verde de raiva vou acabar por ficar vermelho.

Então, levantou a tromba muito alto para o céu e avançou por cima deles soltando grandes bramidos. Nesta grande confusão, o grupo do Bolo deu meia volta e fugiu cheio de medo.

- Bravo, Zacarias! Estiveste formidável. Acho que lhes pregaste um verdadeiro susto. – Disse a Aninhas

- Tens razão, foi um susto azul! – Respondeu o Zacarias desatando a rir. E depois desse dia mais ninguém se riu do Zacarias e da Aninhas, nem mesmo o grupo do Bolo.

Tradução de : Ana Magno

ANÁLISE

Esta história trata o tema da cegueira com tal abertura e naturalidade que nos encantou (há muitos anos atrás!), pela espontaneidade das personagens e pela moral que encerra.

A linguagem clara e precisa, as metáforas que aborda, o texto claro e conciso, encantou, igualmente os meus alunos, nenhum ficou indiferente à “Moral” desta história, que é no fundo (tal como a história anterior) uma fábula.

O facto das personagens escolhidas para se tornarem amigos serem uma ratinha e um elefante, não deixa de ser curioso, já que estes animais são sempre referidos como antagonistas.

Nas histórias onde aparecem juntos, o elefante foge de medo do rato, entrando quase em histeria, sendo que o inverso é também verdadeiro, nas histórias, é claro!

Tal facto não deixa de ser bizarro. Um dos maiores animais do planeta tem medo de um outro que é dos mamíferos mais pequenos. Sendo que o inverso é, para nós, bastante lógico e compreensível.

Tendo a história texto narrativo e bastante diálogo vai permitir, à turma, várias formas de leitura.

Em relação às ilustrações e às cores utilizadas pela ilustradora são de uma expressividade que nos deixa extasiados, podemos falar, em relação a este assunto na turma, das cores primárias, por exemplo...

Os desenhos das personagens, parecem-nos bem conseguidos. A ratinha com ar coquete, o elefante com um certo ar bonacheirão e o grupo rufia e, algo mafioso do Bolo, o chefe de ratos, foi bem conseguido e muito aproximado da realidade.

À semelhança da primeira história infantil, por nós explorada, também com este conto temos objectivos que queremos ver cumpridos:

Quadro 16 - Objectivos a atingir (2ª obra)

COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR

- Escutar para aprender e construir conhecimento;
- Falar para aprender e aprender para falar, expressando conhecimento;
- Despertar a curiosidade;
- Suscitar o interesse pela leitura da história;
- Prestar atenção ao que ouve;
- Expressar as suas ideias;
- Apropriar-se de novos vocábulos;
- “Construir” conhecimento;
- Retirar o essencial da história identificando o sentido global da mesma;
- Localizar e recolher a informação pretendida;
- Responder a questões sobre o texto;
- Perceber que a escrita é uma representação da língua oral;
- Escrever pequenas narrativas;
- Dominar as técnicas básicas para usar o teclado do computador.

ACTIVIDADE 1

ESTRATÉGIAS ANTES DA LEITURA; A PRÉ-LEITURA

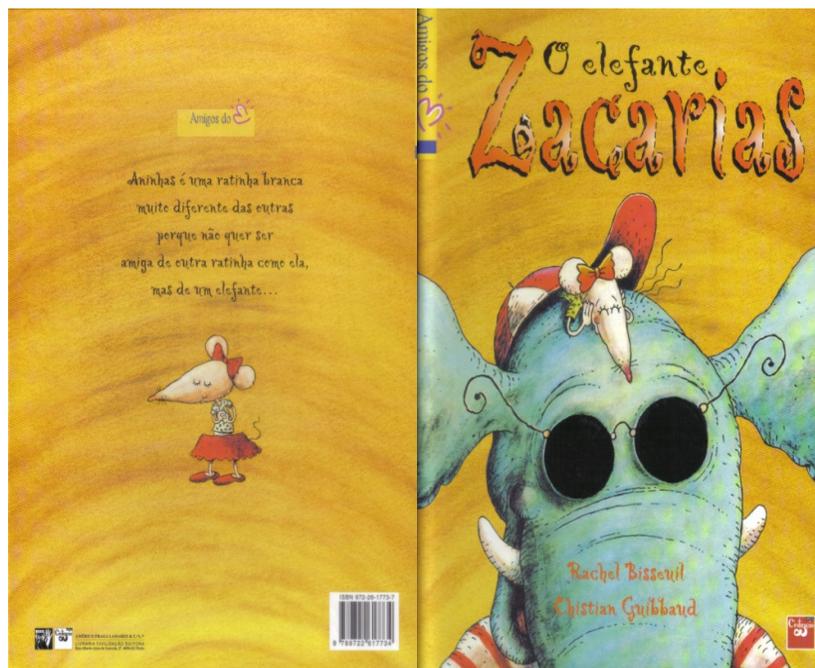
Usando, de novo, a técnica altamente significativa do Book talk começou o convite à leitura e a cumplicidade com as personagens da história observada através do texto icónico.

Quisemos estimular a curiosidade e o apetite pela história, recorrendo neste primeiro momento à observação da capa e contra-capa, como elementos paratextuais.

Foi pedido e dado tempo para que o grupo/turma observasse toda a capa e contra-capa e fizesse uma análise pormenorizada das mesmas, atendendo a todos os detalhes observáveis.

As crianças foram dispostas num semicírculo, para manterem o contacto visual, e o livro, a meio, ficou aberto para que todos o pudessem visualizar convenientemente.

Imagem 4 – Capa e contra capa da 2ª história



Promoveu-se, de imediato, uma troca de impressões sedimentadas em hipóteses e perguntas, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 17 – Conclusões a retirar da observação da capa e contra-capas (Anexo 6):

QUESTÕES:	ALGUMAS RESPOSTAS:
<ul style="list-style-type: none"> Sabem como se chama esta história? 	<ul style="list-style-type: none"> Sim, o "Elefante Zacarias".
<ul style="list-style-type: none"> Que mais vos chamou a atenção para além do título? 	<ul style="list-style-type: none"> A ratinha. O elefante e a ratinha. O elefante que tem óculos
<ul style="list-style-type: none"> Onde está a ratinha? Porquê 	<ul style="list-style-type: none"> A ratinha está na cabeça do elefante, porque gosta dele. A ratinha está escondida no boné do elefante porque está apaixonada por ele.
<ul style="list-style-type: none"> Acham que a ratinha está apaixonada? 	<ul style="list-style-type: none"> Não, estaria apaixonada se o elefante fosse um rato. Sim, ela tem um "ar" apaixonado.
<ul style="list-style-type: none"> E o elefante, já repararam bem nele? 	<ul style="list-style-type: none"> Sim, é um elefante azul. Sim, é um elefante com boné e camisola às riscas brancas e vermelhas. Sim, este elefante tem óculos escuros.
	<ul style="list-style-type: none"> Não sei. Se calhar, não gosta de

<ul style="list-style-type: none"> • Porque será que os óculos são tão escuros? 	<p>mostrar os olhos, como aquele cantor "o Pedro Abrunhosa"!</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Já observaram a contra capa? Que acharam? 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, a ratinha é vaidosa. • Sim, eu li o que está lá escrito e já sei! Afinal, a ratinha é amiga do elefante Zacarias.
<ul style="list-style-type: none"> • Ah! Então já temos algumas informações, ou não? 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, já sabemos que eles são amigos. Ainda não sabemos é porque é que o Zacarias usará óculos e ainda por cima tão escuros!...

CONCLUSÕES

- No geral, a turma fez inferências criativas baseadas na observação de alguns elementos para textuais (capa e contra-capa).
- Identificou e seleccionou vocabulário (no título e no resumo da contra-capa).
- Participou no diálogo, verbalizando convicções.
- Desenvolveu o sentido crítico e a imaginação.
- Desenvolveu a fantasia.
- Retirou conclusões ainda sem ler a obra.

Esta observação e posterior diálogo demorou, aproximadamente 60 minutos e mais levaria se não travássemos a curiosidade das crianças que tiram ilações das coisas mais banais, como a da cor azul do elefante ou o porquê da sua camisola e boné serem às riscas e da mesma cor.

Perante um grupo muito falador e, por vezes, pouco cumpridor das regras de convivência e de socialização o professor tem que ser o "Capitão" que guia e faz "navegar" o barco na direcção do porto em que quer atracar, por isso

acabámos por aqui esta primeira actividade e deixámos a turma com o apetite bem aguçado, para que, no dia seguinte, palpitassem de excitação e curiosidade.

No entanto, o grupo fez ainda o registo das informações obtidas através desta actividade, no quadro seguinte (Anexo 7):

Quadro18 - Informações a recolher	Sim	Não	Não Sei
Gostei da capa do livro?			
Já sei o título do livro?			
Sei como se chama a personagem principal da história?			
Sei qual a relação do elefante com a ratinha?			
Sei qual o tema de que fala a história?			

No geral, os alunos responderam afirmativamente às primeiras quatro questões, quanto à última, a grande maioria do grupo/turma respondeu: não sei!

Estava aguçado o apetite e a motivação vinha num crescendo, até à próxima etapa, **interagiram entre si e querem ler para saber mais** desta história e das respectivas personagens.

Quadro 19 – Reflexão/Avaliação da 2ª História Infantil

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DA 1ª ACTIVIDADE

O grupo, por não conhecer esta história, está muito curioso e pergunta, com frequência, o porquê dos óculos escuros trazidos pelo elefante.

De facto, a nossa Comunidade de Leitores, funcionando na “Sala de Pequenos Leitores” está a dar os seus frutos e algumas das razões para ler vão sendo uma realidade:

- **Ler para interagir e para saber**

ATIVIDADE 2

ESTRATÉGIAS DURANTE A LEITURA

No segundo dia, o grupo entrou de rompante, porta dentro, com o intuito de começar o dia na “Hora do Conto – Sala de Pequenos Leitores” mantivemos, no entanto, o horário das actividades estipuladas e, no início do período da tarde, voltámos a colocar-nos em semi-círculo e a história foi lida, pela professora/mediadora, em voz alta, com entoações várias correspondentes às diversas personagens e com bastante expressividade, mantendo o grupo “preso” à mesma.

Não recorremos às imagens do livro de modo intencional, visando, sobretudo a criação da imagem mental por parte das crianças, de modo a que cada uma por si, fosse fazendo as suas próprias associações, experiências sensoriais, criando, no fundo, um mapa mental do lido, “prendendo” e “trabalhando” as palavras, utilizando só a sua imaginação.

À medida que a história ia decorrendo, os alunos foram antecipando as conclusões e antes do término, todos perceberam que afinal os óculos do elefante Zacarias serviam para esconder a sua cegueira de nascença.

Depois de terem ouvido a leitura, sem recurso à imagem, recontámos a mesma, mas, desta vez, recorremos às ilustrações tão expressivas e tão coloridas, de forma a poderem comparar as imagens criadas na sua imaginação com as imagens criadas pelo ilustrador.

No geral, as crianças mostraram-se sensibilizadas com a condição de deficiente invisual (cego) do elefante, recriminando o grupo dos ratos que discriminou o Zacarias, aplaudindo a ratinha, a sua amizade e os seus valores morais, tão em desuso nos tempos que correm!

À semelhança da primeira história fizemos o retrato físico e psicológico do elefante, a personagem principal desta história (Anexo 8):

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DA PERSONAGEM CENTRAL DO CONTO

Imagem 5 – Características físicas e psicológicas da personagem central



Tal como com o conto anterior, todas as crianças da turma levaram a história para lerem com e para os pais, no fim-de-semana.

Fizemos o paralelismo e a intersecção entre os três retratos, do Patinho Feio, do Zacarias e de cada aluno (Anexo 9).

Houve características comuns que explorámos, em contexto de sala de aula.

Imagem 6 - Diagrama de Venn



Quadro 20 – Reflexão/Avaliação da 2ª História Infantil

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DA 2ª ACTIVIDADE

Tem sido uma experiência enriquecedora observar que esta Comunidade de Pequenos Leitores está ávida para contactar com livros e vai trazendo de casa as histórias que possui. Contudo, nem sempre podemos satisfazer o desejo de ler e ouvir ler livros, as restantes áreas escolares com os seus conteúdos programáticos absorvem-nos, grande parte do dia.

Com esta leitura pretendemos:

- **Ler para ampliar horizontes**, tratando temas que discriminam indivíduos.
- **Ler para comunicar**, sabendo que há outras formas de “ver” o mundo.
- **Ler para sonhar acordado**, educando o espírito e a mente dos nossos Pequenos Leitores para um mundo melhor, onde não haja espaço para a discriminação, nem para as injustiças.
- **Ler para abrir um cofre de sabedoria.**

ACTIVIDADE 3

ESTRATÉGIAS APÓS A LEITURA

Depois de lido e explorado o texto e as ilustrações, em termos de oralidade, passámos à exploração escrita do mesmo, com recurso ao quadro e ao computador, visto que toda a turma (18 alunos), com excepção de uma aluna possui computador "Magalhães" e temos vindo a utilizá-lo, duas vezes por semana, nas horas de Apoio ao Estudo (90 minutos).

No quadro explorámos tudo o que nos foi possível.

Concluimos que, sendo um tema que não lhes é muito próximo (nenhum aluno tem, na família, nenhum caso de cegueira), ficaram com curiosidade em saber mais sobre esta forma de deficiência, no final preencheram este quadro, individualmente (Anexo 10).

Quadro 21 – Aferição de conhecimentos

		Sim	Não
O que aprendi com este conto infantil?	• Percebi todas as palavras contidas na história?		
	• Aprendi palavras novas?		
	• Consigo dizer o que aprendi com a história?		
	• Percebi a "moral" da história?		
	• Fiquei com vontade de ler mais sobre este tema?		
	• Apetece-me contar a história aos meus pais?		
	• Vou contá-la a um amigo?		
	• Fiquei com vontade de ler mais obras deste autor?		

Quadro 22 – Reflexão/avaliação da 1ª História Infantil

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DA 3ª ACTIVIDADE

Em termos de oralidade, a turma tem feito progressos notórios.

Este grupo/turma não estava muito habituado a conversar, tanto que não tinha interiorizado as regras de:

- falar na sua vez,
- respeitar os outros e as suas opiniões,
- saber ouvir,
- saber esperar para que todos expressassem a sua opinião,
- não fugir ao tema proposto,
- discutir temas pertinentes, investigando mais sobre os mesmos.

É importante que tratemos as crianças da turma com afectos, visto que a sua faixa etária assim o “exige”, no entanto, em termos de expressão oral não convêm descer à sua faixa etária, mas antes falar com os termos que utilizamos diariamente e, caso haja palavras que algum aluno não reconheça tirará o seu significado pelo contexto da frase ou do texto onde estão inseridas.

Concluimos que, com este livro, abordámos a maioria das nossas “Vinte razões para ler”. Se não vejamos:

Ler para saber e estudar - os alunos aprenderam a lidar com a diferença, neste caso a cegueira levantou questões acerca das barreiras arquitectónicas e da privação de um dos cinco sentidos e levou-nos a todos a procurar informação, fomentando a discussão do tema.

Ler para crescer, ampliar horizontes e para enriquecer o vocabulário e a linguagem - com estas obras e consequentes actividades, as crianças têm

crescido:

- na escrita e leitura de textos,
- na aquisição de novos vocábulos,
- na procura de informações (na NET, em enciclopédias...),
- no relacionamento com os outros,
- na motivação que leva os pais a disponibilizarem algum tempo e com maior qualidade para lerem e ouvirem ler os seus filhos/educandos,
- na compreensão leitora.

Ler para desenvolver a imaginação - este conto foi tão rico em imagens que, na primeira leitura, foram intencionalmente privados delas para que fizessem com a sua mente a ilustração de cada página lida.

Ler para amar – as crianças perceberam o valor da amizade e da partilha.

Ler para conhecer outros mundos, abrir um cofre de sabedoria e para viajar sem sair do lugar – todas estas razões remeteram o grupo para o mundo dos sonhos, da descoberta de outras realidades, às vezes melhores, outras piores que as suas.

Ler para interagir, para se conhecer melhor, para compreender os outros – durante a leitura dialogada, nas actividades pós leitura, na exploração da história, o grupo pôde relacionar-se, conhecer-se melhor a si e aos outros.

No geral, a turma percebeu que ler um livro é ter sempre “à mão” um amigo, com o qual se aprende e se cresce – **Ler para ter um Amigo.**

3.4.4.3. TERCEIRA HISTÓRIA

“MENINOS DE TODAS AS CORES” de Luísa Ducla Soares

Era uma vez um menino branco, chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

É bom ser branco,

porque é branco o açúcar, tão doce,

porque é branco o leite, tão saboroso,

porque é branca a neve, tão linda!

Mas certo dia o menino partiu numa grande viagem de comboio e chegou a uma terra onde todos os meninos são amarelos. Arranjou uma amiga, chamada Flor de Lótus, que, como todos os meninos amarelos, dizia:

É bom ser amarelo,

porque é amarelo o Sol,

é amarelo o girassol,

mais a areia amarela da praia!

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos. Fez-se amigo de um pequeno caçador, chamado Lumumba que, como os outros meninos pretos, dizia:

É bom ser preto

como a noite,

preto como as azeitonas,

preto como as estradas que nos levam por toda a parte!

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos. Escolheu, para brincar aos índios, um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

É bom ser vermelho

da cor das fogueiras,

da cor das cerejas

e da cor do sangue bem encarnado!

O menino branco foi correndo Mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Bábá, que dizia:

É bom ser castanho,

como a terra do chão,

os troncos das árvores

é tão bom ser castanho, como um chocolate!

Quando o menino branco voltou à sua terra de menino branco, dizia:

É bom ser branco como o açúcar,

amarelo como o Sol,

preto como as estradas,

vermelho como as fogueiras,

castanho da cor do chocolate!

Enquanto, na escola, os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores.

ANÁLISE

Com esta história finalizámos a abordagem ao tema da discriminação e da diferença.

O Miguel, uma das personagens da história, conhecendo só o mundo dos meninos brancos, faz algumas descobertas em relação a outras raças e povos do planeta.

Esta obra fala das diferentes raças e de algumas características dos continentes onde elas se inserem.

A conclusão a que esta pequena obra nos quer remeter resume-se a uma frase, que embora “corriqueira” conclui, da melhor forma, o nosso objectivo e trabalho, neste terceiro período.

Todos diferentes, mas todos iguais!

Imagem 7 – O Planisfério



Quadro 23 – Objectivos a atingir (3ª obra)

COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR

- Escutar para aprender e construir conhecimento;
- Falar para aprender e aprender para falar, expressando conhecimento;
- Despertar a curiosidade;
- Prestar atenção ao que ouve;
- Expressar as suas ideias;
- Apropriar-se de novos vocábulos;
- Retirar o essencial da história identificando o sentido global da mesma;
- Localizar e recolher a informação pretendida;
- Discutir a importância de valores como partilha, solidariedade e amizade;
- Consciencializar para os contextos de vida em comunidade;
- Desenvolver uma postura crítica face às questões de desigualdade;
- Reflectir sobre a importância da igualdade de oportunidades;
- Desenvolver a capacidade para se colocar no lugar do outro e sentir como o outro;
- Reflectir sobre os direitos consagrados na Declaração Universal dos Direitos dos Homens.

ACTIVIDADE 1

ESTRATÉGIAS ANTES DA LEITURA; A PRÉ-LEITURA

Com estas actividades pretendemos abordar, de forma mais consciente, as questões da desigualdade, da discriminação, da rejeição, no fundo da exclusão, sobretudo entre pares. Foram colocados cartões numa caixa que continham nove provérbios, no entanto os cartões eram dezoito, já que cada provérbio foi escrito utilizando dois cartões.

Imagem 8 – Caixa com provérbios



O objectivo desta tarefa para trabalhar os temas atrás referidos foi o de proceder à formação de grupos de trabalho, de forma aleatória.

Retirando os cartões, todos os alunos possuem metade de um provérbio que vão completar, juntando-se, deste modo, ao colega que é portador do resto da mensagem.

Depois de encontrados, todos os provérbios foram escritos no quadro. Explicou-se que provérbios são uma forma sintética de saber popular, que desde tempos imemoriais pertencem à literatura tradicional e têm sido utilizados com intuítos pedagógicos, tendo, todos eles, uma função moralizadora.

Já com os grupos formados, cada grupo levou a sua frase (provérbio) para trabalhar com a família, no fim-de-semana.

A finalidade desta tarefa foi a de procurar entender o provérbio, trazer exemplos que o ilustrassem e sabê-lo transmitir aos restantes colegas, na segunda-feira seguinte.

O facto do grupo possuir só dois elementos, teve a ver com questões logísticas e ser mais fácil juntarem-se os alunos envolvidos, em cada projecto, visto ser um trabalho de parceria (dos alunos e das respectivas famílias) que assenta na questão da cidadania que se pratica e constrói.

Para este projecto foi pedido que cada grupo, com a ajuda, da família, tentasse arranjar uma palavra para definir cada provérbio.

Provérbios populares

Os amigos são...

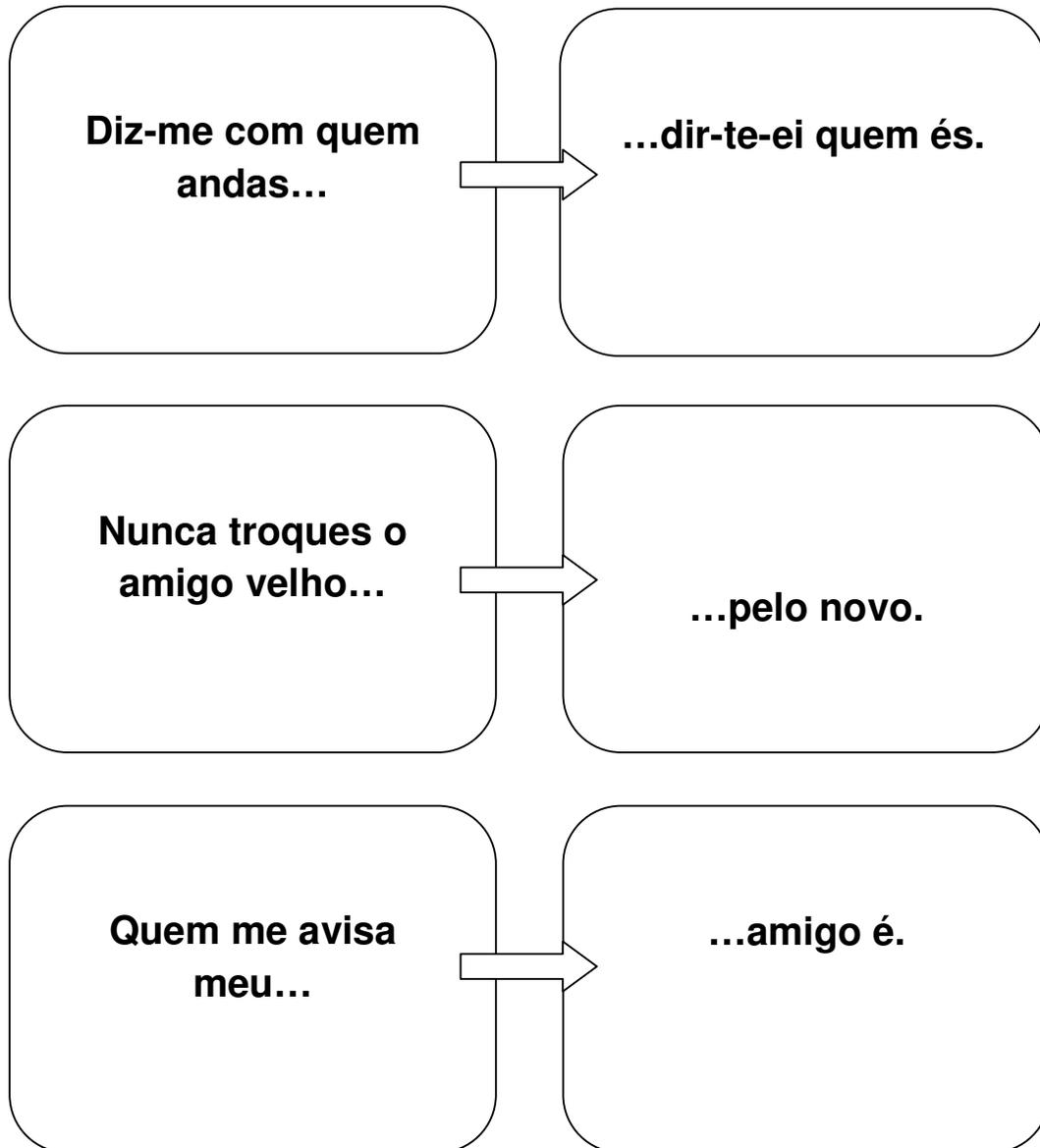
...para as ocasiões.

**A ignorância é o pior
de...**

...todos os males.

A união faz...

...a força.



Na semana seguinte reunimo-nos e avaliámos as conclusões a que cada grupo chegou, vejamos então:

Quadro 24 - Caracterização dos valores simbólicos contidos nos provérbios:

GRUPOS	PROVÉRBIOS	CONCLUSÕES DOS GRUPOS
1º	Os amigos são para as ocasiões.	Este provérbio fala da importância da Amizade e de como os amigos são valiosos.
2º	A ignorância é o pior de todos os males.	Este grupo concluiu que aqui se fala da falta de saber.
3º	A união faz a força.	“Todos juntos vencemos sempre”, conclui o 3º grupo.
4º	A vida é uma escola enquanto vivemos, aprendemos.	Conjunto de coisas que aprendemos ao longo da vida, foi a leitura que os dois alunos e respectivas famílias inferiram deste provérbio.
5º	Amor com amor se paga.	Podemos falar de amor ou de vingança.
6º	Antes só que mal acompanhado.	Fala das más companhias.

7º	Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és.	Este grupo chegou à mesma conclusão que o grupo anterior.
8º	Nunca troques o amigo velho pelo novo.	Estes alunos e pais pensaram que, neste provérbio, se aborda a questão da Lealdade e de manter as amizades.
9º	Quem me avisa meu amigo é.	Da Amizade e da Confiança, fala este provérbio.

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO

Foi importante verificar que, embora sendo pais com pouca disponibilidade de tempo, não descuidaram os trabalhos de fim-de-semana dos filhos/educandos e chegaram, em conjunto com o grupo (de dois elementos), à conclusão a que pretendíamos chegar.

Adoptando uma postura de avaliação dos provérbios populares, parece-nos justo, para que aconteça um enriquecimento em termos linguísticos e vocabular, abordar a riqueza simbólica e semântica que levou os grupos à reflexão sobre o simbolismo que os provérbios abordaram.

Este projecto remeteu todo o grupo/turma para as questões sobre:

- a Amizade,
- a União,
- a Confiança,
- a Lealdade,
- o cuidado a ter com as amizades que se escolhem e o evitar das más companhias.

Com esta primeira actividade, foram atingidos alguns dos objectivos desta dissertação:

- Formar leitores autónomos, críticos, reflexivos e interventivos;
- Responsabilizar as famílias;
- Desenvolver uma comunidade de leitores.

Na sala de aula, cada grupo mostrou as conclusões a que tinha chegado, no fim-de-semana, com a ajuda dos pais. Escrevemo-las por tópicos, numa cartolina, que afixámos no placard da parede, colocámos-lhe uma questão central:

Relembrei-lhes que, estando a iniciar novo período lectivo, iríamos trabalhar nova obra na “Hora do Conto - Sala de Pequenos Leitores”. Foram unânimes em dizer, quando tentaram adivinhar, que o novo projecto seria sobre a amizade, visto que foi à conclusão a que quase todos os grupos chegaram no trabalho, por mim, proposto, nesta primeira actividade para abordar a obra.

ACTIVIDADE 2

ESTRATÉGIAS DURANTE A LEITURA

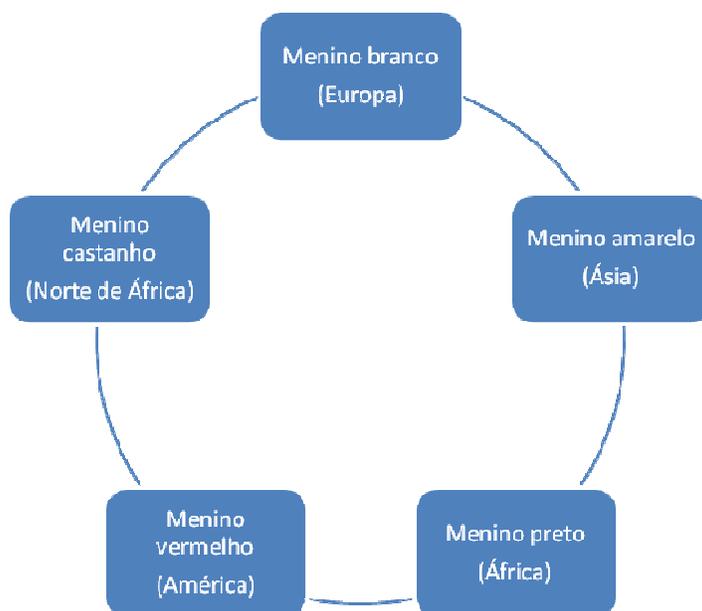
Foi-lhes apresentada a história de Luisa Ducla Soares, “Meninos de todas as cores”, retirada de um manual escolar. Esta tinha algumas imagens distribuídas ao longo do texto, mas apelava, sobretudo para a imaginação.

Como mediadora, li o texto dando entoações várias consoante as personagens iam aparecendo, ao longo da história.

No final da história ouvimos uma canção que já tinha procurado e que falava da amizade e do quanto é importante ter um amigo. (Anexo 11)

Os alunos gostaram do texto, explorámo-lo oralmente e, todos chegámos à conclusão de que, afinal o trabalho feito em casa, acerca dos provérbios, tinham que ver com esta história e com os valores morais, por ela, transmitidos. No quadro e, com ajuda do Planisfério, localizámos os continentes e identificámos cada raça referida na história, fazendo, posteriormente, a respectiva correspondência.

Imagem 9 – Distribuição de povos no Mundo



ACTIVIDADE 3

ESTRATÉGIAS APÓS A LEITURA

Para esta actividade dei várias sugestões ao grupo/turma de modo a perceber, preparar e trabalhar melhor a obra (Anexo 12):

Quadro 25 – Sugestões para facilitação do trabalho

SUGESTÕES PARA FACILITAR O TRABALHO
<p>Imagina que és a personagem de um dos meninos da história.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como te sentes? • O que pensas das outras personagens? (Inferir emoções e sentimentos.)
<p>Imagina que estás num dos locais da história.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que podes ver? • Que cheiros sentes? • Que sons ouves? • Podes tocar nalguma coisa? • Que sensações experimentas quando tocas nisso? (Exploração dos sentidos e seus órgãos.)
<p>Procura transformar a história em imagens. Tenta desenhar a parte da história de que mais gostaste. (Desenho, elaboração e construção de um livro.)</p>
<p>Com a ajuda dos pais, no fim-de-semana, prepara a leitura do texto. Primeiro fá-lo sozinho. De seguida, grava a tua leitura e ouve-a com os teus pais. Faz a autocrítica à leitura, o texto percebeu-se bem ou foi lido aos “soluços”? Caso não tenhas feito uma leitura razoável, faz nova gravação e corrige os aspectos que achares que podem ser melhorados.</p>
<p>Conversa com os colegas acerca do texto e do tema que ele trata. Discutam as vossas opiniões acerca da história.</p>
<p>Como culminar da exploração, faremos a dramatização da história para ser apresentada à turma MAC 4.</p>

Todas as tarefas propostas, anteriormente, foram realizadas ao longo de todo o 3º período. A última proposta foi a que os alunos melhor acolheram e, também nesta, tivemos a colaboração dos pais/encarregados de educação para preparar a leitura, ensaiar, fixar as quadras e conseguir os adereços necessários à dramatização da obra estudada (fatos identificativos das raças).

O resultado ficou registado nas fotografias.

Imagem 10 – Fotografias do Teatro “Meninos de todas as cores”



Quadro 26 – Reflexão/Avaliação das actividades

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Com esta história fizemos um trabalho mais direccionado para a área da Formação Cívica, visando também enquadrar nela as nossas vinte razões para ler, tema da nossa dissertação.

Tanto nesta, como nas obras anteriores, a maioria das razões para ler foram enquadradas, vejamos:

“Ler para saber, para conhecer novos mundos e para estudar”

- Todas as crianças ficaram a identificar continentes e os povos que aí habitam.

“Ler para ampliar horizontes e desenvolver a imaginação”

- Surgiram inúmeras propostas, após a leitura da história, de como seria a forma mais engraçada e eficaz para dramatizar a mesma.

“Ler para se conhecer melhor, para compreender melhor os outros e para amar”

- Depois da leitura, penso que a grande mais valia foi o de perceber melhor os outros e aprender com as diferenças.

“Ler para interagir”

- Nada melhor do que um ensaio e, conseqüente, dramatização para “obrigar” o grupo a relacionar-se, interagindo, entre si.

“Ler para sonhar acordado, ter Liberdade, abrir um cofre de sabedoria e viajar sem sair do lugar”

- São como que os prémios que retiramos de uma leitura, pode nem ser uma obra excelente, mas, mesmo assim, tudo o que lermos e absorvermos com essa leitura será uma benesse para a nossa formação como indivíduos e como leitores críticos.

“Ler para comunicar e enriquecer o vocabulário”

- Com a primeira actividade e exploração dos provérbios penso que a

família trabalhou com sucesso esta razão para ler.

“Ler para se actualizar e para estar num Mundo global”

- Foi na hora de Apoio ao Estudo, que os alunos pesquisaram e tiraram notas várias sobre este e outros temas, para elaboração de cartazes e mapas.

Ficaram assim concluídas as actividades propostas para este texto da Luisa D. Soares.

A 8ª RAZÃO PARA LER

Em relação à 8ª razão para ler "Ler para cozinhar" foi iniciado, no final do mês de Abril, um projecto, tendo em vista o presente para o Dia da Mãe, comemorado no primeiro domingo de Maio, que visou a escrita, montagem e construção de um livro de receitas.

Cada aluno trouxe de casa uma receita, escreveu-a no computador, imprimimo-las e montámos um livro cujo título foi votado, ganhando o "Cozinheiro Guloso".

Imagem 11 – Livro de receitas "O Cozinheiro Guloso"



Com este trabalho pretendemos mostrar ao grupo/turma que para saber confeccionar os pratos deliciosos que escreveram e ilustraram têm que saber

ler os ingredientes, seguir as instruções que ditam as receitas e, se souberem interpretá-las correctamente, terão então cozinhado os pratos pretendidos.

3.4.5. CONCLUSÕES

Com esta dissertação, abordámos os seguintes temas:

Quadro 27 - Conclusões

TEMAS	HISTÓRIAS (justificação)
DISCRIMINAÇÃO	O tema é comum ao Patinho Feio e ao elefante Zacarias.
AMOR/CONFIANÇA	O tema aparece como final feliz, nas três histórias.
INJUSTIÇA	É tema comum nas duas primeiras obras.
REJEIÇÃO/EXCLUSÃO	O Patinho foi rejeitado por causa da sua aparência diferente dos restantes patinhos nascidos da mesma pata, também o elefante era marginalizado, em virtude da sua deficiência física.

<p>SOLIDARIEDADE</p>	<p>No final, o grupo de cisnes é solidário com o Patinho e partem juntos.</p> <p>No elefante, a ratinha é solidária e dá a conhecer o Mundo ao seu amigo invisual.</p>
<p>CORAGEM</p>	<p>A coragem é a virtude em destaque, quer na primeira, quer na segunda história.</p>
<p>AMIZADE/PARTILHA</p>	<p>Este é o grande tema, comum a todas as obras.</p>
<p>UNIÃO</p>	<p>Da união dos personagens, no final das histórias, foram feitas inferências e retirámos a moral das mesmas.</p>
<p>DIVERSIDADE</p>	<p>É tema comum.</p> <p>No Patinho Feio não se aceita a diversidade, como aceitável numa mesma espécie de animais (aves).</p> <p>No elefante Zacarias, a diversidade resultante de uma diferente forma de vida (usando óculos) é gozada.</p> <p>Na última história, a diversidade de raças no Mundo é vista como uma mais valia para a riqueza de um povo.</p>

À laia de conclusão, pudemos falar, escrever e pesquisar sobre Direitos e Deveres comuns a todos os indivíduos, independentemente da sua raça, sexo, religião, deficiência, etc...

Todas estas obras infantis e as actividades que se realizaram a partir delas, propiciaram uma reflexão sobre os direitos, deveres e responsabilidades, numa ordem social que se quer cada vez mais justa, livre e inclusiva.

Em suma, concluímos que o trabalho realizado tornou os alunos mais críticos, obrigando-os a reflectir de forma pertinente, em relação à leitura e ao mundo, no geral. Houve envolvimento e responsabilização, por parte das famílias, neste processo de criação da nossa Comunidade de Pequenos Leitores.

O papel das histórias infantis parece-nos que terá ajudado a estimular a capacidade de imaginar e foi importante na organização mental dos alunos, tornando-os mais críticos.

Quanto às famílias, viram na escola um lugar de interacção na educação dos seus filhos.

Com efeito, todas as questões trabalhadas, no âmbito das narrativas seleccionadas desencadearam uma consciência crítica promotora do crescimento do Eu, tanto nas crianças como nos adultos.

Como afirmámos anteriormente baseando-nos em Pereira (2009), a todos, sem excepção, foi dada a oportunidade de interrogar os textos no exercício pleno da sua cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estando na recta final deste trabalho e, simultaneamente do projecto e do ano lectivo, a sensação que nos ocorre é a de dever cumprido, pelo trabalho estimulante, pelo estudo que nos propiciou, pelos objectivos atingidos, uns mais que outros.

Uma condição essencial para cultivar o gosto e o prazer da leitura nas nossas crianças é expô-las a uma literatura que vá de encontro aos seus interesses. Ora, as narrativas de literatura infantil, pela sua estrutura apelativa permitiram ao aluno enriquecer e criar novas visões do Eu, do Outro e do Mundo, tal como escreve Abramovich (1997):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]

Neste contexto, a utilização de histórias de literatura infantil motivadoras, pode ajudar a adquirir uma competência literária, de modo a expandir e aprofundar os conhecimentos da criança, como refere Sim-Sim (2002):

A complexidade envolvida no processo de aprendizagem da leitura requer do aprendiz de leitor motivação, vontade, esforço e consciencialização do que está a ser aprendido. Por sua vez a morosidade inerente ao domínio desta competência exige, também que o seu ensino se não limite à descodificação alfabética e se prolongue, de forma sistemática e consistente, ao longo de todo o percurso escolar. A aprendizagem da leitura é uma tarefa para a vida inteira.

Aquando do início desta dissertação tivemos algumas dúvidas sobre a temática escolhida, temendo que não fosse muito aliciante e nada apaixonante, características que consideramos essenciais para um envolvimento a projectos desta natureza.

À medida que o ano decorria e que, no primeiro período, foi encontrada a obra a trabalhar, maiores dúvidas nos assaltaram. No entanto, foi este primeiro conto, o do Patinho Feio, que nos lançou o desafio para conseguir “agarrar” o tema e torná-lo estimulante, até porque se tivéssemos podido falsear o resultado da votação da história pelos alunos, em abono da verdade, tê-lo-íamos feito.

O autor não era do nosso agrado, pois as histórias que escreveu eram demasiado tristes e dramáticas. Quando descobrimos a segunda obra a trabalhar pensámos que tínhamos encontrado o fio condutor que tornaria este projecto exequível e sairia, agora sem sombra de dúvida, enriquecido.

As questões morais que projectámos abordar quando começámos a definir o esquema desta dissertação e do trabalho a desenvolver com o grupo/turma são bastante pertinentes e encontram-se, mais do que nunca, na actualidade.

Ficando cada vez mais animados e ansiosos para ver concluída a operacionalização deste projecto, que se tornava cada vez mais fascinante: passar da acção para o papel todo o turbilhão de ideias que iam surgindo, à medida que os períodos avançavam no tempo, foi o mais difícil de concretizar.

Na penúltima semana de Maio surgiu uma actividade, com carácter de novidade no nosso Agrupamento, que nos fez pensar: de facto até há coincidências.

Iria ser inaugurada na Escola (a maior do concelho) a tão prometida Biblioteca Escolar. Foi pedido, a cada turma da escola, um trabalho sobre esta temática que nos traz a todos tão empenhados para resolver e ultrapassar: o baixo nível de literacia, o papel das bibliotecas, dos livros e da leitura.

Este pedido foi de encontro ao nosso projecto e começámos a pensar em elaborar um cartaz com algumas razões para ler, onde desenhámos um cofre do Saber e cada aluno construiu um livro que assinou na lombada.

A turma manteve-se tão motivada como até então e acolheu mais esta proposta com agrado e com o empenho de sempre, prometendo fazer o melhor que pudesse.

Dois alunos por grupo/turma mostraram e leram o cartaz que foi, posteriormente colado na parede da nova Biblioteca Escolar, com a pompa e circunstância, que a ocasião merecia.

Muitas mais obras foram lidas e trabalhadas, o projecto prometido foi realizado com sucesso e não fosse o facto, de estar a leccionar a setenta e cinco quilómetros da minha residência, tendo como inimigos o cansaço e a distância, também as famílias teriam sido envolvidas e partilhado o espaço da “Hora do Conto – Sala de Pequenos (Grandes) Leitores”.

A comunidade de leitores está viva e assim se manterá!

Dou por concluído e bem empregue este trabalho e, simultaneamente, esta dissertação.

Cremos ter respondido às exigências, no âmbito da literacia, que a escola, como seu agente, tem sempre uma responsabilidade acrescida.

Imagem 12 – Cartaz conclusivo do trabalho desenvolvido pela turma



BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, F. (2004). *Literatura infantil. Gostosuras e bodices*. São Paulo: Editora Scipione.

ALBANESE, O. (1999). "Children`s story comprehension." In *Psychology of Language and Communication*.

AZEVEDO, F. (2006). *Lingua materna e literatura infantil - elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel.

AZEVEDO, F. (2006). *Literatura infantil e leitores: das Teorias às Práticas*. Braga: Instituto de Estudos Criança.

AZEVEDO, F.(2009). "Literacias: contextos e práticas." In *Modelos e Práticas em Literacia*, AZEVEDO, F. e SARDINHA. M. G. (Coord.). Lisboa: Lidel.

AZEVEDO, F. e COUTINHO, V. (2007). "A importância do ensino básico na criação de hábitos de leitura: o papel da escola." In *Formar leitores – das teorias às práticas*. AZEVEDO, F. (Coord.). Lisboa: Lidel.

BALÇA, A. (2007). "A promoção de uma educação multicultural através da literatura infantil e juvenil." In *Língua materna e literatura infantil elementos nucleares para professores do ensino básico*. AZEVEDO, F (coord.). Lisboa: Lidel.

BARROS, E. (2008). "Escrita criativa: uma janela aberta para um novo mundo." In *Noesis*. Revista Trimestral, nº 72, Janeiro/Março, pp.34-37.

BETTELHEIM, B. (1978), *Les Contes de Perrault*, Paris: Éditions Seghers.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.

CABRERO, M. (2000). "Lectura sin márgenes. Taller sobre la lectura en la escuela. Leer en compañía." In *Leer en plural, 8ª jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*. Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

CALÇADA, T. (2007). "Prefácio, XI." In *Formar leitores - das teorias às práticas*. AZEVEDO, F. (coord.). Lisboa: Lidel.

CAMÕES, L. (1984). *Lusíadas*. Canto VI, estrofas 39-40-42. Círculo de Leitores.

CERRILLO, P., LARRANAGA, E. & YUBERO, S. (2002). *Libros, lectores y mediadores. La formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha.

COLOMER, T. (s/d). *Andar entre livros. La formación del lector literário: narrativa infantil e juvenil actual*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez,

COLOMER, T. (2003). *A Formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global Editora.

FERNANDES, P. (2007). "Livros, leitura e literacia emergente: algumas pistas acerca do espaço e do tempo dos livros na promoção da linguagem e literacia emergente em contexto de Jardim - de – Infância." In *Formar leitores – das teorias às práticas*. AZEVEDO, F. (coord.). Lisboa: Lidel.

FREEBODY (eds.) *Constructing critical literacies. Teaching and learning textual practices*. Cresskill, NJ: Hampton Press.

GEE, J. P. (1996). *Social linguistics and literacies. Ideology In discourse*. 2ª ed. London: Taylor & Francis.

GEE, J. P. (2000). "Discourse and sociocultural studies in reading." In <http://www.readingonline.Org/articles/handbook/gee/>.

JOLIBERT, J. (1984). "Formar crianças leitoras." In *Colecção práticas pedagógicas*. Porto: Edições Asa.

LELAND, C. H. & HARSTE, J. (2000), "Critical literacy: enlarging the space of the possible." In *Primacy Voices*, k-6. Vol. 9.

LENTIN, L. (1983). *Du parler au lire*. Paris: Les Editions ESF.

LOPES, F. (2009). "A Literatura para a infância e a compreensão leitora: a escola e a formação de leitores." In *Modelos e Práticas em Literacia*. AZEVEDO, F. e SARDINHA, M. G. (coord.) Lisboa: Lidel.

LÓPEZ, R. e CORCHETE, T. (2000). "Leer en compañía." In *Leer en plural, 8ª jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*. Fundación Germán Sánches Ruipérez.

LUKE, A. & FREEBODY, P. (1999). *Further notes on the four resources Model. reading online*.
(<http://www.readingonline.org/past/ndex.asp?HERF=/research/luke/lukefreebody.html>).

Ministério da Educação (2001). *Resultados do Estudo Internacional Pisa 2000*. Lisboa.

MACEDO, T. e SOEIRO, H. (2009). "A emergência da leitura no Jardim-de-Infância: os tapetes narrativos." In *Modelos e práticas em literacia*. AZEVEDO, F. e SARDINHA, M. G. (coord.). Lisboa: Lidel.

MATA, L. (2008). *A descoberta da Eescrita - textos de apoio para educação de infância*. Lisboa: DGIDC.

MONTES, G. (2000). "Elogio de la perplejidad." In *Leer en plural, 8ª jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*. Fundación Germán Sánches Ruipérez.

NOBRE, A. (1959). *Só*. Porto: Livraria Tavares Martins.

PENNAC, D. (1992). *Comme un roman*. Paris: Gallimard.

PEREIRA, I. (2009). “Literacia crítica: concepções teóricas e práticas pedagógicas nos níveis iniciais de escolaridade.” In *Modelos e práticas em literacia*. AZEVEDO, F. e SARDINHA, M. G. (coord.) Lisboa: Lidel.

PONTES, V. e BARROS, L. (2007). “Formar leitores críticos, competentes, reflexivos: o programa de leitura fundamentado na literatura.” In *Formar leitores – das teorias às práticas*. AZEVEDO, F (coord.). Lisboa: Lidel.

RIBEIRO, B. (1557). *Livro das saudades – História da Menina e Moça*.

RUURS, M., (2006). “Teachers as readers: practicing what you teach.” In *Reading Today*, v. 23, n.4, 22.

SÁIZ, C. (2007). “A promoção da leitura na bibliotecas municipais de A Corunha.” In *Formar leitores – das teorias às práticas*. AZEVEDO, F. (coord.). Lisboa: Lidel.

SANTANA, I. e NEVES, M. C. (1997). *Cultivar o gosto pela leitura. Formação Contínua de Professores*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação.

SARDINHA, G. (2007). “Formas de ler: Ontem e hoje.” In *Formar leitores – das teorias às práticas*, AZEVEDO, F. (Coord.). Lisboa: Lidel.

SARDINHA, G. e RATO, R. (2009). “Narrativa, identidade e literatura infantil.” In *Modelos e práticas em literacia*, AZEVEDO, F. e SARDINHA, M. G. (Coord.). Lisboa: Lidel.

SARDINHA, G. e RELVAS, A. (2009). “O resumo: técnicas de ensino explícito.” In *Modelos e práticas em literacia*, AZEVEDO, F. e SARDINHA, M. G. (Coord.). Lisboa: Lidel.

SILVA, G. (2007). “O imaginário na literatura infanto-juvenil: Leituras entre mãos.” In *Formar leitores - das teorias às práticas*. AZEVEDO, F. (coord.). Lisboa: Lidel.

SIM-SIM, I. (2002). “Prefácio.” In *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.

SIM-SIM, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Asa.

SIM-SIM, I. (coord.) (2006) – *Ler e ensinar a ler*. Porto: Asa.

SOUZA, R. (2006), “No mundo da literatura: dos manuais escolares aos livros de literatura infantil.” In *Literatura Infantil e Leitores. Da teoria às práticas*, Fernando A., (coord.). Braga: Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna, Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

SOUZA, R. J., MOURA, A. M. e SOUZA, S. F. (2006). “Leitura independente: estratégias de leitura a partir do texto literário.” In *Literatura infantil e leitores. Da teoria às práticas*. AZEVEDO, F. Braga: Instituto de Estudos da Criança.

TRAÇA, M. E. (1992). *O fio de memória: do conto popular ao conto para crianças*, 2ª Edição. Porto: Porto Editora.

YOPP, H. K. & YOPP, R. H. (2006). *Literature based reading activities*. Boston: Pearson.

WUNENBURGER, J. & ARAÚJO, A. F. (2003a). “Introdução ao imaginário.” In *Variações sobre o imaginário – domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*, ARAÚJO, A. F. & BAPTISTA, F. P., (coord.). Lisboa: Instituto Piaget.

VASQUEZ, V. (2003). "Getting beyond «I Like The Book». Creating space for critical literacy." In *K-6 Classrooms*. Newark, Delaware: IRA.

ZEVENBERGEN, A. A., WHITEHURST, G. J. (2003) "Dialogic Reading: a Shared Picture Book Reading Intervention for Preschoolers" in Kleeck, A. V., Stahl, S. A. & Bauer, E. B. (Eds.). *On Reading Books To Children: Parents And Teachers*. New York: Lawrence Erlbaum Ass.

ZILBERMAN, R. (org.) (1988). *Leitura em crise na escola: As alternativas do professor*. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

WEBGRAFIA

ERA UMA VEZ... SOBRE OS CONTOS TRADICIONAIS NA LITERATURA INFANTIL [ARTIGO]

<http://sociedadepsicologia.wordpress.com/2008/01/18/era-um-vez-sobre-os-contos-tradicionais-na-literatura-infantil/> - 24/10/09

FUNDACIÓN GERMÁN SÁNCHEZ RUIPEREZ

<http://www.fundaciongsr.es/index.php> - 24/10/09

<http://sitio.dgfdc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/> - 24/11/09

<http://port1c.blogspot.com/2007/12/reunio-sobre-reformulao-dos-programas.html> - 02/01/10

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index.php?s=textos&pid=1521&tab1id=1485&tab2id=1485> – 07/02/10

LEITURA, LITERATURA INFANTIL E ILUSTRAÇÃO

<http://li.iec.uminho.pt/resumos2003.htm> - 16/03/10

PROMOÇÃO DA LEITURA “O CONTO”

[http://www.notpositiva.co./superior/profensinobasico/literatura/promocaoleitura.t
m - 18/03/10](http://www.notpositiva.co./superior/profensinobasico/literatura/promocaoleitura.htm)

10 MOTIVOS PARA LER LIVROS ACTUAIS

[http://www.lendoorg/10-motivo-para-ler-livros-actuais/ - 18/03/10](http://www.lendoorg/10-motivo-para-ler-livros-actuais/)

LITERATURA PARA CRIANÇAS E DESENVOLVIMENTO PESSOAL

[http://www.eselx.ipl.pt/curso_bibliotecas/infanto_juvenil/tema3htm - 20/03/10](http://www.eselx.ipl.pt/curso_bibliotecas/infanto_juvenil/tema3htm)

PROJECTO NO ÂMBITO DO PLANO NACIONAL DE LEITURA VAMOS TODOS LER+

<http://www.eb23->

[tondela.rcts.pt/site%20da%BECRE/PNL%20PROJECTO%20AET.pdf-](http://www.tondela.rcts.pt/site%20da%BECRE/PNL%20PROJECTO%20AET.pdf)
20/03/10

[http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/ - 05/04/10](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/)

CAMINHO DAS LETRAS

[http://e-livros.clube-de-leituras.pt/cdl/ -05/04/10](http://e-livros.clube-de-leituras.pt/cdl/)

NARRATIVA

[http://pwp.netcabo.pt/0511134301/narrativ.htm - 05/04/10](http://pwp.netcabo.pt/0511134301/narrativ.htm)

PNEP

O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos

Ensino da Escrita: a dimensão textual

O Conhecimento da Língua : Desenvolver a consciência fonológica

[http://sitio.dgidc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/PNEP.aspx -12/04/10](http://sitio.dgidc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/PNEP.aspx)

[http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/upload/orientacoes/brochuracompleta
_1ciclo.pdf -21/04/10](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/upload/orientacoes/brochuracompleta_1ciclo.pdf)

**CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO – COMPETÊNCIAS
ESSENCIAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

<http://www.dgigc.min-edu.pt/fichdown/livrocompetencias/LinguaPortuguesa.pdf>

- 25/04/10

PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO BÁSICO

Carlos Reis (coord.)

Ana Paula Dias, Assunção Themudo Caldeira Cabral, Encarnação Silva,
Filomena Viegas, Glória Bastos. Irene Mota, Joaquim Segura, Mariana Oliveira
Pinto Lisboa, Dezembro de 2008 - [http://sitio.dgicd.min-
edu.pt/linguaportuguesa/Documents/Programas_LPEB.pdf](http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/Programas_LPEB.pdf)-25/04/10

ANEXOS



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

Nome: _____ Data: _____

Canção Infantil – “TODOS OS PATINHOS”

(Letra)

Todos os patinhos
sabem bem nadar
Cabeça para baixo
rabinho para o ar

Quando estão cansados
da água vão sair
Depois, em grande fila
p'ró ninho querem ir





Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

Nome: _____ Data: _____

ESCRITA DE TEXTO CRIATIVO

Com as palavras da área vocabular de PATINHO vamos escrever um texto colectivo, mas há uma condição a ter em conta:

- a palavra PATINHO não poderá aparecer no vosso texto!

Ilustra o texto:

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the student to draw an illustration related to their text.

Bom trabalho!



Nome: Juliana nº15 Data: 12-11-09

ESCRITA DE TEXTO CRIATIVO

Com as palavras da área vocabular de PATINHO vamos escrever um texto colectivo, mas há uma condição a ter em conta:

- a palavra PATINHO não poderá aparecer no vosso texto!

Na quinta do pai de Tomás, há um bonito lago que está cheio de água. Nesse lago, o Tomás gosta de nadar e de pescar, ao lado do lago há um bonito jardim com muita relva. O Tomás sentia-se maravilhado, na quinta do pai!

Ilustra o texto:



Bom trabalho!



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: _____ Data: _____

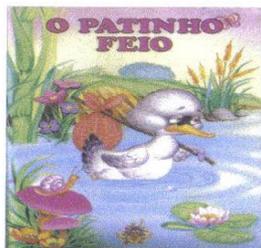
Ficha acerca da História do Patinho Feio:

Agora que já conheces bem esta história, vamos descrever o Patinho, o que pensava, o que pretendia, como era...

PARA APRENDER:

A isto se chama fazer o retrato físico (se era feio, bonito, gordo, magro,...) e psicológico (se era alegre, triste,...) de uma personagem ou pessoa.

O Patinho era...



- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

Concluimos que esta personagem era _____



Nome: Helena Nunes 3 Data: 16/11/09

Ficha acerca da História do Patinho Feio:

Agora que já conheces bem esta história, vamos descrever o Patinho, o que pensava, o que pretendia, como era...

PARA APRENDER:

A isto se chama fazer o retrato físico (se era feio, bonito, gordo, magro,...) e psicológico (se era alegre, triste,...) de uma personagem ou pessoa.

O Patinho era...



- feio
- grande
- desjeitado
- triste
- sozinho
- desanimado
- rejeitado

Concluimos que esta personagem era feia, grande, triste e sentia-se rejeitada por todos.



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: _____ **Data:** _____

Trabalho de casa:

Grupo: Eu/Meus pais

Neste fim-de-semana, à semelhança do que fiz na escola, vou fazer, com a ajuda dos meus pais, o meu retrato físico e psicológico

EU SOU...

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

Concluí que sou uma pessoa _____



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: João - aluno número 1 Data: 20-11-09

Trabalho de casa:

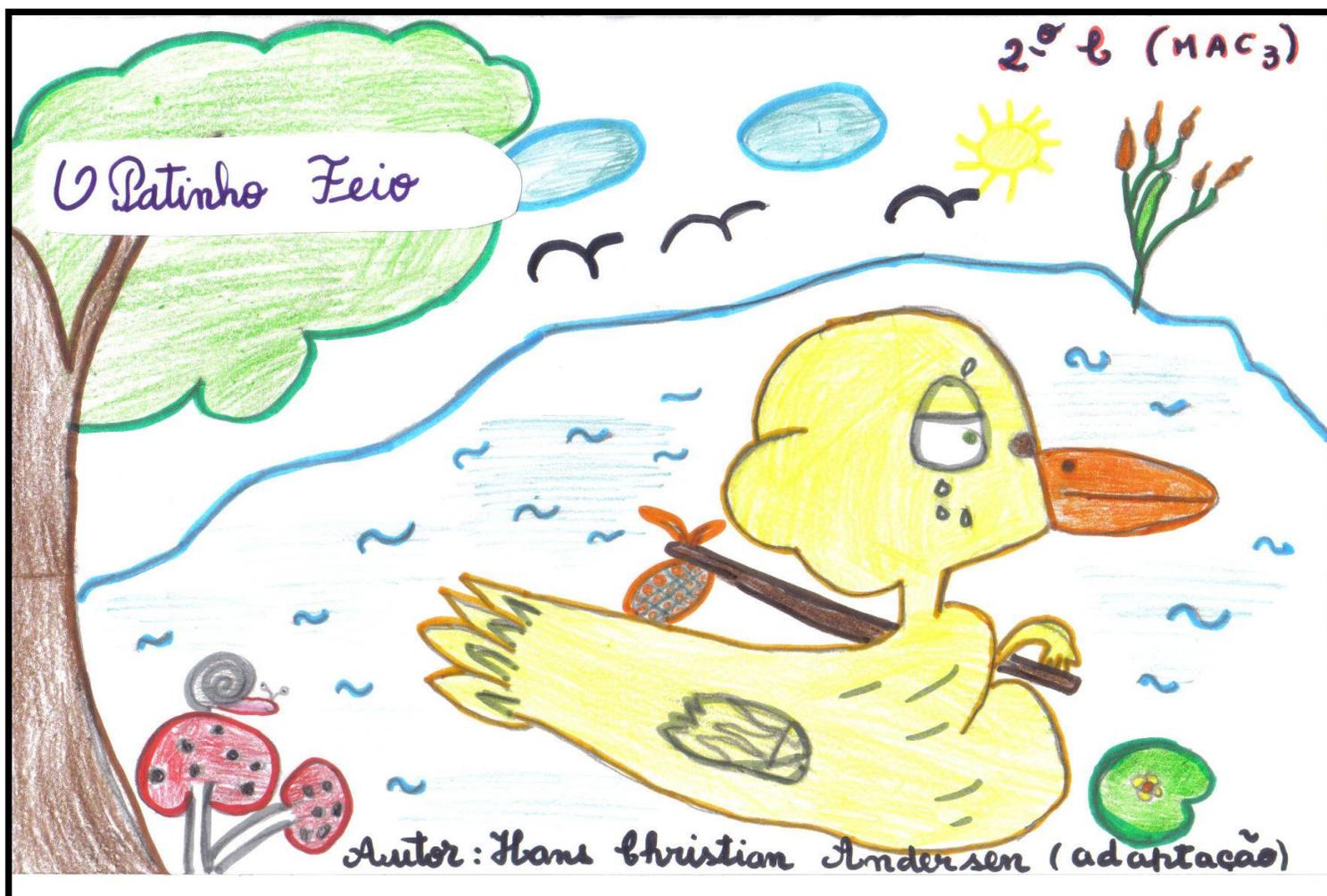
Grupo: **Eu/Meus pais**

Neste fim-de-semana, à semelhança do que fiz na escola, vou fazer, com a ajuda dos meus pais, o meu retrato físico e psicológico

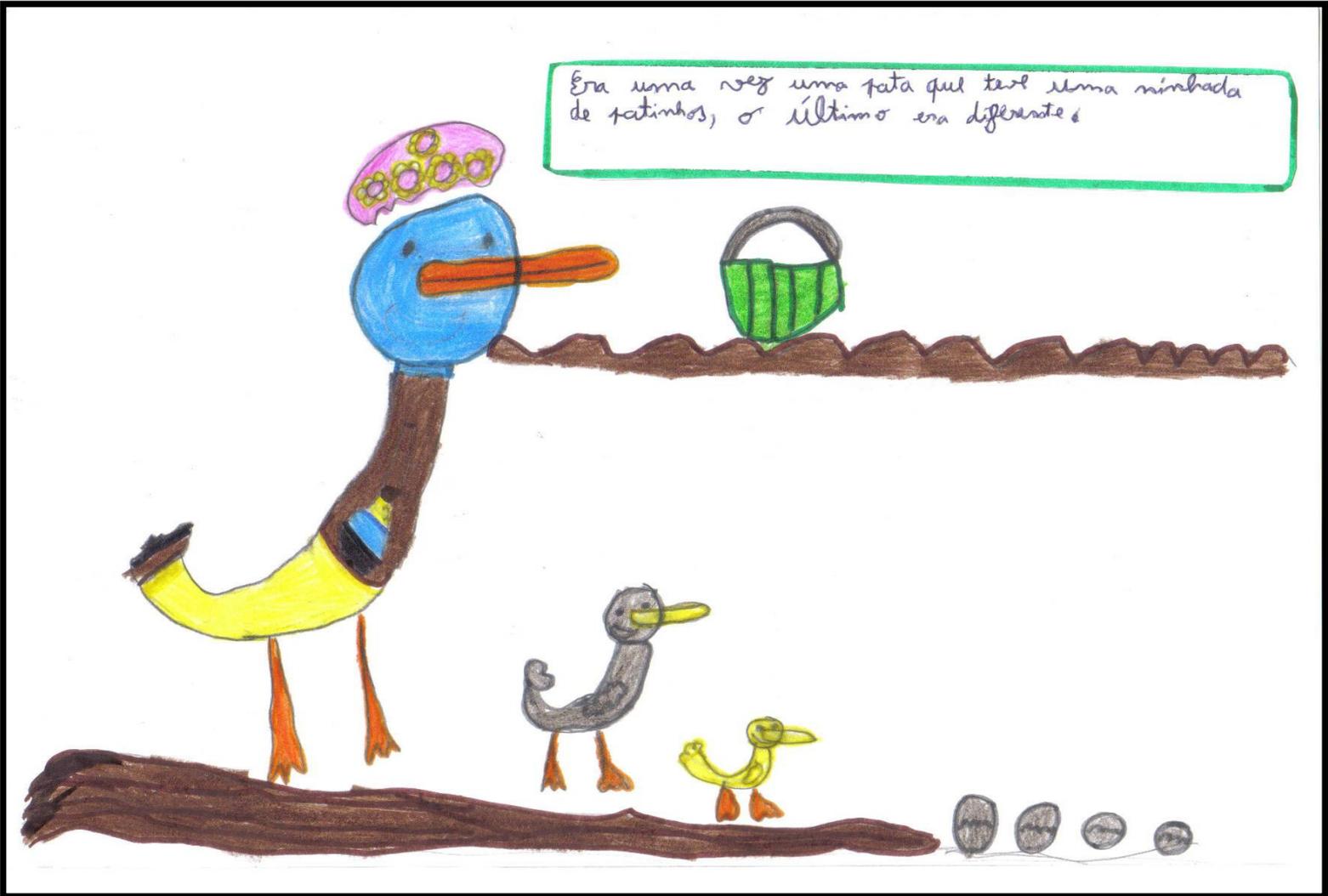
EU SOU...

- bonito
- olhos castanhos
- cabelo castanho
- alto
- inteligente
- feliz
- engraçado

Concluí que sou uma pessoa com aspecto bonzinho, alto, feliz e engraçado.

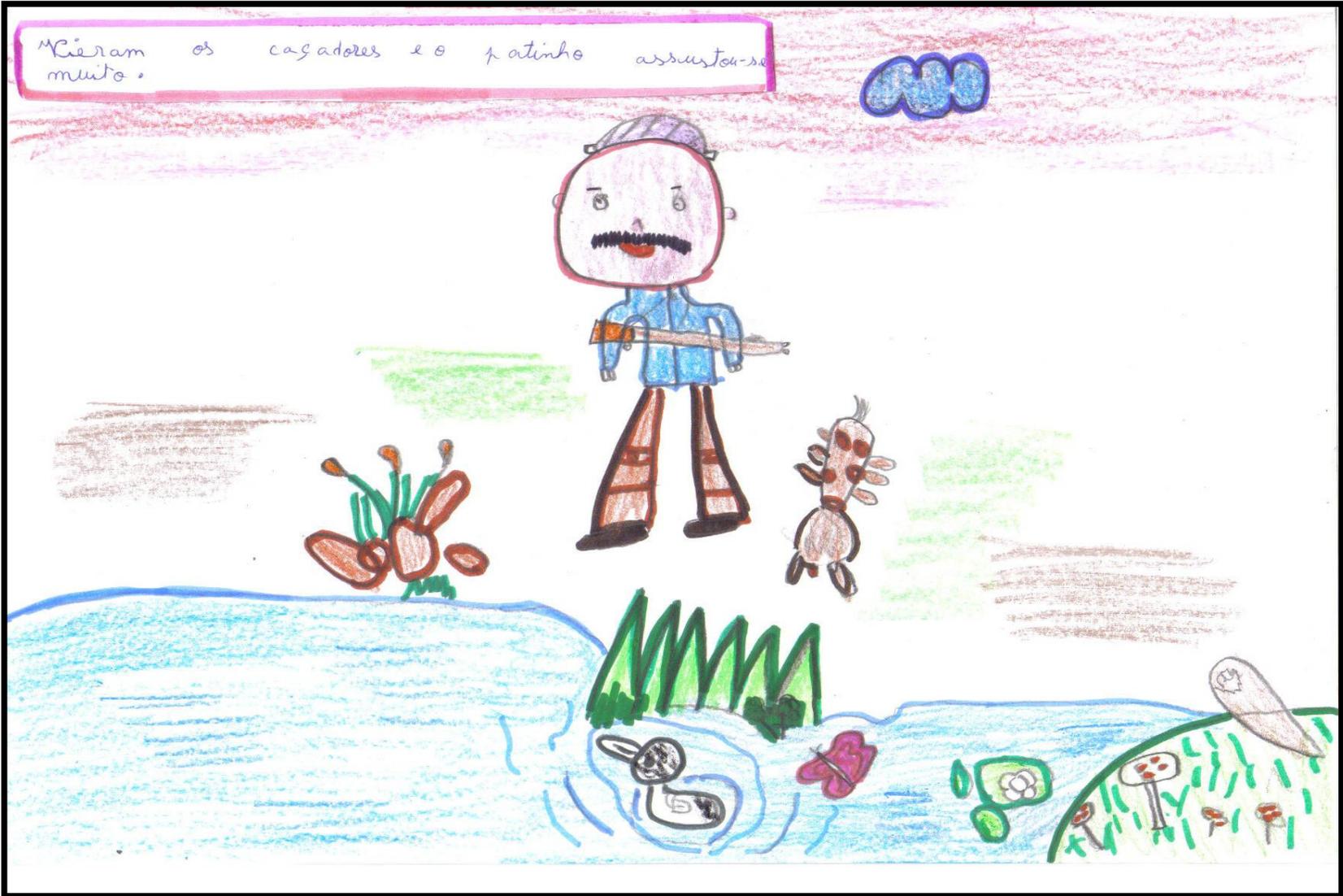


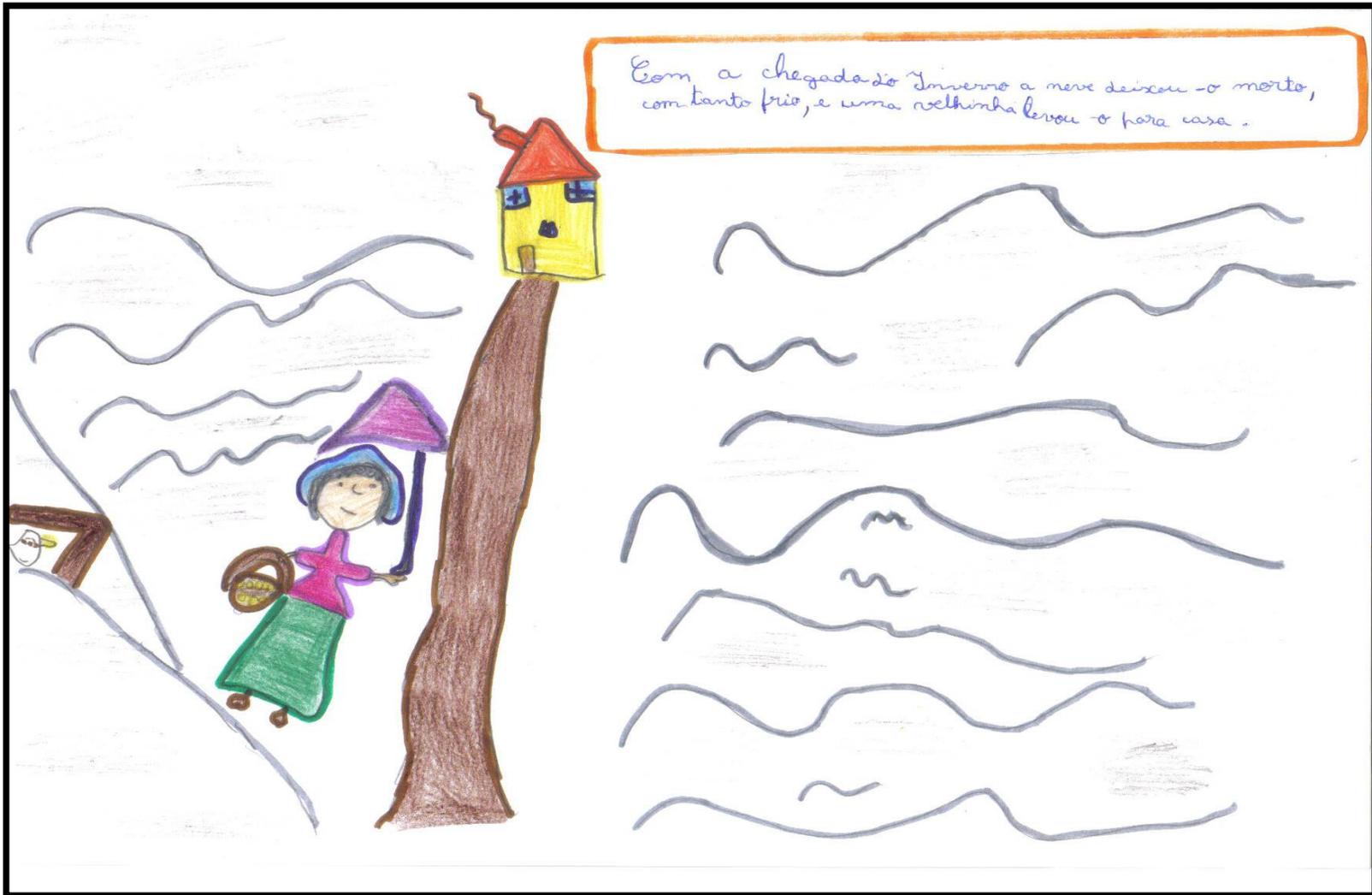
Era uma vez uma pata que teve uma ninhada de patinhos, o último era diferente.



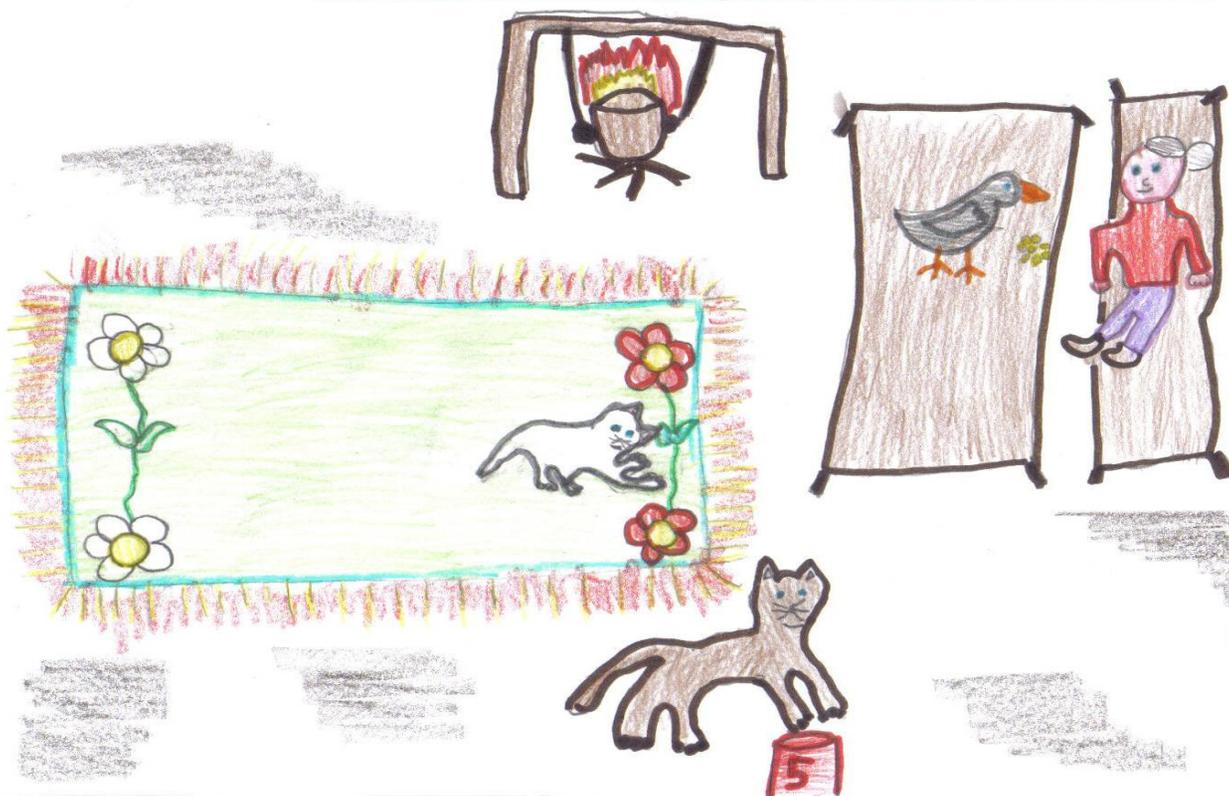


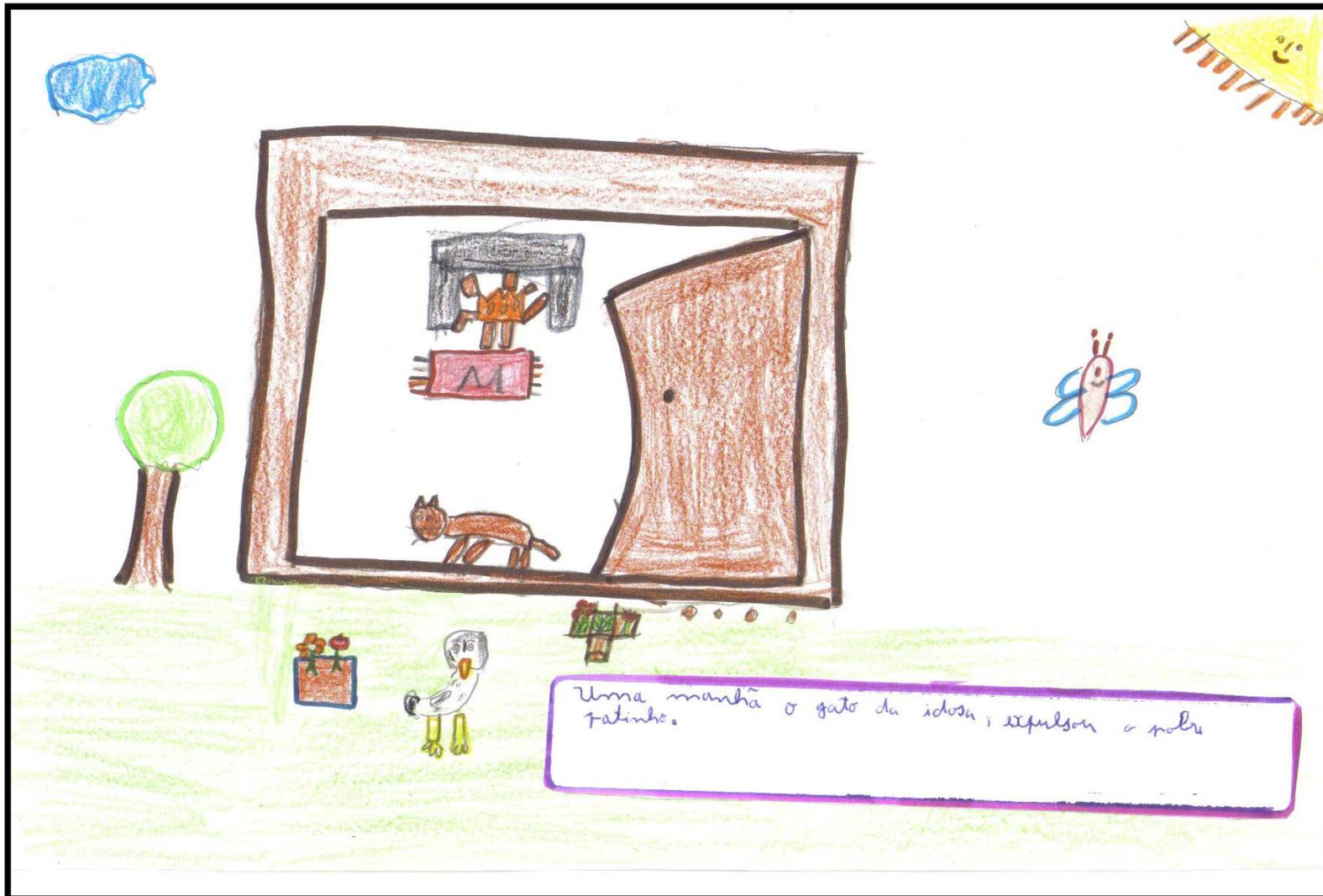
Miriam os caçadores e o patinho assustou-se muito.



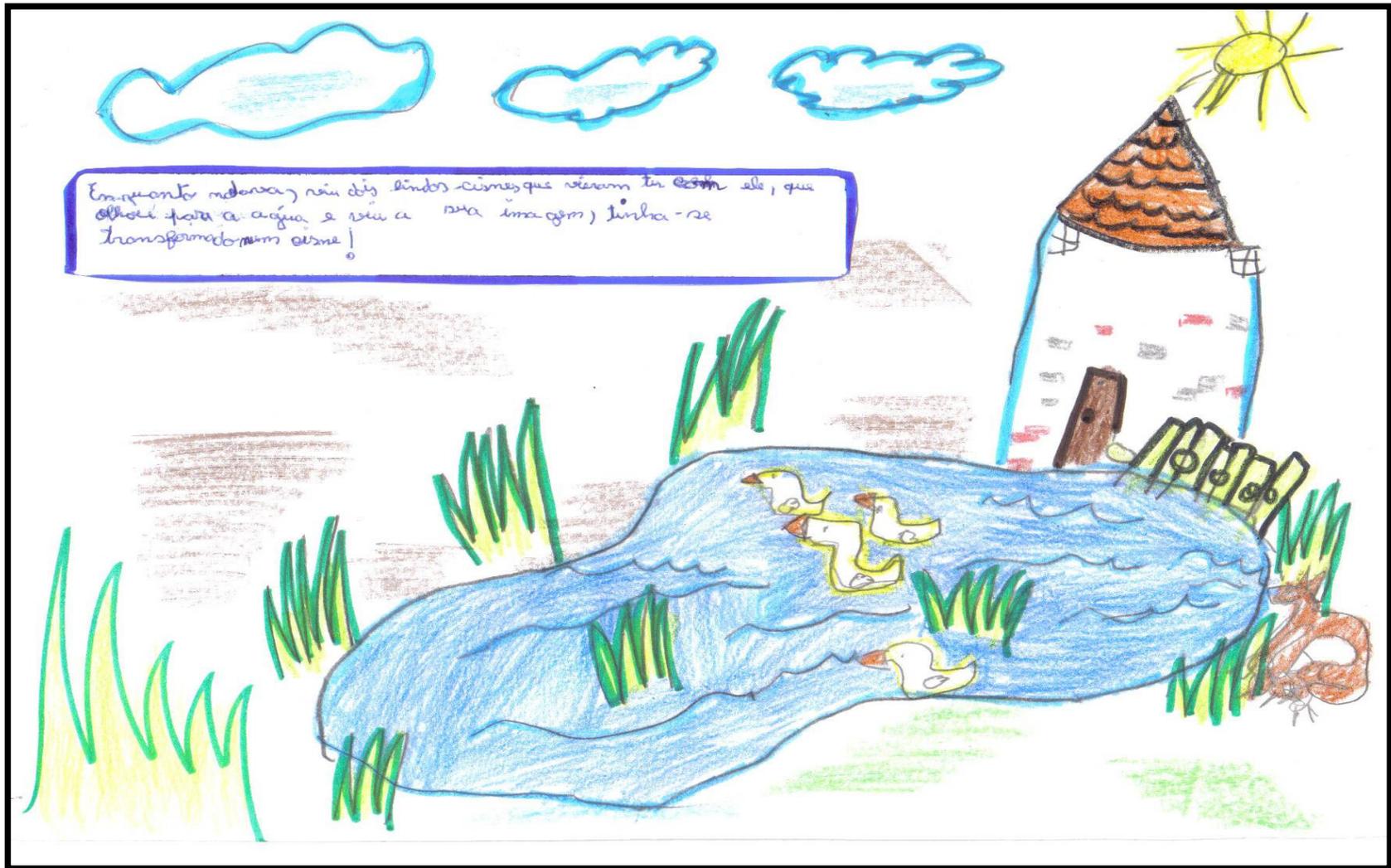


A velha senhora levou-o pensando que era uma pata para lhe dar ovos, mas deixou-o ficar.





Uma manhã o gato da idosa, expulsou o polvo
fatinho.



Emquanto melancia viu dois lindos cisnes que vieram lá perto dele, que olhou para a água e viu a sua imagem, juntou-se transformado em cisne!



ANEXO 6



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: _____
Data: _____

Verifico se estive atento (a)!

Agora que pudeste observar a capa e contra capa do livro que a professora mostrou, vais tentar preencher este quadro.

Lê com atenção todas as perguntas e responde a cada uma das questões na coluna da direita:

Vejo se sei:	
<ul style="list-style-type: none">• Sabes como se chama esta história?	
<ul style="list-style-type: none">• Que mais te chamou a atenção para além do título?	
<ul style="list-style-type: none">• Onde está a ratinha? Porquê?	
<ul style="list-style-type: none">• Achas que a ratinha está apaixonada?	
<ul style="list-style-type: none">• E o elefante, já reparaste bem nele?	



Nome: Helena m^s 17 Data: 22-01-10

Verifico se estive atento (a)!

Agora que pudeste observar a capa e contra capa do livro que a professora mostrou, vais tentar preencher este quadro.

Lê com atenção todas as perguntas e responde a cada uma das questões na coluna da direita:

Vejo se sei:	
• Sabes como se chama esta história?	Sim sei!
• Que mais te chamou a atenção para além do título?	O elefante ser amigo de uma ratinha.
• Onde está a ratinha? Porquê?	A ratinha estava escondida no bone do elefante.
• Achas que a ratinha está apaixonada?	Não, ela só queria ser amiga do elefante.
• E o elefante, já reparaste bem nele?	Sim, usa óculos.

<ul style="list-style-type: none"> Já observaste a contra capa? Que achaste? 	<p>acho que a ratinha tem um ar feliz.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Ah! Então já tens algumas informações sobre esta nova história, ou não? 	<p>Mais ou menos, sei que a história irá falar do elefante e da ratinha.</p>
<p>Conclusões a que cheguei:</p>	
<p>Penso que a história será sobre uma ratinha e um elefante com óculos, que não sabemos porque é que usa óculos tão escuros.</p>	

Bom trabalho!



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: _____ **Data:** _____

Ficha sobre a nova História (O Elefante Zacarias):

Depois de bem observar a capa e contra capa da nova obra a trabalhar este 2º período, vou ver se já sei:

(Respondo colocando uma **X** na resposta que considero a mais correcta.)

	Sim	Não	Não Sei
Já sei qual o título do livro?			
Gostei da capa do livro?			
Sei como se chama a personagem principal da história?			
Sei qual a relação do elefante com a ratinha?			
Sei qual o tema de que fala a história?			

Avalio as minhas respostas:



Respondi **sim** a tudo!



Respondi alguns **não** e **não sei**!



Respondi a tudo **não** e **não sei**!



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: aluno número: 18 Data: 24/07/10

Ficha sobre a nova História (O Elefante Zacarias):

Depois de bem observar a capa e contra capa da nova obra a trabalhar este 2º período, vou ver se já sei:

(Respondo colocando uma X na resposta que considero a mais correcta.)

	Sim	Não	Não Sei
Já sei qual o título do livro?	X		
Gostei da capa do livro?	X		
Sei como se chama a personagem principal da história?	X		
Sei qual a relação do elefante com a ratinha?	X		
Sei qual o tema de que fala a história?	X		

Avalio as minhas respostas:



Respondi **sim** a tudo!



Respondi alguns **não** e **não sei**!



Respondi a tudo **não** e **não sei**!



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: _____ Data: _____

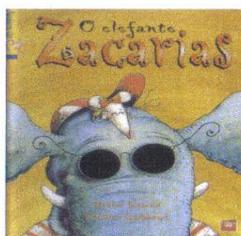
Ficha acerca da História do Elefante Zacarias:

Agora que já conheces bem esta nova história, vamos descrever o Elefante, o que pensava, o que pretendia, como era...

AINDA TE LEMBRAS?

A isto se chama fazer o retrato físico (se era feio, bonito, gordo, magro,...) e psicológico (se era alegre, triste,...) de uma personagem ou pessoa.

O Zacarias era...



- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

Concluimos que esta personagem _____



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



Nome: Adelma nº 8 Data: 28-01-10

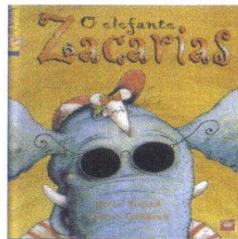
Ficha acerca da História do Elefante Zacarias:

Agora que já conheces bem esta nova história, vamos descrever o Elefante, o que pensava, o que pretendia, como era...

AINDA TE LEMBRAS?

A isto se chama fazer o retrato físico (se era feio, bonito, gordo, magro,...) e psicológico (se era alegre, triste,...) de uma personagem ou pessoa.

O Zacarias era...



- grande
- cinzento
- caço
- nete - se assusta
- amigo
- brincalhão
- empregado

Concluimos que esta personagem é um elefante cinzento e grande, era caço e amigo dos seus amigos. (?)

ANEXO 9



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação

Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)



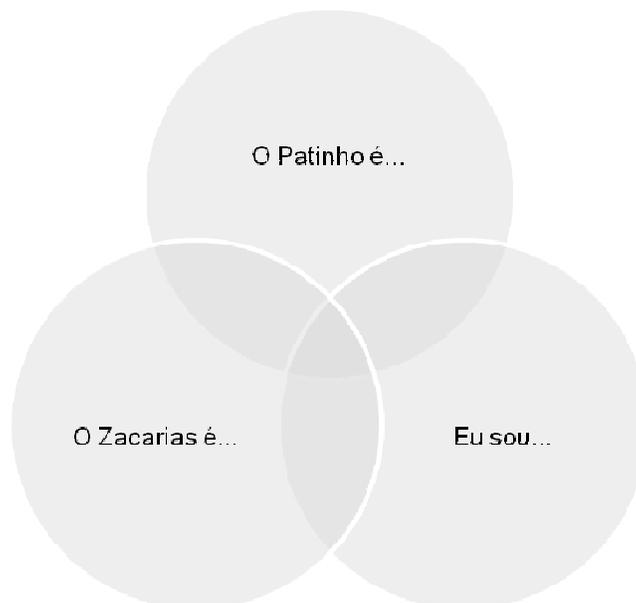
Nome: _____
Data: _____

Trabalho de casa:

Grupo: Eu/Meus pais

Neste fim-de-semana vou fazer, com a ajuda dos meus pais e agora que já trabalhámos duas das histórias escolhidas, três retratos:

- o do Patinho, do Zacarias e o meu.



CONCLUSÃO: _____



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

Nome: _____

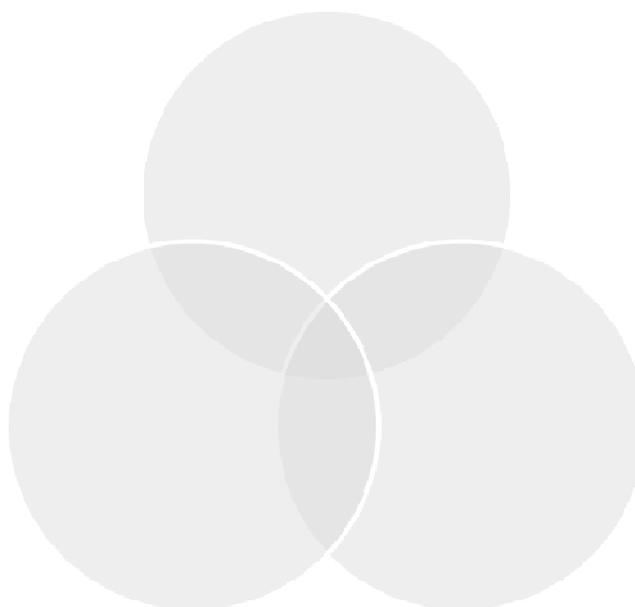
Data: _____

Trabalho de casa:

Grupo: Eu/Meus pais

Neste fim-de-semana vou fazer, com a ajuda dos meus pais e agora que já trabalhámos duas das histórias escolhidas, três retratos:

- o do Patinho, do Zacarias e o meu.



CONCLUSÃO: _____



Nome: aluna n.º 14 Data: 01/03/10

Trabalho de casa:

Grupo: **Eu/Meus pais**

Neste fim-de-semana vou fazer, com a ajuda dos meus pais e agora que já trabalhamos duas das histórias escolhidas, três retratos:

- o do Patinho, do Zacarias e o meu.

Patinho Feio

- feio
- triste
- desajeitado

- grande
- sozinho
- rejeitado

Elefante

- cinzento
- cego

- bonita
- pele clara
- olhos verdes
- simpática

Eu

CONCLUSÃO: Eu acho que o patinho e o elefante são parecidos, porque se sentam sozinhos e rejeitados.



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

Nome: _____

Data: _____

O Elefante Zacarias

Ficha de recolha de informações:

		Sim	Não
O que aprendi com este conto infantil?	• Percebi todas as palavras contidas na história?		
	• Aprendi palavras novas?		
	• Consigo dizer o que aprendi com a história?		
	• Percebi a "moral" da história?		
	• Fiquei com vontade de ler mais sobre este tema?		
	• Apetece-me contar a história aos meus pais?		
	• Vou contá-la a um amigo?		
	• Fiquei com vontade de ler mais obras deste autor?		

Se respondeste mais **SIM** que **NÃO** podes ficar contente, é sinal de que percebeste a história, a sua moral, queres ler mais sobre este e outros temas.

Parabéns!



Nome: Almeida, Bárbara Data: 01/03/10

O Elefante Zacarias

Ficha de recolha de informações:

		Sim	Não
O que aprendi com este conto infantil?	• Percebi todas as palavras contidas na história?	X	
	• Aprendi palavras novas?	X	
	• Consigo dizer o que aprendi com a história?	X	
	• Percebi a "moral" da história?	X	
	• Fiquei com vontade de ler mais sobre este tema?	X	
	• Apetece-me contar a história aos meus pais?	X	
	• Vou contá-la a um amigo?	X	
	• Fiquei com vontade de ler mais obras deste autor?	X	

Se respondeste mais **SIM** que **NÃO** podes ficar contente, é sinal de que percebeste a história, a sua moral, queres ler mais sobre este e outros temas.

Parabéns!



Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação - 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

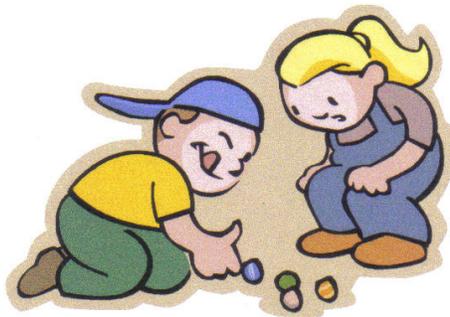
Nome: _____ **Data:** _____

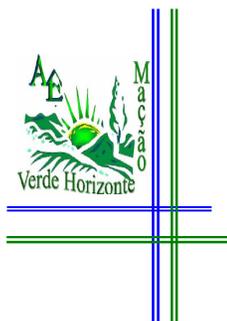
Canção - "TER UM AMIGO"

(Letra)

(Refrão)

Ter um amigo
Na vida é tão bom ter amigos
A gente precisa de amigos do peito,
Amigos de fé
Amigos irmãos, igual a eu e você
Amigos!





Agrupamento de Escolas Verde Horizonte - Mação



Escola Básica de Mação – 2009/2010

2º Ano Turma: C (MAC 3)

Nome: _____
Data: _____

“Meninos de todas as cores”

Ficha de trabalho para perceberes

melhor a história.

Irás resolvendo a ficha à medida que fores

descobrendo as respostas, caso ainda não as saibas!



SUGESTÕES PARA APRENDERES MAIS:

1. Imagina que és a personagem de um dos meninos da história.

1.1. Como te sentes? _____

1.2. O que pensas das outras personagens? _____

2. Imagina que estás num dos locais da história.

2.1. O que podes ver? _____

2.2. Que cheiros sentes? _____

2.3.	Que sons ouves? _____ _____
2.4.	Podes tocar nalguma coisa? _____
2.5.	Que sensações experimentas quando tocas nisso? _____ _____
3.	Em casa, com a ajuda dos teus pais, procura desenhar a história em banda desenhada.
4.	No fim-de-semana, tenta preparar a leitura desta história. Primeiro fá-lo sozinho (a), de seguida grava a tua leitura (se puderes). Faz a crítica à tua leitura, se leste bem ótimo. Se leste mal, aos “soluços” tenta de novo e pede ajuda aos pais.
5.	Conversa com os colegas acerca do texto “Meninos de todas as cores”, discutam e troquem opiniões.
6.	Vai-te preparando para organizar, ensaiar e representar um teatro acerca desta história para que os meninos da turma do 3º Ano (MAC 4) possam assistir e esperemos aplaudir!



Nome: Helena M^{re} 5 Data: 23/04/10

“Meninos de todas as cores”

Ficha de trabalho para perceberes
melhor a história.
Irás resolvendo a ficha à medida que fores
descobrendo as respostas, caso ainda não as saibas!



SUGESTÕES PARA APRENDERES MAIS:

1. Imagina que és a personagem de um dos meninos da história.

1.1. Como te sentes? Liuto-me bem, gostava
de ser a menina amarela.

1.2. O que pensas das outras personagens? Pobres que eram
engravidas.

2. Imagina que estás num dos locais da história.

2.1. O que podes ver? Loava ver muitos meninos
pretos, com cabelos corchos.

2.2. Que cheiros sentes? Cheiros da terra.

2.3. Que sons ouves? Uouo muitos animais como por
exemplo gorafas, leões, elefantes,...

2.4. Podes tocar nalguma coisa? Sim.

2.5. Que sensações experimentas quando tocas nisso? Lento - me
esquisito, com medo.

3. Em casa, com a ajuda dos teus pais, procura desenhar a história em banda desenhada.

4. No fim-de-semana, tenta preparar a leitura desta história.
Primeiro fá-lo sozinho (a), de seguida grava a tua leitura (se puderes).
Faz a crítica à tua leitura, se leste bem ótimo.
Se leste mal, aos "soluços" tenta de novo e pede ajuda aos pais.

5. Conversa com os colegas acerca do texto "Meninos de todas as cores",
discutam e troquem opiniões.

6. Vai-te preparando para organizar, ensaiar e representar um teatro
acerca desta história para que os meninos da turma do 3º Ano (MAC 4)
possam assistir e esperemos aplaudir!